



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCA)

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PEDRO AUGUSTO AMORIM FRANCO

**AÇÕES CULTURAIS PARA INCENTIVO À LEITURA EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

CATALÃO (GO)

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DESPACHO

Processo nº 23852.001693/2024-16

Interessado: @interessados_virgula_espaco@

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALAO

DESPACHO



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL
DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Catalão (UFCAT) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFCAT), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFCAT é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL BIBLIOGRÁFICO

Dissertação ou Tese? Dissertação

2. NOME COMPLETO DO AUTOR

Nome: PEDRO AUGUSTO AMORIM FRANCO

3. TÍTULO DO TRABALHO

Título: AÇÕES CULTURAIS PARA INCENTIVO À LEITURA EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

4. INFORMAÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO (ESTE CAMPO DEVE SER PREENCHIDO PELO ORIENTADOR)

Concorda com a liberação total do documento: SIM NÃO¹

[¹] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa.

Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor



Documento assinado eletronicamente por **MARIA PAULINA DE ASSIS, Professor(a) do Magistério Superior**, em 05/03/2024, às 22:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Augusto Amorim Franco, Usuário Externo**, em 06/03/2024, às 11:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0043768** e o código CRC **349E6E00**.

PEDRO AUGUSTO AMORIM FRANCO

**AÇÕES CULTURAIS PARA INCENTIVO À LEITURA EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação. Linhas de pesquisa: Educação popular e letramentos.

Orientadora: Professora Doutora Maria Paulina de Assis.

CATALÃO (GO)

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Franco, Pedro Augusto Amorim

Ações culturais para incentivo à leitura em bibliotecas universitárias : revisão sistemática da literatura / Pedro Augusto Amorim Franco. - 2024.

112, f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Paulina de Assis.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Faculdade de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2024.

Inclui gráfico, lista de figuras.

1. Ação cultural. 2. Leitura. 3. Bibliotecas universitárias. I. Assis, Maria Paulina de, orient. II. Título.

CDU 02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufcat.edu.br>

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DE Nº.316 SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE **PEDRO AUGUSTO AMORIM FRANCO**.

Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 15:00 horas, no Laboratório de Ciências - Universidade Federal de Catalão (UFCAT), reuniram-se os componentes da banca examinadora, a Profa. Dra. Maria Paulina de Assis - PPGEDUC/FAE/UFCAT - Orientadora; Profa. Dra. Elis Regina da Costa - PPGEDUC/FAE/UFCAT- Membro Interno; Profa. Dra. Andrea Pereira dos Santos - UFG - Membro Externo, para, em sessão pública de exame de Defesa de mestrado, de **Pedro Augusto Amorim Franco**, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Catalão, área de Concentração Educação, com trabalho intitulado "AÇÕES CULTURAIS PARA INCENTIVO À LEITURA EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA" . A sessão foi aberta pela presidenta da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida a/ao discente que, procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu o examinando. Durante a arguição os membros da banca não/fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, as arguidoras atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: DEFESA APROVADA, fazendo jus, portanto, ao título de **Mestre em Educação**, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT Em transição. A Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo: Art. 2. A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE-UFCAT, aos vinte e oito dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro.



Documento assinado eletronicamente por **MARIA PAULINA DE ASSIS, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/02/2024, às 11:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELIS REGINA DA COSTA, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/02/2024, às 23:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Pereira dos Santos, Usuário Externo**, em 04/03/2024, às 09:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0042541** e o código CRC **78BE5532**.

RESUMO

O ato de ler é um processo complexo que engloba várias características humanas e tem uma longa história. Desde os primeiros registros até os textos digitais, ele foi estudado em várias áreas, por diferentes autores e períodos. No entanto, o surgimento de livros digitais, a pirataria e o amplo acesso à Internet têm o potencial de diminuir o uso de bibliotecas físicas. Para combater essa tendência, ações culturais podem ser implementadas nas bibliotecas universitárias para promover a leitura e fornecer acesso a várias formas de cultura. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é identificar as ações culturais realizadas, discutir sua relevância no contexto das bibliotecas universitárias e suas contribuições para os alunos lerem além da leitura obrigatória exigida para seus cursos. Para isso, como método, utilizou-se a revisão sistemática da literatura por possuir um caráter abrangente e rigoroso. Para identificar os estudos e relatos de caso relevantes, construíram-se estratégias de buscas para serem realizadas no Portal de Periódicos da Capes e na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci). Nos anais do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) a busca foi realizada manualmente. Com um recorte temporal de 2002 a 2022, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 58 artigos foram selecionados para esta revisão, obtendo-se dados relevantes, que foram extraídos e organizados em uma planilha digital. Os dados coletados indicaram que a maioria dos trabalhos selecionados, foram publicados em periódicos das regiões Sudeste, Sul e Nordeste. Além disso, um maior volume de ações se concentrou durante a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, com palestras, apresentações musicais, oficinas e exposições artísticas sendo as ações mais realizadas. Os dados qualitativos indicaram que há uma valorização da ação cultural em si, sabendo-se da sua relevância, mas nem todos os relatos tinham como objetivo o incentivo à leitura. Observou-se que há um entendimento de que as ações culturais são um meio de promover a biblioteca e seu uso, fomentar a leitura e a cultura, dar espaço para discussões sobre temas diversos, incentivar a criatividade e a percepção crítica e situar a biblioteca em um espaço formador, dinâmico e de lazer. Em relação aos desafios indicados nos trabalhos observou-se que há uma dificuldade em engajar a equipe na realização das ações, conciliar som de apresentações culturais com ambiente de silêncio característico das bibliotecas, evitar a ação cultural ser somente uma animação com fins de diversão, a carga horária dos alunos com a graduação dificultam a participação nas ações culturais, a sobrecarga dos bibliotecários envolvidos no planejamento das ações devido outras demandas, ausência de orçamentos financeiros, inabilidade da equipe de planejamento das ações e fechamento da biblioteca por motivos externos, como a Covid-19. Portanto, os dados sugerem que ações culturais realizadas em bibliotecas universitárias têm contribuído no fomento da leitura e da cultura como uma prática social, não apenas sendo um entretenimento, mas impulsionando o diálogo na universidade, abrindo espaços de discussão sobre literatura para além da sala de aula, democratizando acesso à cultura e incentivando a criticidade das comunidades acadêmicas e, em alguns casos, das comunidades externas.

Palavras-chave: Ação cultural; leitura; bibliotecas universitárias.

ABSTRACT

The act of reading is a complex process that encompasses several human characteristics and has a long history. From the earliest records to digital texts, it has been studied across different areas, by various authors and during different periods. However, the rise of digital books, piracy, and widespread internet access have the potential to diminish the utilization of physical libraries. To counteract this trend, cultural initiatives can be implemented in university libraries to foster reading and offer access to diverse forms of culture. In this context, the research aims to identify the cultural actions carried out, discuss their relevance in university library settings, and explore their contributions to students reading beyond the mandatory requirements for their courses. As the method, a systematic literature review was employed due to its comprehensive and rigorous nature. To identify relevant studies and case reports, search strategies were devised for execution on the Portal de Periódicos da Capes and the Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci). The search in the proceedings of the Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) was conducted manually. Spanning from 2002 to 2022, after applying inclusion and exclusion criteria, 58 articles were selected for this review. Relevant data was extracted and organized into a digital spreadsheet. The data collected indicated that the majority of selected works were published in the Southeast, South and Northeast regions. Moreover, a higher volume of actions was concentrated during Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, with lectures, musical performances, workshops, and artistic exhibitions being the most frequently implemented activities. Qualitative data suggested an appreciation for cultural actions themselves, recognizing their relevance, but not all reports aimed to encourage reading. There was an understanding that cultural actions serve as a means of promoting the library and its utilization, fostering reading and culture, providing space for discussions on various topics, encouraging creativity and critical perception, and situating the library as a dynamic, educational, and leisure space. Regarding challenges indicated in the works, difficulties were observed in engaging the team, reconciling the sound of cultural presentations with the silent library environment, preventing cultural actions from being mere entertainment, and addressing obstacles like the workload of undergraduate students hindering participation. Other challenges included the overload of librarians involved in planning actions due to additional demands, lack of financial budgets, and the inability of the action planning team. Closure of the library for external reasons, such as Covid-19, was also noted as a challenge. Therefore, the data suggest that cultural actions in university libraries have contributed to promoting reading and culture as social practices, not merely as entertainment. These actions have facilitated dialogue within the university, opened spaces for discussing literature beyond the classroom, democratized access to culture, and encouraged critical thinking within academic and, in some cases, external communities.

Keywords: Cultural action; reading; academic libraries.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estela com registros em hieróglifos	21
Figura 2 – Retrato de Johannes Gutenberg impresso em prensa	23
Figura 3 – Fluxograma detalhando triagem para seleção dos estudos	70
Quadro 1 – Etapas para realizar uma RSL	63
Quadro 2 – Trabalhos selecionados nos Anais do SNBU 2002 a 2022	68
Quadro 3 – Critérios de inclusão e exclusão	69
Gráfico 1 – Publicações por ano	73
Gráfico 2 – Estados das instituições de vínculo dos primeiros autores	73
Gráfico 3 – Esfera das instituições de vínculo dos primeiros autores	74
Gráfico 4 – Formação dos primeiros autores	74
Gráfico 5 – Região dos periódicos	75
Gráfico 6 – Cidades das publicações dos Anais do SNBU	75
Gráfico 7 – Áreas do conhecimento dos periódicos e dos Anais do SNBU	76
Gráfico 8 – Ações realizadas durante e/ou fora da SNLB	76
Gráfico 9 – Quantidade de ações realizadas durante e fora da SNLB	77
Gráfico 10 – Tipos de ações realizadas	78
Gráfico 11 – Participantes das ações	78
Gráfico 12 – Local de realização das ações	79
Gráfico 13 – Ações realizadas por Estado	79
Gráfico 14 – Ações realizadas por região geográfica	80
Gráfico 15 – Ano de realização das ações relatadas	80
Gráfico 16 – Avaliação das ações pelos participantes	81

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVO GERAL.....	17
1.1.1	Objetivos específicos	17
1.2	JUSTIFICATIVA.....	17
1.3	PROBLEMA DA PESQUISA.....	19
2	CONTEXTUALIZANDO LEITURA	20
2.1	BREVE HISTÓRIA DA LEITURA.....	20
2.2	CONCEITUAÇÕES DA LEITURA.....	25
2.3	LEITURA: IMPORTÂNCIA E IMPLICAÇÕES.....	32
2.4	A UNIVERSIDADE E O INCENTIVO ÀS PRÁTICAS DE LEITURA.....	37
3	AÇÃO CULTURAL EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS	43
3.1	ENTENDENDO O CONCEITO DE CULTURA.....	43
3.2	AÇÃO CULTURAL: DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA.....	48
3.3	AÇÃO CULTURAL E LEITURA EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS.....	55
4	METODOLOGIA	60
4.1	REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....	60
4.2	BASES DE DADOS.....	64
4.3	DESCRITORES.....	65
4.4	ESTRATÉGIA DE BUSCA.....	65
4.4.1	Portal de Periódicos da Capes	66
4.4.2	Brapi (Base de Dados Referencial de Artigos em Ciência da Informação)	67
4.4.3	Anais do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU)	67
4.5	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	68
4.6	SELEÇÃO.....	70
4.7	DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS.....	71
4.8	DADOS EXTRAÍDOS.....	72
4.8.1	Indicadores bibliométricos	72
4.8.2	Dados quantitativos	76
4.8.3	Dados qualitativos	81
4.9	SÍNTESE DOS RESULTADOS.....	91
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
	REFERÊNCIAS	105

1 INTRODUÇÃO

Afirmar que a sociedade ou um determinado indivíduo lê muito pode abrir caminhos que enveredam por múltiplos sentidos. Por exemplo, ao se considerar o grande volume de leitura realizada ao utilizar o smartphone e manusear um computador, durante a rotina do dia a dia e/ou na leitura de um simples rótulo de um alimento na prateleira de um mercado, é possível afirmar, genericamente, que se lê muito. Essa genérica afirmação é possível, por haver um extenso e variado número de signos linguísticos espalhados pelos centros urbanos ou até mesmo em zonas rurais que corroboram para essa ideia. A leitura, nesse sentido, assume uma característica utilitária e se apresenta como uma atividade essencial para os seres humanos, principalmente para a convivência em sociedade. Soma-se a isso o grande número de informações disponíveis na *internet*, o que pode exigir o constante ato da leitura ao realizar uma simples navegação descompromissada. No entanto, considerando essa leitura que está presente no dia a dia e que exige a decodificação dos mais variados signos linguísticos, pode ser inapropriado afirmar que um indivíduo inserido em uma sociedade é um grande leitor, em decorrência da complexa definição de leitor e as implicações que envolvem o ato de ler.

Primeiramente, é importante ressaltar que essa leitura descentralizada e desfocada, não necessariamente, está vinculada à aquisição de novos saberes e conhecimentos. Geralmente, são leituras de textos rápidos, escritos em linguagem informal, com abreviações e sentidos explícitos, ou seja, assume uma característica de leitura utilitária. Por mais que a sociedade atual esteja submersa em textos escritos e signos linguísticos, essa leitura utilitária, essencial para a convivência humana em sociedade, age de maneira diferente no cérebro quando comparada à leitura de um livro ou de algum texto que exige maior concentração e envolve sentidos complexos.

Durante a leitura de um livro impresso, por exemplo, os capítulos e como o texto foi escrito desempenha papel fundamental na narração, impondo uma percepção da obra na totalidade, pelo leitor, enquanto na leitura fragmentada do mundo digital, há textos escritos desordenadamente, despojados de sentido e que não remetem a uma ideia na totalidade (Chartier; Santos; Dumont, 2022). Essa leitura, caracterizada pela rapidez e fragmentação, não questiona a veracidade do que é lido, sendo, portanto, o oposto do que se objetiva com a leitura paciente e crítica requerida pelo livro (Chartier; Santos, Dumont, 2022).

Assim, a leitura, apesar de estar presente no cotidiano e ser uma atividade, aparentemente automática e inata, envolve uma série de características humanas, tendo sua conceituação complexa, uma longa história e que se desenvolve a partir de estudos constantes

em diversas áreas do conhecimento, como a linguística, a psicologia, a educação, a ciência da informação, a história e a neurociência.

Há definições de diversos autores e períodos, desde os primeiros registros sobre o que viria a ser a escrita e a interpretação dos signos linguísticos até o que entendemos por leitura no século XXI, com a leitura de textos digitais. Contudo, a perspectiva de conceituação de leitura desta pesquisa é focada na leitura de livros e em como torná-la uma prática cultural de forma eficiente e estimulante, para que os alunos de instituições de ensino superior leiam além das leituras obrigatórias durante a formação acadêmica, instituindo hábitos e gosto pela leitura.

É perceptível com uma simples pergunta entender que a leitura é tida como uma atividade valorosa e primordial para a convivência em sociedade, tendo motivações majoritariamente positivas. Segundo a pesquisa Retratos da Leitura¹, publicado em 2020, dentre as principais motivações à leitura citadas, constam gosto pela leitura (26%), crescimento pessoal (17%), distração (14%), atualização cultural ou conhecimento geral (13%), aprender algo novo ou desenvolver alguma habilidade (11%), motivos religiosos (9%), exigência escolar ou da faculdade (4%), atualização profissional ou exigência do trabalho (4%) e outros motivos (1%), tendo ainda 1% que não souberam responder. Sobre as pessoas que influenciaram o gosto pela leitura, a pesquisa indicou que foram algum professor (11%), mãe ou responsável do sexo feminino (8%), pai ou responsável do sexo masculino (4%), algum outro parente (4%), padre, pastor ou líder religioso (1%), marido, esposa ou companheiro (a) (1%), outras pessoas (3%) e bibliotecário ou atendente de biblioteca, influenciador digital com nenhuma influência.

Salienta-se, também, que esta mesma pesquisa do Retratos da Leitura indicou que a sociedade brasileira, de modo geral, tem o hábito de ler em média 2 livros inteiros anualmente. Desta forma, observa-se que, apesar de a importância da leitura ser reconhecida como uma atividade positiva, há muita dificuldade em torná-la uma prática cultural na sociedade brasileira.

É importante observar que há ações e práticas que estimulam a leitura tanto no âmbito educacional quanto no privado. Instituições públicas, privadas, organizações sem fins lucrativos e filantrópicas realizam ações que estimulam a leitura em determinados locais e diferentes grupos sociais. No entanto, percebe-se que há uma grande dificuldade em tornar a leitura um hábito rotineiro, conforme constatado nos dados do último Retratos da Leitura.

Ainda que, segundo o Retratos da Leitura, o bibliotecário e auxiliares de biblioteca não tiveram papel relevante na influência pelo gosto de ler, as bibliotecas, de modo geral, são

¹ A pesquisa foi realizada em âmbito nacional, com o objetivo de obter dados sobre os hábitos de leitura no Brasil, coordenada pelo Instituto Pró-Livro (IPL). Foram entrevistadas 8067 pessoas em domicílios, em 208 municípios do Brasil, no período de outubro de 2019 a janeiro de 2020.

ambientes que envolvem conhecimento e livros, e podem, portanto, contribuir para instituir hábitos de leitura em indivíduos que não tenham o hábito de ler. Para isso, é importante criar oportunidades para os indivíduos desenvolverem o gosto e o prazer pela leitura. Portanto, aproveitar esse espaço informacional e de conhecimento da biblioteca universitária para ampliar progressivamente as ações que estimulem a leitura pode ser uma ação que contribui para a formação de indivíduos graduados e, também, leitores.

Ademais, o Brasil dispõe de políticas públicas que orientam a importância de valorizar a leitura e estimular o uso de livros, das bibliotecas e da literatura. A Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) é um conjunto de princípios cujo escopo é promover o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas que em seu Art. 3, inciso III, institui que se deve “valorizar a leitura e o incremento de seu valor simbólico e institucional por meio de campanhas, premiações e eventos de difusão cultural do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas” (Brasil, 2018, art. 3, inc. III).

Entretanto, é importante ressaltar que a popularização de livros digitais, da pirataria e do acesso à internet pode contribuir para a diminuição do uso de acervos físicos das bibliotecas (Cunha, 2010). Nesse sentido, as ações culturais podem ser uma excelente ferramenta para promover as bibliotecas e seu uso, além de estimular a leitura e proporcionar acesso à cultura em suas mais variadas formas. Destaca-se, também, que o ambiente da biblioteca é facilitador para realizar essas atividades culturais, conforme ressalta Milanesi (2003), as bibliotecas são ambientes propícios e que se assemelham a centros de cultura.

Nas bibliotecas universitárias, as ações culturais podem desempenhar um papel formador e motivador, pois estas unidades de informação, geralmente, atendem um público adulto, tendo diferenças nos seus objetivos se comparadas às bibliotecas escolares. Enquanto a biblioteca escolar é voltada para apoiar os professores da educação básica, atuando como suporte importante para a formação de hábitos de leitura por essência, na biblioteca universitária o objetivo é auxiliar no ensino, na pesquisa e na extensão da instituição vinculada. Assim, a biblioteca universitária pode ser um espaço informacional utilizado, além de suas finalidades essenciais e básicas, para realizar ações culturais e estimular a leitura além da obrigatória sugerida nas ementas das disciplinas dos cursos.

É importante ressaltar que há estudos que indicam que a associação de leitura de lazer durante a graduação pode ser um fator de melhora no desempenho acadêmico dos discentes. Conforme Gallik (1999), sua pesquisa concluiu que a leitura recreativa se relaciona com o desempenho acadêmico, tendo encontrado resultados positivos entre a média de notas e o tempo de leitura prazerosa. Afirma, também, que os hábitos de leitura, como momentos de lazer, são

formados bem cedo na vida e demonstraram diminuir durante os anos do ensino médio, mas que essa tendência pode ser revertida durante o ensino superior em jovens adultos (Gallik, 1999).

A leitura de lazer, também, tem contribuído para melhora na compreensão da leitura, da escrita, do vocabulário, da ortografia e do desenvolvimento gramatical (Block e Mangieri 2002; Cullinan, 2000; Krashen, 2004, Gauder; Giglierano; Schramn, 2008). Após a conclusão da faculdade, a leitura tem, também, um efeito importante para o mercado de trabalho e sucesso profissional dos indivíduos, onde as habilidades mais exigidas pelos empregadores incluem a capacidade de ler e entender material complexo (Century Workforce Commission, 2000; Wedgeworth, 2005 *apud* Gauder; Giglierano; Schramn, 2008).

Dessa forma, considerando as bibliotecas um espaço cultural em sua essência e um ambiente favorável para ações culturais de incentivo à leitura, buscou-se nesta pesquisa compreender a efetividade destas ações e identificar o que está sendo realizado nas bibliotecas universitárias brasileiras.

Portanto, esta pesquisa tem como objeto uma das funções de uma biblioteca universitária, o qual é desenvolver atividades que estimulem a leitura de seus usuários, por meio de ações culturais. Assim, pretendeu-se buscar e selecionar trabalhos publicados nas bases definidas, identificar as ações realizadas, extrair e sintetizar os resultados das ações culturais informadas nos trabalhos selecionados, discutir os resultados extraídos e sua relação com os estímulos proporcionados pelas ações, com base nos referenciais teóricos utilizados e apresentar o potencial e os desafios que envolvem o planejamento e execução das ações culturais em bibliotecas universitárias.

Para isso, optou-se por realizar uma revisão sistemática da literatura (RSL) a fim de buscar e analisar a produção nacional de estudos e relatos de casos das ações culturais realizadas nas bibliotecas universitárias, conforme os critérios definidos, seguindo uma rigorosa metodologia.

A definição do método da pesquisa se deu a partir da observação de relatos e estudos de casos encontrados no Portal de Periódicos da Capes. Após uma busca superficial, constatou-se que havia publicações relacionadas ao tema da ação cultural, mas somente de relatos isolados e/ou específicos, feitos em bibliotecas escolares, comunitárias, universitárias ou específicas. Diante disso, optou-se por realizar um estudo que identificasse as ações culturais de incentivo à leitura realizadas nas bibliotecas universitárias, consoante o que está publicado em periódicos científicos e nos anais do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU).

Sendo assim, com a RSL será possível compilar os resultados dos artigos selecionados, apresentar os indicadores bibliométricos, os dados quantitativos, os dados qualitativos e apresentar uma síntese dos achados, conforme o referencial teórico utilizado para fundamentação da pesquisa.

Espera-se que o resultado deste estudo identifique as práticas mais realizadas, as mais efetivas e que sirva de estímulo para realização de ações culturais nas bibliotecas universitárias, objetivando incentivar a leitura para torná-la prática cultural dos usuários das instituições de ensino superior.

O capítulo 1 é composto pela introdução, objetivos e justificativa, além de apresentar a formulação do problema da pesquisa. O capítulo 2 aborda os aspectos da leitura, apresentando um breve percurso histórico, as definições de leitura, sua importância e necessidade de estimular o ato de ler. O referencial do capítulo 2 foi fundamentado em autores como Chartier e Cavallo (1998), Chartier (1999), Chartier, Santos e Dumont (2022), Dumont (2002, 2007, 2015), (Fischer (2006), Manguel (1997), Silva (1993, 1994), Orlandi (2008), Martins (1994), Kleiman (1989), Jouve (2002), Cosson (2014), Soares (1995), Lajolo (2011), Britto (2012), Bamberger (1995), Wolf (2019), Medrado e Lanossa (2021), Oliveira e Santos (2008), Santos (2014), Witter (1997) e Stocker (2011).

No capítulo 3 foi realizada a discussão sobre ação cultural. Para isso, foi realizada uma breve contextualização e conceituação de cultura, aspectos sobre ação cultural, sua importância e a utilização das ações culturais por meio das bibliotecas universitárias. Como referencial teórico, foi utilizado autores como Eagleton (2011), Chauí (2008, 2021), Morin (2022), Flusser (1998), Williams (2000), Coelho Netto (1997, 2017), Cunha (2015), Viganó (2020), Pupo e Veloso (2020), Milanese (2003), Santa Anna e Costa (2017), Varela, Barbosa e Farias (2014), Rasteli e Caldas (2017), Santos 2014 e Sanches e Rio (2010).

O capítulo 4 apresenta a metodologia utilizada, as conceituações de uma RSL, as etapas realizadas para construção desta revisão (as bases de dados utilizadas, os descritores utilizados, a estratégia de busca dos trabalhos, a definição dos critérios de inclusão e exclusão, um panorama transparente dos processos de seleção, como foi feita a descrição dos trabalhos selecionados e coleta dos dados que foram extraídos), os indicadores bibliométricos, os dados quantitativos, os dados qualitativos e por fim a síntese dos resultados. Os autores utilizados para fundamentar a metodologia e orientar a pesquisa foram Petticrew e Roberts (2006), Gough, Oliver e Thomas (2012), Gough e Thomas (2016), Oakley (2003), Rousseau (2012), Galvão e Ricarte (2020), Costa, Assis e Teixeira (2022) e Ramos, Faria e Faria (2014).

E por fim, o capítulo 5 aborda as considerações finais da pesquisa, apresentando um resumo conclusivo dos resultados encontrados e suas implicações e os pontos negativos encontrados durante a condução da pesquisa.

1.1 OBJETIVO GERAL

Identificar, a partir de uma RSL, as ações culturais realizadas e discutir sua importância para o incentivo à leitura no contexto das bibliotecas universitárias brasileiras.

1.1.1 Objetivos específicos

- a) Buscar e selecionar trabalhos publicados nos Anais do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias e artigos de periódicos científicos que relatem as ações culturais de incentivo à leitura no contexto das bibliotecas universitárias brasileiras, seguindo os critérios definidos na metodologia;
- b) Identificar as ações culturais de incentivo à leitura realizadas nos trabalhos selecionados;
- c) Sintetizar os resultados das ações culturais informadas nos trabalhos selecionados;
- d) Discutir os resultados compilados e sua relação com os estímulos proporcionados pelas ações, com base nos referenciais teóricos utilizados;
- e) Apresentar as potencialidades e desafios que envolvem o planejamento e execução das ações culturais em bibliotecas universitárias.

1.2 JUSTIFICATIVA

A leitura está presente durante todos os níveis de ensino de um indivíduo, sendo uma atividade fundamental para o aprendizado de novos conhecimentos. Na escolarização, onde há o aprendizado da leitura, há também uma preocupação e uma busca por desenvolver o “gosto” pela leitura, além dela estar vinculada ao aprendizado de outras disciplinas. No ensino superior, a leitura é uma atividade obrigatória e intensiva de textos acadêmicos que contribuirão para a formação profissional de um indivíduo.

Dada a importância do ato de ler, há estudos, como o Retratos da Leitura², que confirmam que uma significativa parcela da população brasileira não tem hábitos de leitura de livros. Essa constatação é perceptível durante o ensino superior, no qual surge a hipótese de que se observa que a leitura é presente somente ao nível obrigatório, não sendo incluídas leituras de lazer, ou seja, ocorrem leituras somente do que os docentes solicitam para ler e que é exigido para conclusão do curso³.

Durante ações culturais realizadas pelos autores desta pesquisa, em uma biblioteca universitária, surgiam questionamentos relacionados à baixa incidência de empréstimos de livros literários da biblioteca. Observou-se, também, que durante as ações culturais, havia um povoamento maior da biblioteca e que despertava, possivelmente, um maior interesse dos participantes para conhecer o acervo e outros serviços da biblioteca.

Sabendo que a biblioteca universitária tem em seu escopo apoiar o ensino, a pesquisa e extensão, acredita-se que os bibliotecários dessas unidades de informação devam apoiar não só o ensino acadêmico, mas também fomentar a leitura, desenvolvendo ações que a incentivem e que possam contribuir para formação de indivíduos críticos e leitores.

Sabe-se, também, que com o advento de novas tecnologias e a popularização da leitura de livros e periódicos no formato digital, as bibliotecas universitárias podem ter uma diminuição no uso de seus acervos impressos, sendo, portanto, essencial desenvolver mais frequentemente, ações que busquem promover a biblioteca e seu uso. Conforme afirmado por Cunha (2010), a biblioteca universitária tem deixado de ser o principal local de busca de informação na universidade, em decorrência da popularização de outros mecanismos de busca disponíveis na *internet*. A ideia de biblioteca física acaba sendo enfraquecida diante da *internet* (Fischer, 2006).

Além disso, considerando as mudanças nas maneiras de ler discutidas por Chartier, Santos e Dumont (2022), onde se observa cada vez mais popular a prática da leitura das redes sociais, caracterizada pela aceleração, fragmentação, descontinuidade e ausência de senso crítico, torna-se fundamental estimular a leitura de textos impressos e realizar ações culturais diante desse contexto.

Dessa forma, houve a necessidade de aprofundar no conhecimento acerca das ações culturais e de como a biblioteca universitária pode contribuir para incentivar a leitura, contribuir

² É importante destacar que o Retratos da Leitura é uma pesquisa patrocinada pelo mercado livreiro e sua conceituação de leitura é limitada à leitura de livros.

³ É importante salientar que não se deve generalizar essa hipótese, pois observa-se, também, que há alunos que tem o gosto pela leitura bem desenvolvido e que não limitam suas leituras somente ao básico exigido nas ementas.

com a formação cultural do indivíduo e desempenhar um papel social no auxílio em formar indivíduos leitores e com consciência crítica.

Portanto, apoiada no que foi exposto anteriormente, essa pesquisa foi desenvolvida a fim de buscar conhecer quais ações culturais estão sendo realizadas no Brasil, investigar os resultados dos estudos selecionados nesta RSL e discutir a relação das ações culturais realizadas no espaço das bibliotecas universitárias na contribuição para incentivar a leitura além da obrigatória.

1.3 PROBLEMA DA PESQUISA

Quais as ações culturais, relacionadas à leitura como prática social para formar leitores e cidadãos críticos foram realizadas no espaço das bibliotecas universitárias brasileiras, no período de 2002 a 2022?

2 CONTEXTUALIZANDO LEITURA

Este capítulo está dividido em quatro seções com objetivo de contextualizar a leitura e suas implicações. Essa contextualização sobre a leitura se mostra necessária, pois estabelece base para compreender que ações culturais voltadas para o incentivo à leitura podem ser fortalecidos em ambientes como a biblioteca universitária. Assim, essa fundamentação pode auxiliar na discussão sobre o planejamento e execução de ações que tenham fins e objetivos de promover a leitura.

Na primeira seção aborda-se o percurso histórico da leitura sucintamente; na segunda seção realizou-se uma fundamentação abrangente sobre a conceituação da leitura, trazendo conceitos gerais e específicos da leitura; na terceira seção apresentou-se uma discussão sobre a importância e os efeitos da leitura e na quarta seção discutiu-se sobre o ato de incentivar a leitura e o contexto da universidade.

2.1 BREVE HISTÓRIA DA LEITURA

O que entendemos por leitura hoje, na década 20 do século XXI, é bem diferente do que foi seu significado no passado, antes de Cristo (a.C.). A ideia de leitura teve suas mudanças e sua quebra de paradigmas ao longo da história da humanidade, tendo uma significação diferente para os povos em cada contexto histórico. Hoje, sabe-se que a leitura esteve presente em diversos povos ao redor do mundo.

Com o surgimento da escrita, a partir da necessidade de transformar a fala em símbolos, por meio de inscrições em pedras, começam a surgir os primeiros registros do que viria a ser leitura (Fischer, 2006). Na Mesopotâmia (atual região do Iraque, próximo aos rios Tigre e Eufrates), foram identificadas placas de argila contendo inscrições com símbolos gráficos em placas de argilas, que eram utilizados para registros contábeis, contendo linha ou pontos que representavam quantidades e valores de mercadorias (Fischer, 2006).

Segundo Fischer (2006), havia uma atividade que consistia na decodificação mnemônica, que era um tipo de leitura, visto que o homem Neandertal e os primeiros *Homo sapiens* já exerciam essa atividade da leitura por meio de entalhes em ossos, seja para marcação de dias ou de ciclos da lua.

Porém, um avanço, considerado uma mudança de paradigma, ocorreu quando os escribas sumérios, na Mesopotâmia, começaram a empregar um foneticismo sistêmico,

utilizando coordenadamente os sons e símbolos visando criar um sistema de sinais, que deu origem à escrita (Fischer, 2006). A origem da escrita foi responsável por criar os primeiros leitores, já que necessitaria de um indivíduo que decodificasse os textos das tabuletas de argila, atividade desenvolvida sobretudo pelos escribas (Manguel, 1997).

Com o surgimento do leitor, o ato de ler não era propriamente uma atividade concebida, tendo os escribas reconhecidos exclusivamente pela capacidade de registrar (Manguel, 1997). Ler, em sumério, era *ita*, que “também significava contar, calcular, ponderar, memorizar, declamar, ler em voz alta” (Fischer, 2006, p. 17).

Nesse mesmo período, por volta de 3300 a.C., os egípcios desenvolviam os hieróglifos, escritos com tinta no papiro, na superfície de pedras, em estelas, objetos decorativos, em cerâmicas, em tabuletas de marfim, entre outros que já eram lidos pelos escribas (Fischer, 2006).

Figura 1 – Estela com registros em hieróglifos



Fonte: The Trustees of the British Museum⁴

A primeira literatura, excetuando os registros contábeis, era composta por tabuletas de argila quadradas ou retangulares de aproximadamente um palmo, projetadas para caber de forma confortável na mão do leitor (Fischer, 2006).

Com a difusão da palavra escrita para o Oriente, por volta de 2000 a.C., vários países já possuíam seus escritos e sua forma de leitura, como o linear A, dos gregos minoicos e o linear B, dos gregos micênicos, que predominavam escritos contábeis, mas também havia dedicatórias e alguns outros escritos administrativos (Fischer, 2006; Vernant, 2011).

Permanecendo uma atividade passiva até 500 a.C., a leitura abrangia registro de contas, controle de mercadorias, documentos jurídicos, dados de cargas e uma pequena parcela de textos literários, tendo como objetivo auxiliar a relembrar contas e informações simples

⁴ Imagem original extraída do The British Museum. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA35403. Acesso em: 3 ago. 2023.

(Fischer, 2006). Segundo Chartier e Cavallo (1998), os gregos tinham consciência de que a leitura e os livros tinham a função de preservar o texto, sendo uma forma de trazer o conteúdo escrito à memória.

Durante toda a Antiguidade, a leitura seguia a modalidade da oratória, no qual os ‘leitores’ memorizavam o conteúdo para ler em voz alta (Chartier; Cavallo, 1998). A própria definição de leitura, em grego *anagignóskó* (significava leio; leio em voz alta), denotava como a prática da oratória, comunicação falada e retórica persuasiva (Fischer, 2006). Era como se por meio da leitura, uma pessoa se tornaria um texto falante ou uma biblioteca ambulante de diversas obras (Fischer, 2006).

Com isso, a leitura era vista como algo grandioso, tendo seu valor reconhecido, já que era uma atividade desempenhada por poucas pessoas e que exigia um grande esforço mental para memorizar textos inteiros. E o livro, no período helenístico, desempenharia papel importante, pois seria o instrumento para compor, circular e conservar as obras produzidas (Chartier; Cavallo, 1998).

Durante o período helenístico houve uma importante etapa na história da leitura e dos livros, que reforçaria a importância do conhecimento: a Biblioteca de Alexandria. Segundo Chartier e Cavallo (1998), as bibliotecas helenísticas eram sinais de poder e grandeza das dinastias, além de servir como instrumento para uma pequena e restrita parcela de pessoas que estivessem interessadas naquele conhecimento armazenado. É nesse período, que as bibliotecas deixariam de ser somente um depósito de rolos de papiro, passando a ser um centro de informações, tendo a Biblioteca de Alexandria como modelo a ser seguido (Fischer, 2006). A leitura, ao contrário da Antiguidade, se tornava uma atividade solitária “como se tivesse sido estabelecida desde então uma relação mais íntima e particular com o livro” (Chartier; Cavallo, 1998, p. 15).

Por volta do século 200 a.C., Roma criava o *volumen*, ampliando e facilitando a forma como liam e como se produzia, auxiliando no progresso da alfabetização e na expansão da cultura escrita (Chartier; Cavallo, 1998). Nesse mesmo período, Roma, assim como na Grécia antiga, realizava círculos de leituras públicas com os autores apresentando seus versos e suas histórias (Fischer, 2006).

A partir do início do século 200 d.C., surge então o *códex* (ou códice), feito de pergaminho, que era considerado o livro com páginas que substituiu o rolo, tornando a forma de escrita mais popular e conseqüentemente, a leitura mais acessível (Chartier; Cavallo, 1998).

O surgimento do códice foi um fator importante que influenciaria os modos de ler na Idade Média. De acordo com Chartier e Cavallo (1998), durante a alta Idade Média (século V

ao século X) a leitura, que era realizada nas praças e nos espaços públicos, foi sendo substituída pela prática da leitura nos espaços monásticos, no interior das igrejas. Nesse mesmo período, ocorreu a passagem da leitura em voz alta para a leitura silenciosa ou murmurada, no qual os livros, eram lidos para serem compreendidos, repensados e memorizados (Chartier; Cavallo, 1998; Chartier, 2001; Manguel, 1997). No entanto, a leitura silenciosa ia se tornando habitual, mas ainda existia a leitura em voz alta de textos litúrgicos nas igrejas e nas práticas escolares (Chartier; Cavallo, 1998).

Com o renascimento das cidades e das escolas, na baixa Idade Média (século XI ao século XV), a alfabetização se desenvolve, o progresso da escrita e o uso do livro cada vez mais diversificado, as práticas de escrita e leitura vão se tornando essenciais, ou seja, utiliza-se da leitura para escrever e há a escrita para os leitores (Chartier; Cavallo, 1998). A leitura deixa de ser somente a compreensão da escrita e passa a ser uma ferramenta de interpretação dos significados do texto (Chartier; Cavallo, 1998). Além disso, o surgimento do ofício intelectual na Idade Média, provocou mudanças importantes com o livro deixando de ser somente um instrumento de luxo e se tornando, também, um instrumento de trabalho e passando a ser um produto industrial e comercial (Le Goff, 2006).

Com a criação prensa de Johannes Gutenberg, no século XV, houve uma diminuição dos custos de produção, ocasionando uma expansão da produção de textos e de livros, aumentando a circulação, o que permitiu que os leitores tivessem acesso a um maior número de livros (Chartier; Cavallo, 1998; Chartier, 1999). Ademais, com a prensa a revolução não ocorreu somente na leitura, mas em toda sociedade europeia, anunciando uma das maiores transformações sociais e intelectuais (Fischer, 2006).

Figura 2 – Retrato de Johannes Gutenberg, impresso em prensa



Fonte: The Trustees of the British Museum⁵

⁵ Ilustração extraída da obra 'Pourtraits et Vies des Hommes Illustres' de Andre Thevet, de 1584. Imagem faz parte da coleção do The British Museum. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1879-1213-266. Acesso em: 3 ago. 2023.

Para compreender o impacto da prensa de Gutenberg, em 1500, aproximadamente “1.700 prensas em mais de 250 centros de impressão já haviam publicado por volta de 27 mil títulos em mais de dez milhões de cópias” (Fischer, 2006, p. 190). Com isso, o número de leitores também se expandiu na Europa, passando dezenas de milhares para centenas de milhares (Fischer, 2006; Chartier, 1999). Essa expansão abrangia não somente os livros, mas panfletos com notícias, periódicos, almanaques, anuários, entre outros (Fischer, 2006).

Com a expansão e disponibilidade maior de livros, produzidos em maior escala e acessíveis, em meados do século XVIII, houve a confrontação do leitor intensivo com o leitor extensivo. Enquanto o leitor extensivo era aquele limitado, que lia para memorizar o conteúdo do livro, que tinha obsessão pelo ato de ler, consumindo os textos com rapidez, o leitor intensivo realizava uma leitura mais livre, prazerosa e irreverente (Chartier; Cavallo, 1998).

Esta expansão perdurou por vários séculos, aproximando de outra grande revolução sobre a forma de ler, caracterizada pelo surgimento dos componentes eletrônicos e as telas destes aparelhos. Chartier e Cavallo (1998), caracterizam o surgimento da leitura em telas eletrônicas como a terceira revolução da leitura.

Nesse sentido, diferente do texto impresso, o leitor tem um maior controle sobre o formato do texto, podendo ampliar o tamanho das palavras ou até mesmo interagir com imagens que aparecem na tela. O leitor possui a capacidade e os recursos para fazer ajustes adequados no texto, a fim de se adequar ao seu modo preferido de leitura, isto é, o leitor consegue empregar uma infinidade de operações, como indexar, anotar, copiar, realocar, recompor, entre outras, visando modificar a maneira pela qual ele interage com o texto (Chartier; Cavallo, 1998).

De acordo com Chartier, Santos e Dumont (2022), essa revolução pelo texto eletrônico se configura pela transformação significativa nos métodos de criação e reprodução de textos, na materialidade e configuração de seu suporte, bem como, na prática da leitura. Essa revolução está substituindo a proximidade física que anteriormente vinculava vários textos copiados ou impressos no mesmo livro, com sua distribuição nas arquiteturas lógicas dos bancos de dados, coleções digitais ou das publicações eletrônicas (Chartier; Santos; Dumont, 2022). Salientam, ainda, que está redefinindo a materialidade das obras, porque age como o elo que associa um texto ao objeto que o transmite, assim como fornece ao leitor, e não ao autor ou editor, o controle sobre a forma (tamanho da fonte, cor do fundo, etc.) dos textos que deseja ler (Chartier; Santos; Dumont, 2022).

A história da leitura, entretanto, continua sendo escrita, pois essas maneiras de leitura de textos digitais estão sendo estudadas e os impactos ainda serão pesquisados e publicados nos próximos anos. É compreensível que a leitura já possui uma história extensa e rica e não

surpreende que ainda haja muito a ser explorada. Além disso, é importante conhecer e reconhecer as práticas de leitura dos povos nativos nas Américas, por exemplo, a fim de obter uma compreensão mais detalhada das diversas maneiras pelas quais os indivíduos interagem com os textos escritos em diferentes partes do mundo.

É importante ressaltar, também, que a história da leitura pode seguir em uma perspectiva historiográfica ou uma perspectiva linguística. O foco desta seção não era seguir a perspectiva linguística, mas apresentar o surgimento e a importância que a leitura teve durante a história da humanidade, o que pode auxiliar na discussão sobre o incentivo à leitura e sua relação com as bibliotecas universitárias.

Assim, conforme apresentado, mesmo que brevemente, é possível compreender o quão importante a leitura foi para todo o conhecimento e o progresso da humanidade, sendo imensurável o seu valor para o mundo.

2.2 CONCEITUAÇÕES DA LEITURA

Considerando o contexto histórico apresentado na seção anterior, é possível perceber como a leitura esteve presente em grandes momentos da história da humanidade, tendo proporcionando importantes funções para evolução do conhecimento humano. Sua relação com a humanidade foi essencial para armazenar o conhecimento registrado para progresso das sociedades.

Ao definir a leitura ou alguém como leitor, é comum identificar sua relação com livros, no qual é caracterizado como um indivíduo que lê em abundância ou que seja “amante de livros”, por exemplo. Há, no senso comum, uma ideia que associa a leitura como uma atividade prazerosa (ideia de pessoa culta), funcional (estudos, trabalho, se manter informada) ou utilitária (ler legendas, comentários nas redes sociais). Entretanto, essa pode ser uma ideia simplória e trivial.

O termo em si é conceituado por vários autores e pode seguir diferentes perspectivas, como uma voltada para cognição: envolvendo componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, culturais, econômicos e políticos; e outra voltada para decodificação de signos linguísticos, baseado na perspectiva *behaviorista-skinneriana* (Martins, 1994). Entretanto, a leitura é polissêmica, isto é, pode ter vários sentidos. Junta-se a isso o fato de várias áreas do conhecimento estudarem sobre a leitura e suas implicações, como a Educação, Ciência da Informação, Neurociência, Sociologia, História, Linguísticas, etc.

O estudo da leitura teve origem nos Estados Unidos durante a crise econômica da década de 1930, com foco na sociologia da leitura e seu impacto nos leitores, reunindo estudos de educadores, bibliotecários, literatos, pedagogos, psicólogos e sociólogos (Dumont, 2002). Em 1950, a França, iniciou os estudos na área que objetivava melhorar as condições de utilização e compartilhamento de textos, investigando quem, o quê, por que e como ler (Dumont, 2002).

De acordo com Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa e o Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia, leitura significa o ato ou efeito de ler; ato de decifrar os signos gráficos que traduzem a língua oral; o ato de ler em voz alta; a arte de ler; o hábito de ler; aquilo que se lê; o que se lê; arte ou modo de interpretar e fixar um texto de um autor; maneira de compreender, de interpretar um texto, mensagem ou acontecimento; ação de tomar conhecimento do conteúdo de um texto escrito, para se distrair ou informar; um conjunto de obras já lida; uma forma assumida por um texto em determinado testemunho da tradição; observação da indicação de um instrumento de medida; resultado de uma medição realizada com algum instrumento e um processo complementar da gravação de informações em um determinado suporte físico de armazenamento, no qual reproduz sinais gravados ou recupera os dados armazenados (Positivo Soluções Didáticas, 2010; Neiva, 2013).

Os mesmos dicionários, descrevem o termo ler como o ato de percorrer com a visão ou com o tato o que está escrito, interpretando-o por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos e os sinais linguísticos de uma língua natural; pronunciar em voz alta ou recitar o que está escrito; observar algo, sinais ou características, deduzindo significação; adivinhar, predizer, interpretar, reconhecer ou perceber algo; atribuir sentido, significado ou forma ao que se vê; copiar, no sentido de ler dados, arquivos ou códigos em sistemas de computador e relacionados; e ver as letras do alfabeto, juntando-as e repetindo mentalmente ou vocalizando (Positivo Soluções Didáticas, 2010; Neiva, 2013).

É perceptível como o termo leitura abrange um grande arcabouço de acepções, o que torna complexo defini-la como um simples e único significado. Pode-se seguir por vários sentidos ao pesquisar uma definição para leitura no contexto acadêmico, embora muitos pensadores relacionam a leitura com a atribuição de sentidos.

Segundo Dumont (2002), “ao se tentar delinear os conceitos de leitura e mesmo de texto, verifica-se que esses extrapolam até os limites do verbal. Os chineses, por exemplo, utilizam mais amplamente o conceito de leitura há muitos séculos.” Para eles, a compreensão do texto escrito precisa empregar não apenas a habilidade de decodificar signos, mas também de outras funções sensoriais dos seres humanos, como sua capacidade de interpretação e compreensão (Dumont, 2002).

Nesse sentido, segundo Orlandi (2008), a leitura pode ser definida como uma atribuição de sentidos, tanto para a escrita quanto para a oralidade. Pode ser definida como uma concepção, utilizada para noções de ideologia; pode ser utilizada num contexto acadêmico como método de se aproximar com um texto escrito; e pode ser vinculada à noção de escolarização, isto é, de aprendizagem da leitura e da escrita (Orlandi, 2008).

Já Silva (1993) resume a leitura e a define como o ato de ler. É o ato que executa uma tarefa complexa que envolve cognições, relações e uma série de informações necessárias para que se consiga compreender o sentido de um texto (Kleiman, 1989). Conforme afirma Bamberger (1995, p. 10), o ato de ler é um “processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto”, isto é, ocorre um processo de transformação de símbolos gráficos em compreensão intelectual, exigindo um grande esforço das células cerebrais. E isso é um processo cognitivo e de linguagem.

Pensadores brasileiros importantes, como Paulo Freire e Ezequiel Theodoro da Silva, afirmam que o ato de ler é a decodificação da palavra/linguagem escrita, sendo, fundamentalmente, um ato de conhecimento, uma ponte para compreender um texto e sua relação com um determinado contexto (Freire, 2003; Silva, 1993).

Nesse sentido, a leitura não deve ser considerada somente como uma simplória decodificação de sinais, mas sim, uma tarefa que abrange um envolvimento do leitor com o texto de forma que ocorra a apreensão, apropriação e transformação de significados (Silva, 1984). Pois, dessa forma, a leitura pode desempenhar consciência nos indivíduos, conforme, Silva e Zilberman (1995), que afirmam que a leitura também é um instrumento de conscientização, principalmente ao se relacionar com os objetos culturais (livros, filmes, teatro, música, etc.), sejam por meios visuais ou verbais.

Essas definições se relacionam à ideia da interação do leitor de um texto com os conhecimentos prévios de cada indivíduos. Conforme afirma Dumont (2002, p. 3), “a verdadeira leitura consiste em atribuir significado ao escrito e depende diretamente das informações que o indivíduo já possui sobre o mundo, o seu estoque simbólico.” Dessa maneira, a leitura desempenha um processo interativo, no qual o leitor e seus conhecimentos interagem com o texto para obter a compreensão (Kleiman, 1989; Jouve, 2002). Essa interação se dá por meio do passar de olhos no texto e nas memórias que vão sendo construídas à medida que o indivíduo vai decodificando os signos linguísticos.

Iser (1999, p. 10) reforça que o processo de leitura é uma “interação dinâmica entre texto e leitor”, isto é, os signos linguísticos que compõem um texto estimulam a tradução para a consciência do leitor. Logo, “a leitura não é apenas a união do som ao grafema [...]. O

significado está envolvido, e de modo fundamental. [...] a leitura pode, até mesmo, exprimir significado isoladamente, sem recorrer ao som” (Fischer, 2006, p. 11). Enquanto “a escrita prioriza o som, uma vez que a palavra falada deve ser transformada ou desmembrada em sinais representativos. A leitura, no entanto, prioriza o significado” (Fischer, 2006, p. 10).

Nesse sentido, a leitura assume a ideia de comunicação entre um texto e um leitor. Segundo Silva (1984), a leitura é uma atividade que permite a comunicação entre o leitor e o texto, mas que possui três pontos fundamentais: compreender a mensagem, compreender-se na mensagem e compreender-se pela mensagem. Dessa forma, os indivíduos estarão se inserindo no que está lendo, fazendo associações com seus prévios conhecimentos e desenvolvendo sua base intelectual e cognitiva. Ler é, nesse sentido, uma ponte para a tomada de consciência e um modo de compreensão e interpretação da escrita (Silva, 1984).

Desta forma, a leitura é muito ligada à noção de compreensão, o que pode ser entendido como decifrar e apreender significados. Essa noção de compreensão “deve ser vista como uma forma de ser, emergindo através das atitudes do leitor diante do texto, assim como através do seu conteúdo” (Silva, 1984, p. 44).

Portanto, considerando que é um meio de apreensão de significados, a leitura vai além do texto, pois se caracteriza como um processo no qual leitor não somente decifra os signos linguísticos, mas dá-se sentido e significado a eles, ato no qual o leitor dialoga com objeto lido (escrito, gesto, imagem, etc.) (Martins, 1994). Conforme afirmação de Orlandi (1995), ao ler, produzem-se sentidos. Para Goulemot (2001, p.108), ler é um conjunto de sentidos produzidos pelas sequências lidas, ou seja, não é buscar o entendimento do sentido pretendido pelo autor, mas sim constituir um sentido.

Nessa perspectiva, Cosson (2014), visa definir o ato de ler como uma produção de sentidos por meio de um diálogo com o texto. Ele chega a essa definição, a partir da concepção de Bakhtin que concebe o enunciado como o elo da comunicação verbal, onde há diálogo e interação social (Cosson, 2014). Desta forma, Cosson (2014) afirma que é por meio do diálogo entre o indivíduo e os sinais inscritos em algum lugar que há a leitura de um objeto físico.

[...] ler é um diálogo com o passado que cria vínculos, estabelece laços entre o leitor e o mundo e os outros leitores. Por meio da leitura, tenho acesso e passo a fazer parte de uma comunidade, ou melhor, de várias comunidades de leitores, porque na leitura nunca estou sozinho, antes acompanhado de outros tantos leitores que junto comigo determinam o que vale a pena ser lido, como deve ser lido e, no seu limite, em que consiste o próprio ato de ler. A *leitura* é, assim, um processo de compartilhamento, *uma competência social*. [...] em síntese, ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. [...] a leitura é uma competência individual e social, um

processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: leitor, o autor, o texto e o contexto (Cosson, 2014, p. 36, grifo nosso).

Embora essa citação de Cosson (2014) esteja em um contexto dos círculos de leitura, para ele, a leitura é uma competência individual e social que envolve a interação entre leitor, autor, o texto e o contexto. São esses quatro elementos que compõem o processo de produção de sentidos (Cosson, 2014).

Reforçando o que já foi discutido, é importante considerar, também, que para o indivíduo conseguir produzir sentidos com o texto, haverá necessidade de uma bagagem intelectual e cultural do leitor, pois durante a criação de sentidos, há fatores psicológicos, linguísticos e contextuais, o que faz com que a leitura dinamize “os conceitos que perfazem esse repertório e todos os outros textos já lidos e trazidos à consciência no momento da interação” (Silva, 2008, p. 46). É necessário que o indivíduo possua um conhecimento adquirido através de suas relações e vivências com o mundo (Silva, 1984).

Além disso, Silva (1984) ressalta uma característica exigida para um indivíduo compreender um texto: as regras referentes à língua adotada pela cultura (língua portuguesa, inglesa, espanhola, etc.). Nesse sentido, o leitor precisa compreender a mecânica da leitura, para poder conseguir atribuir significados ao texto lido (Silva, 1984). Logo, Silva (1993), atribui a compreensão como uma relação dinâmica entre o texto e um determinado contexto e a capacidade do leitor identificar criticamente a objetividade do contexto apresentado pelo autor do texto.

Concomitante, Soares (1995), reforça que o texto não preexiste à sua leitura, da mesma forma que a leitura não compreende uma aceitação passiva, mas sim uma construção ativa. Nesse sentido que o processo da leitura se caracteriza como uma ação de apreensão e criação de significados. Os sentidos são parte de um processo e se realizam num contexto, mas não se limitando ele (Orlandi, 1995).

[...] quando fazemos parte do conjunto dos chamados sujeitos-leitores – além de constituir um ‘público’ com suas implicações e consequências – estamos fazendo parte de um processo do qual resulta a *institucionalização* dos sentidos. O cerne da produção de sentido está no modo de relação (*leitura*) entre o dito e o compreendido. Quando dizemos isso, não estamos, teoricamente, fazendo mais do que levar em conta o princípio da dialogia como fundamento da linguagem [...] (Orlandi, 1995, p. 59).

Portanto, a compreensão não é atingida somente com a interpretação, mas por meio do contexto da situação (Orlandi, 1995). Isto é, para alcançar a compreensão, é preciso realizar a desconstrução da correlação entre enunciados e a formulação e constituição do significado

(Orlandi, 1995). Ainda assim, Orlandi (1995), reforça que a compreensão supõe uma relação com a cultura, a história, o social e com a linguagem, que poderá ser atingida por meio da reflexão e da crítica.

Conforme ressalta Silva (1984), é através do ato de ler que se iniciará a percepção do indivíduo e a tomada de consciência dos textos escritos. Com sua bagagem cultural, social e intelectual, o indivíduo pode buscar possibilidades de significações com o que o texto escrito evoca (Silva, 1984).

Desta forma, Silva (1984) afirma que a compreensão do texto se dará por meio da constatação, cotejo e transformação do indivíduo, a partir dos signos/linguagem que compõem o texto. Ressalta-se, também, que durante a constatação o indivíduo irá situar-se na mensagem, destacando as possibilidades de significados contidos no texto; no cotejo há a interpretação dos significados e na transformação o indivíduo os evidencia (Silva, 1984). Cosson (2014) segue nessa mesma linha de pensamento ao afirmar que o processo de leitura começa com a compreensão do conteúdo textual e culmina na identificação da estrutura do texto ou no reconhecimento dos dispositivos retóricos empregados no texto.

Adicionalmente, a neurociência ressalta que esses processos que envolvem a leitura, compõe, também, atividades neuronais e visuais. De acordo com Dehaene (2012), graças aos estudos por meio da ressonância magnética, quando ocorre a leitura, a palavra entra pela retina, é esfacelada em milhares de fragmentos e cada porção de imagem captada é reconhecida por meio de um fotorreceptor.

Quando leem, os leitores vão criando imagens e transformações verbais para representar determinados significados, isto é, ocorre um processamento de informações que faz os indivíduos visualizarem objetos ou cenas, sentir emoções e fazer inferências e/ou referências com outras memórias (Fischer, 2006).

Nesse sentido, Wolf (2019) relaciona o ato de ler com a neuroplasticidade, que consiste na capacidade do cérebro aprender uma abundância de conhecimentos. Portanto, ao designar uma única letra, há a ativação de grandes redes neuronais em frações de milissegundos (Wolf, 2019). É por isso que, ao ler, o leitor constrói imagens em um livro de ficção ou forma novos significados e relações em um texto não fictício (Wolf, 2019). Desta forma, o indivíduo produzirá sentido e novos significados ao realizar a leitura de um livro.

De maneira abrangente, Jouve (2002) sintetiza as múltiplas facetas que envolvem a leitura como uma atividade complexa, plural e que pode seguir por cinco caminhos: um processo neurofisiológico, um processo cognitivo, um processo afetivo, um processo argumentativo e um processo simbólico.

O processo neurológico, por envolver o funcionamento do aparelho visual e de diversas funções do cérebro, ou seja, antes de compreender e analisar o conteúdo, o cérebro realiza operações de percepção, de identificação e memorização de signos (Jouve, 2002). Esses processos estão vinculados à neuroplasticidade, aos fotorreceptores e às redes neuronais do cérebro humano, conforme Wolf (2019) e Dehaene (2012).

No processo cognitivo ocorre a decifração dos signos pelo leitor, isto é, ele percebe os signos, converte as palavras ou grupos de palavras em significados, que envolve um esforço de abstração (Jouve, 2002). Isso mostra que o leitor precisa de um saber mínimo para compreender e prosseguir a leitura, podendo seguir em uma leitura mais rápida que compreende o conteúdo de um texto na totalidade ou seguir em uma leitura mais densa, sacrificando a progressão em prol de uma interpretação e suas implicações (Jouve, 2002).

O processo afetivo, durante a leitura, de acordo com Jouve (2002), é o envolvimento das emoções que suscitam durante o ato de ler. Durante a leitura, o indivíduo evoca sentimentos de admiração, raiva, alegria, simpatia, risos ou se identificam com algum personagem (Jouve, 2002). Essas sensações evocadas pela leitura de um livro literário ou de não ficção podem ser um indicativo de atração do indivíduo pela obra em si (Jouve, 2002).

O processo argumentativo está vinculado à capacidade de o texto ser analisado, ou seja, o leitor realiza discussões durante a leitura de um determinado texto (Jouve, 2002). É um processo dialético, no qual o indivíduo desenvolve sua própria argumentação em cima do texto.

No processo simbólico, envolve os sentidos extraídos da leitura, como as reações do leitor perante o texto, os argumentos e as interpretações (Jouve, 2002). Nesse caso, a leitura interage com o contexto cultural de cada leitor e com o meio social (Jouve, 2002).

Conforme ressalta Dumont (2002), a leitura não se limita apenas a uma operação do cérebro humano, mas sim um processo cognitivo que envolve aspectos físicos e contextuais, bem como a linguagem e a comunicação social, exigindo que o leitor atribua significado ao que está sendo lido.

Ademais, é importante salientar que têm ocorrido mudanças nas práticas de leitura, como a popularização da prática da leitura das redes sociais, que se caracteriza pela leitura fragmentada e acelerada (Chartier, Santos e Dumont, 2022). Essa leitura fragmentada pode ocasionar desvios de atenção para outras fontes de informação nas mídias digitais, por exemplo (Yongpan, 2022).

Portanto, conforme a discussão apresentada, a leitura envolverá uma diversidade de fatores, contextos e relações neuronais em cada indivíduo, podendo ser considerada uma

atividade geradora de conhecimento e lazer. Mas ela será sempre uma apropriação, invenção e produção de significados (Chartier, 1999).

Além de ser uma forma de aquisição de conhecimentos ou meramente uma atividade de lazer, é necessário, também, discutir a importância da leitura para os indivíduos e a sociedade como um todo.

Dadas as diversas conotações associadas a essa atividade, torna-se crucial adotar uma perspectiva centrada no próprio ato de ler e em suas implicações para o desenvolvimento de um indivíduo. Nesse sentido, é pertinente discutir as maneiras pelas quais a leitura contribui para a formação geral do indivíduo e até que ponto ela influencia sua visão de mundo, valores e crenças.

Portanto, a ênfase é estabelecer uma relação entre a leitura de textos, seja um livro (virtual ou não), revistas impressas ou eletrônicas e páginas da *internet* com o desenvolvimento de gostos e prazeres pelo ato de ler, ressaltando assim sua importância na constituição da personalidade de um indivíduo e suas implicações resultantes para a sociedade como um todo.

2.3 LEITURA: IMPORTÂNCIA E IMPLICAÇÕES

Quando se fala da importância da leitura, sem dúvida haverá uma certa unanimidade, principalmente no senso comum, em afirmar que ela traz muitos benefícios para um indivíduo que lê. Pais, comumente, afirmam que vão incentivar os filhos a lerem, políticos falam da importância dos livros e das bibliotecas e o mercado editorial realiza propagandas da importância da leitura.

Essa valoração da leitura pode estar ligada a vários fatores, mas é culturalmente estabelecida na sociedade. Fato é que a leitura se faz presente durante a escolarização e é muito associada, em geral, com sucesso profissional. Ela faz parte do cotidiano e está presente em todos os níveis educacionais (Silva, 1984).

A sociedade ocidental e sua cultura como um todo, atribuem um valor positivo à leitura, associando-a a benefícios como lazer, aquisição de novos conhecimentos, de enriquecimento cultural e de aumento das condições para que haja o pleno convívio e interação social (Soares, 1995).

Desde os primeiros registros, entre os gregos e romanos, a leitura e a escrita já significavam uma base adequada para o desenvolvimento de capacidades intelectuais dos indivíduos, bem como para aptidões físicas, de maneira que pudessem exercer cidadania

integrando à sociedade (Martins, 1994). Essa percepção acompanha o progresso dos seres humanos há milênios, mesmo antes de existir uma indústria livresca em prol de lucros financeiros.

Conforme Lajolo (2011), ler é essencial, não só para quem deseja participar da produção cultural, seja pela ciência ou pela arte literária, mas, também, para quem precisa ler uma notícia, para quem deseja assinar um contrato de trabalho ou que deseja participar da sociedade de maneira geral (Lajolo, 2011).

Há, também, a leitura para conhecimento e para lazer. Os indivíduos leem para deleite pessoal, para o entretenimento, de maneira que o pensamento flua sem compromisso ou objetivo, além do prazer de experimentar alguma situação ou acontecimento (Britto, 2012). Manguel (2017) afirma que o livro é um bem cultural utilizado para lazer, associando-o a adjetivos positivos:

O livro é muitas coisas. Como um repositório de memória, um meio de transcender os limites do tempo e espaço, um local para reflexão e criatividade, um arquivo da nossa experiência e da dos outros, uma fonte de iluminação, felicidade e, às vezes, consolo, uma crônica de eventos passados, presentes e futuros, um espelho, uma companhia, um professor, uma invocação dos mortos, um divertimento, o livro em suas várias encarnações, da placa de barro à página eletrônica, tem servido há bastante tempo como metáfora para muitos de nossos conceitos e realizações essenciais (Manguel, 2017, p. 21).

No entanto, a leitura também é utilizada para buscar uma informação, seja numa revista, jornal; para ampliar o conhecimento sobre história, a ciência, a cultura ou para o aprimoramento pessoal (Britto, 2012). Ademais, lê-se, obrigatoriamente, durante a escolarização e na formação de ensino superior.

Nesse sentido, a leitura, desempenha, portanto, três papéis básicos e importantes que podem ser categorizados em informação, conhecimento e prazer (Silva, 1993). A leitura informacional é responsável por manter o indivíduo atualizado e por acompanhar fatos que ocorrem no contexto vivido ou em contextos externos; a leitura de conhecimento é a leitura vinculada aos processos de aquisição de conhecimento, como pesquisas e estudos; e a leitura de prazer é aquela conduzida pela poesia, pela ficção, com objetivo estimular o prazer e um momento de lazer no leitor (Silva, 1993).

Bamberger (1995) afirma que por meio da leitura o indivíduo irá desenvolver as potencialidades intelectuais, isto é, o de aprender e progredir. Como afirma Wolf (2019), há um entendimento de que o que lemos, como lemos e o porquê lemos são fatores que ocasionam

mudanças no modo como pensamos. Isso é possível, por haver a apreensão de significados, característica do ato da leitura que se manifesta de diferentes formas em cada indivíduo.

Na Ciência da Informação, a leitura como condição humana, caracterizada pela capacidade de entender o mundo, constitui uma introjeção de conhecimentos, isto é, o indivíduo recria e modifica seus conhecimentos prévios com as informações que são lidas e conduzidas de acordo com seus pontos de vistas e as discrepâncias individuais (Dumont, 2007; 2015).

De acordo com Silva (1984), o leitor, durante a leitura, pode refletir sobre o conteúdo lido, de forma que apreenda aqueles significados contidos. Essa atribuição é feita retrospectivamente ou prospectivamente (Silva, 1984). Desta forma a leitura poderá ser um meio no qual o indivíduo desenvolverá suas habilidades intelectuais, seu vocabulário e que também expanda seu conhecimento. Conforme, reforça Jouve (2002, p. 25), “o texto alarga o horizonte do leitor abrindo-lhe um universo novo”.

Adicionalmente, Martins (1994) afirma que ao organizar os conhecimentos adquiridos, de acordo com as situações que a realidade do mundo se apresenta para o indivíduo, há o estabelecimento de relações entre as experiências e as resoluções problemas. Desta forma, segundo Martins (1994), desenvolvem-se habilidades para que o indivíduo possa ler tudo ou qualquer coisa. Portanto, compreende-se que há a expansão e o desenvolvimento do intelecto e do conhecimento de um determinado leitor.

Desta forma, o leitor, através da leitura, desempenha um nível sensorial, emocional e racional, onde cada um desses níveis corresponde a um modo de relacionar com o objeto lido, de forma dinâmica e dependente da circunstância relacionada (Martins, 1994). Isso se dá na medida que o indivíduo passeia por uma feira, um museu ou antiquário, por exemplo, e percebe variadas sensações, emoções e pensamentos, tendo cada indivíduo uma reação pessoal (Martins, 1994). Essa reação ocorre devido à bagagem cultural e intelectual do indivíduo, porém, não em totalidade.

Nesse sentido, Bamberger (1995, p. 10) afirma que a leitura é “um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade.” Em outras palavras, a leitura, além de ser uma atividade geradora de conhecimentos, irá contribuir no desenvolvimento da linguagem e da personalidade.

Deve-se considerar, também, as particularidades da leitura nos diferentes formatos, seja na leitura de um romance, de um livro científico ou de um periódico de notícias. Cada um destes formatos despertará interpretações e produzirá significados de acordo com o tema e o contexto, independente do tipo de leitura realizada, literária ou informacional.

Na leitura literária, o leitor utiliza seu repertório de experiências para se envolver com o texto literário, permitindo assim a construção de seu significado e a identificação de suas referências contextuais, ou seja, aquelas pretendidas pelo autor (Silva, 1993; Jouve, 2002). É evidente, portanto, que o texto opera como um meio de comunicação ou interação entre dois contextos distintos, a saber, o do autor e o do leitor, ou seja, por meio do uso do texto, o autor é capaz de evocar, estimular e sugerir referências, que o leitor pode então reinterpretar ou recriar por meio do processo de atribuição de significado (Silva, 1993).

Para isso é necessário um conhecimento de “fundo” suficiente para que os processos de leitura seja atribuidores de significados, ou seja, para ocorrer, é necessário um maior conhecimento prévio que pode ser obtido por meio de leituras anteriores ou por meio de acesso a outros bens culturais, bem como à vivência em um determinado meio social (Wolf, 2019). Desta forma, o indivíduo estará realizando uma leitura profunda e produtiva.

De acordo com Silva (1993), a leitura mais produtiva é aquela que consegue reorganizar as experiências do leitor e gerar conflitos entre as interpretações possíveis. Pois, desta forma, haverá a possibilidade de o indivíduo ter liberdade de interpretação e expressão, ocasionando o enriquecimento através de suas elucidações e discussões durante a leitura (Silva, 1993).

Nesse sentido, “a leitura reveladora da palavra e do mundo se constitui em mais um instrumento de combate à ignorância e à alienação” (Silva, 1993, p. 17). Isto se dá devido o poder conscientizador ocasionado pelo processo de leitura (Silva, 1993). Assim, a leitura permitirá circunstâncias positivas envolvendo a ampliação da perspectiva individual e o aprimoramento da capacidade de participar efetivamente dos assuntos sociais, por exemplo (Britto, 2012, p. 47).

É importante salientar que a consciência é uma característica estritamente humana, concedendo aos indivíduos a capacidade de descobrir e ampliar suas percepções do mundo (Silva, 1993). Além disso, esse recurso facilita o estabelecimento de conexões entre o particular e o todo, o específico e o geral, causa e efeito, entre outros, ou seja, a consciência possibilita os indivíduos a se separarem de seu conteúdo experiencial e representacional, permitindo assim processos analíticos e transformadores (Silva, 1993). Em consequência, o processo de conscientização “faz com que o homem dialeticamente direcione-se para determinados fatos e relações contido na realidade circundante e tome distância desses fatos e relações a fim de refleti-los, questioná-los e, se necessário, transformá-los” (Silva, 1993, p. 19).

Portanto, a leitura, como mecanismo específico de conscientização, representa um encontro entre o indivíduo e a realidade sociocultural que se expressa e é interpretada por meio da linguagem (Silva, 1993). É o que Freire (2003) afirma que, por meio das vivências de mundo

e dos conhecimentos prévios, das percepções individuais da leitura do mundo que o indivíduo relacionará com a leitura da palavra, isto é, a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Durante a leitura, o indivíduo resgata e relaciona experiências vividas em sociedade, de outras leituras e de sua própria cultura (Medrado; Lanosa, 2021).

Do ponto de vista da neurociência, essa conscientização se dá através da síntese do conteúdo do texto com o conhecimento de fundo, de analogias, deduções, induções e inferências, de forma que possa avaliar pressuposições, interpretações e conclusões referentes ao texto lido (Wolf, 2019).

Além disso, Wolf (2019) afirma que a capacidade de produzir sentidos ao ler um texto promove o entendimento dos pensamentos e sentimentos dos outros. Salienta, ainda, que a adoção de um ponto de vista específico não serve apenas para promover nossa capacidade de empatia com o material que acabamos de ler, mas também tem o benefício adicional de ampliar nossa compreensão pessoal do mundo ao nosso redor (Wolf, 2019).

O ato da leitura é uma base “para a atribuição de sentido a novos textos, uma vez que se valem dos sentidos construídos, de ideias e vocabulários subsidiados pelas diferentes leituras” (Medrado; Lanosa, 2021, p. 161). Desta forma, ocorre a ampliação dos conhecimentos, competências e habilidades que contribuem para o indivíduo progredir seu intelecto, seu conhecimento de mundo e o autoconhecimento (Medrado; Lanosa, 2021).

A leitura, sendo caracterizada como uma atividade individualizada, possibilita momentos de autodistanciamento. Isto é, a capacidade de promover de se distanciar de si ou de uma situação, que permite um momento de reflexão importante para que o indivíduo pense em respostas mais autônomas e menos distantes da massa (ou senso comum), em diversas situações (Frankl, 2011; Martinez, 2012; Medrado; Lanosa, 2021). Nesse sentido, é importante haver a promoção de leitores proficientes.

De acordo com Oliveira e Santos (2008), a leitura proficiente envolve diversos fatores nos indivíduos leitores, dentre eles, flexibilidade no manejo das ideias do autor, interesse, atitude e motivação, concentração, ritmo e a velocidade. A compreensão do texto será feita por meio de analogias, o que exigirá um bom raciocínio lógico do leitor (Oliveira; Santos, 2008). Complementa, ainda, que o leitor fluente apresenta bom raciocínio lógico e processamento cognitivo, comparado a estudantes que não possuem fluência em leitura (Kintsch, 1994; Woolfolk, 2000; Oliveira; Santos, 2008).

Nesse sentido, observa-se que a leitura é um fator essencial para o desenvolvimento do intelecto de um indivíduo, sendo uma importante ferramenta do progresso da humanidade, impactando a sociedade individual ou coletivamente.

É importante destacar que a leitura possibilita prazeres, saberes, reflexões e ações; é um exercício de indagação, reflexão crítica, de entendimento, de captação de símbolos e sinais, de mensagens, de conteúdo e de informações (Stocker, 2011). Dessa forma, é importante que o acesso à leitura deva ser facilitado, promovido e expandido, isto é, democratizar o acesso aos livros.

O acesso à informação, seja por meio de mecanismos formais, como instituições educacionais, ou canais informais, como locais públicos, tem o potencial de contribuir de forma significativa e positiva para o desenvolvimento de indivíduos com níveis elevados de consciência em relação às suas próprias circunstâncias, levando, por sua vez, a um impacto social e financeiro (Chartier; Santos; Dumont, 2022).

No entanto, Chartier, Santos e Dumont (2022), salientam que é preciso que se compreenda a diferença entre a prática de leitura das redes sociais, caracterizada pela aceleração, pelo descompromisso, pela fragmentação e ausência de questionamento, não se torne hegemônica. Sugerem, portanto, sem essa compreensão, as mídias digitais podem se transformar em uma ameaça ao conhecimento científico, em decorrência das falsificações e inverdades popularizadas e difundidas sem filtro nas redes (Chartier; Santos; Dumont, 2022). Conforme Cavalcante (2021), em meio a tantos estímulos e cerceamentos que conduzem indivíduos ao aniquilamento do pensamento crítico (mídias digitais, por exemplo), o ato de ler se apresenta como uma maneira de pensar além do que é comum sobre assuntos diversos, de maneira única e/ou plural.

Portanto, a leitura se caracteriza por ser uma atividade promovedora de conhecimento, de prazer e está vinculada ao progresso da humanidade, de maneira geral. Sua importância não significa que é a solução para todos os problemas sociais, mas se mostra como uma maneira de desenvolver a consciência crítica nos indivíduos e esperar um progresso social.

Assim sendo, sua importância justifica a necessidade de desenvolver ações que contribuam para tornar a leitura uma prática cultural nos indivíduos que compõe a sociedade, que seja incentivada para instituir gostos, independente da classe social e/ou econômica, objetivando diminuir a dicotomia entre constatação da importância de ler e do efetivo ato de ler.

2.4 A UNIVERSIDADE E O INCENTIVO ÀS PRÁTICAS DE LEITURA

Sabe-se que a leitura e os livros no Brasil, apesar de ser unanimidade sua importância, não são itens culturais de fácil acesso para maioria dos indivíduos. Há uma barreira social e

econômica que dificulta o acesso ao livro e outros bens culturais, principalmente, nas classes sociais mais baixas. Essa barreira que impede o acesso à leitura, pode ser justificada pelo preço, bem como pela falta de políticas públicas que democratizem o acesso. Segundo Soares (1995), por estar, comumente, ligada ao consumo, os livros, revistas e jornais depende, além do fator cultural, da condição financeira dos indivíduos.

Inicialmente, é necessário salientar que ao discutir sobre a leitura como uma prática cultural é necessário compreender que as classes dominantes classificam a leitura como uma fruição, lazer, ampliação de horizontes; já as classes dominadas entendem a leitura como uma necessidade para a ascensão social e melhorias das condições de vida (Soares, 1995).

É necessário, portanto, considerar que essa desigualdade entre as classes sociais, é um fator importante nas ações que buscam incentivar a leitura. Pois, desconsiderar esses fatores ocasionará a replicação de práticas que apenas reforçam a desigualdade, ocasionado em uma leitura que não será democrática e acessível.

Conforme afirma Santos (2014), tanto o operário quanto o jovem podem um dia gostar de ler, desde que haja oferta e incentivos à leitura. O aumento e, conseqüente, aprimoramento das práticas de leitura é facilitado pelo processo consistente e rotineiro de acessar e interagir com uma variedade diversificada de leituras (Santos, 2014). Nesse sentido, Silva e Peres (2019), salientam que acesso a uma variada oportunidade de leituras são imprescindíveis para formação de um leitor. Ou seja, as oportunidades de leitura e o seu acesso a variados formatos e gêneros é fundamental para formar cidadãos participativos e que contribuam para tomada de decisões (Chartier; Santos; Dumont, 2022).

Quando se fala em incentivo à leitura, pressupõe-se que seja uma ação destinada a quem sabe ler, mas não lê com frequência (Britto, 2012). A função de uma ação de incentivo à leitura, de acordo com Britto (2012, p. 54), é realizar a promoção do senso crítico dos indivíduos, de que forma que ultrapassem a “esfera do imediato e produzem as indagações da condição da existência”. Não é somente desenvolver o gosto pela leitura ou querer instituir o prazer da leitura, mas sim proporcionar que os indivíduos possam, também, ter consciência e desenvolver seu próprio conhecimento (Britto, 2012).

Para Yongpan (2022), o principal objetivo do incentivo à leitura é estabelecer bons hábitos de leitura na sociedade, popularizar a importância da leitura, melhorar a consciência leitora de toda a sociedade, aumentar o nível de leitura dos indivíduos e melhorar o senso crítico.

Nesse sentido, planejar ações que a incentivem e possam contribuir para tornar a leitura uma atividade habitual e prazerosa em um indivíduo ou um determinado grupo, deve-se, primeiramente, compreender que é necessário haver um conjunto de fatores estimuladores.

Para atingir esse objetivo é importante considerar que é um processo que envolverá educação, bibliotecas, políticas públicas, fatores econômicos e sociais.

De acordo com Silva (1993), o gosto pela leitura resultará de práticas de leitura e das regras da estrutura social que o indivíduo está inserido. Conforme Santos (2014), os resultados encontrados em sua tese identificaram que o gosto e hábitos de leitura estão relacionados com o histórico de leitura no seio familiar, seja pelos pais ou outros familiares, seja de indivíduos que tiveram acesso às bibliotecas ou livrarias. Assim sendo, estimular a leitura envolve diferentes fatores, não sendo possível concluir que haja uma fórmula única que funcione em todos os locais e contextos.

Para Silva (1993), o gosto pela leitura inicia-se devido a um conjunto de interações educativas envolvendo os livros. Os indivíduos envolvidos no processo de incentivo, devem ter conhecimento das obras utilizadas nas ações, de forma que passem a beleza da palavra literária para os outros indivíduos (Silva, 1993).

Entretanto, não pode ser frequente é estimular a leitura pelo ato da repetição. De acordo com Silva (1984), estimular ou criar gostos, podem passar a ideia de que um comportamento que será adquirido por meio da repetição, posteriormente tornando-se voluntário ou automático. Por isso, ressalta que forçar por meio de repetição pode trazer consequências indesejadas como eliminar os atos da reflexão, o qual é um dos preceitos esperados do ato da leitura (Silva, 1984).

Ademais, Martins (1994) ressalta que deve tomar cuidado para não ligar o hábito da leitura apenas a livros literários. A autora afirma que essa ideia está vinculada a uma formação livresca, herdada da escolástica dos jesuítas no Brasil e da ideologia burguesa que busca a elitização da cultura (Martins, 1994).

Portanto, o promovedor da leitura deve ter consciência dessas diferenças sociais envolvidas no acesso à leitura para pensar em ações culturais que sejam efetivas. De acordo com Bamberger (1995), é compreender que o hábito e o gosto pela leitura devam fazer sentido para o indivíduo e que valha a pena para concordar com os seus próprios objetivos pessoais, profissionais e sociais. O estágio inicial da leitura envolve a satisfação de desejos e necessidades inerentes, seguido pela apreensão das vantagens derivadas da leitura, culminando em uma associação habitual com os livros (Bamberger, 1995).

Nesse sentido, Britto (2012) afirma não haver dúvida de que certos procedimentos de leitura podem ser adquiridos e que a prática da leitura facilita a capacidade do indivíduo de agir com dinamismo, mas ressalta que para isso, o indivíduo precisa de ter uma formação razoável e um certo entusiasmo para que os estímulos à leitura sejam eficientes.

É necessário, desta forma, que se crie condições de leitura, não só por meio de alfabetização ou através do aumento do acesso do livro, mas que haja o diálogo com o leitor sobre sua leitura, sobre o sentido que ele deu para o texto, para uma pintura, uma paisagem, um som, para uma ideia ou para situações imaginárias (Martins, 1994).

A singularidade da leitura se deve à condensação de informações, à atitude reflexiva introspectiva de análise de si e das coisas com as quais se relaciona, e ao controle da ação intelectual (Britto, 2012).

É também relevante salientar que, ao incluir o indivíduo em uma determinada modalidade cultural, é possível instituir gostos, propagar hábitos, práticas e formas de cultura mais densas e elaboradas (Britto, 2012). Portanto, nesse sentido, a “*leitura* passa a ser entendida como *prática social circunstanciada*, favorecendo o alargamento do espírito e das possibilidades de atuação e intervenção na sociedade” (Britto, 2012, p. 48).

De acordo com Britto (2012), a promoção da leitura seria uma forma de inserir o indivíduo a um pertencimento crítico, isto é, carregar um valor mediante um hábito. No entanto, tal perspectiva corre o risco de não ter efeitos a partir do momento que a leitura se torne um hábito descomprometido, sem reflexão do sentido das coisas, sem interagir com o contexto (Britto, 2012). Desta forma, a leitura se torna alienante, um ato mecânico e sem consciência crítica do conteúdo lido (Britto, 2012). E isso pode ocorrer devido à falta de orientação intelectual e à coerção a questionamentos, pois desta forma haverá a interrupção do pensamento crítico (Wolf, 2019).

Ainda segundo Britto (2012), a promoção da leitura como mero entretenimento, acreditando que poderá potencializar o interesse por outras leituras, não significa estimular valor ao indivíduo, bem como não se deve vincular a prática da leitura com ascensão financeira e social ou sucesso pessoal, pois dessa forma estaria reduzindo o ato de ler ao pragmatismo da competitividade.

[...] a promoção da leitura não se deve pautar nem pelos ditames do mercado editorial e da indústria da informação e do entretenimento, nem pela necessária disciplina da aprendizagem escolar. No primeiro caso, porque seria simplesmente tomar da leitura seu valor humano e substituí-lo pelo valor de mercadoria – portanto, fazer dela elemento de alienação; no segundo caso, porque ou se negaria o caráter organizador e sistematizador da educação escolar ou se esvaziaria da leitura seu caráter de ação desimpedida, desobrigada, ainda que “comprometida”, de alguém que busca a si, ao outro, ao mundo e à vida (Britto, 2012, p. 51).

Além disso, deve-se considerar, também, que é preciso buscar maneiras de despertar a curiosidade no possível leitor, levando-a a explorar novas leituras e aguçar o pensamento para

novos conhecimentos e significados. Para Cosson (2014), a leitura, segundo sua concepção de ler ser um diálogo, iniciará quando o leitor fizer uma indagação, ou seja, a leitura irá começar quando o leitor fizer uma pergunta, metafórica ou literalmente, para se distrair, para esquecer, para conhecer ou qualquer outro motivo. Nessa concepção, o texto escolhido pelo leitor precisa ser um instrumento motivador, mas que para isso essa motivação precisa passar “necessariamente pela sua história de vida, a sua história de leitor” (Cosson, 2014, p. 47).

Portanto, o incentivo à leitura deve ser realizado por meio de ações que despertem a curiosidade e o interesse pela leitura, sendo necessário, conforme afirmado anteriormente, conhecer o público-alvo e seu contexto.

Em uma abordagem que segue em uma perspectiva psicológica da motivação da leitura, Schiefele *et al.* (2012) afirmam que há dois motivos para um indivíduo ler: a motivação por algum interesse específico em uma determinada situação e a motivação habitual para ler, que se caracteriza pela prontidão e vontades próprias para iniciar uma nova leitura. Nesse sentido, a leitura pode ter motivação intrínseca (motivado a ler por interesse próprio, por ser uma atividade gratificante ou satisfatória) e extrínseca (motivado a ler para obtenção de um resultado positivo ou de uma nota acadêmica satisfatória, por exemplo) (Schiefele *et al.*, 2012). Isto é, enquanto a motivação intrínseca para se engajar na leitura está centrada nos estímulos inerentes ao ato de ler, a motivação extrínseca envolve os estímulos que se obterá com a leitura (Schiefele *et al.*, 2012).

Dessa forma, em sua revisão sobre os motivos para ler, Schiefele *et al.* (2012), concluíram haver um valor atribuído à motivação intrínseca à leitura, por estar ligada ao prazer, além de terem identificado os motivadores à leitura: curiosidade (em conhecer), envolvimento (vivenciar imaginativamente em diferentes situações), competição (alcançar níveis mais altos de leitura que outras pessoas), reconhecimento (elogios de pessoas próximas ou professores), notas (avaliação positiva no ambiente educacional), conformidade (ler por obrigação) e evitar trabalhos (por consumir tempo).

Adicionalmente, é necessário salientar que os professores são responsáveis, em parte, pelo incentivo à leitura durante todos os níveis educacionais, inclusive no ensino superior, foco desta pesquisa. Certamente, até mesmo uma informal conversa de corredor entre o aluno e o professor, na qual o docente cita autores utilizados ou que gosta de ler, acaba por instigar a curiosidade do aluno (Witter, 1997).

A aprendizagem no ensino superior ocorre por meio de complexas atividades de ensino, de pesquisa e extensão, no qual é permeada pela leitura de textos obrigatórios, composto pela bibliografia básica recomendada nas ementas das disciplinas, bem como por meio da

bibliografia complementar. Essa leitura na universidade é base para a formação superior do indivíduo, colaborando no ensino-aprendizagem do aluno e no fazer ciência (Witter, 1997).

Além disso, a universidade é um ambiente que permite maior liberdade de escolha de leitura, para além do livro didático, diferente do que ocorre na escola (Santos, 2014). Embora haja uma bibliografia recomendada para leitura, espera-se que, no ensino superior, o aluno aguçe sua curiosidade e busque novos conhecimentos por meio de pesquisas (Santos, 2014). Essa é uma etapa importante, entretanto, a leitura não deve ser imposta, mas sim, dar ao aluno a sensação de liberdade para opinar e julgar o que ele acha necessário para sua formação (Stocker, 2011).

[...] mesmo sabendo da incontestável utilização da leitura para o desenvolvimento do conhecimento científico, não se pode assegurar que essa prática constante contribui de mesmo modo para a construção e sustentação de uma prática literária prazerosa posterior. Afinal, mesmo entendendo as duas como pertencentes ao escopo da leitura, são atividades que despertam áreas diferentes de um indivíduo, uma inclinada ao desempenho de atividades funcionais e a outra, voltada às praxes recreativas (Barreto, 2021, p. 97-98).

No entanto, embora a Universidade seja um ambiente que facilite e contribua no desenvolvimento das habilidades de leituras dos alunos, é necessário um esforço institucional para assegurar condições adequadas de ensino com uma biblioteca eficiente e ações produtoras de estímulos para leitura (Witter, 1997).

Portanto, utilizar a biblioteca universitária para realizar as ações de incentivo à leitura, pode contribuir para formação dos indivíduos, apoiando o ensino, a pesquisa e extensão. Dessa forma, essas ações podem resultar em instituir gostos e prazeres pela leitura nos estudantes, além de ser uma maneira de estimular a curiosidade, aproveitando do ambiente de conhecimento da biblioteca universitária e da liberdade para escolher livros que desejar.

3 AÇÃO CULTURAL EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Neste capítulo, pretende-se discutir acerca do conceito de cultura, objetivando sua compreensão, entender o significado e a importância das ações culturais, além das possibilidades de utilizá-las nas bibliotecas universitárias como uma atividade de formação cultural e de incentivo à leitura.

As conceituações de cultura, seguiram linhas de pensamentos para abranger amplamente as múltiplas acepções do termo. Utilizando como base, conceitos como de Eagleton (2011), Chauí (2008) e Morin (2002), foi possível compreender o conceito para posteriores discussões. Já a discussão sobre ação cultural, foi fundamentada em Coelho Netto (1997, 2017), Cunha (2015), Milanesi (2003) e Britto (2012). No entanto, utilizaram-se outros autores para discutir e construir uma argumentação coerente.

3.1 ENTENDENDO O CONCEITO DE CULTURA

Compreender o conceito de cultura não é simples como pesquisar o significado no dicionário, pois até mesmo ele apresenta múltiplas acepções para o termo. Nesta pesquisa não se aspirou apresentar discussões aprofundadas do termo, mas construir uma linha lógica das conceituações de pensadores para compreender o conceito em um sentido amplo, de forma que se forneça uma base para discutir a ação cultural em si.

Historicamente, o termo cultura possui relação com a humanidade e sua atividade ao longo do tempo. Isto é, a arte, as ideias, as religiões, os costumes e todo conhecimento humano fazem parte da cultura. Para o senso comum, a cultura está associada a estudo, educação, manifestações artísticas (pintura, teatro, música), pelos meios de comunicação de massa (cinema, televisão) e nas crenças populares de um povo (Santos, 2017). No entanto, esse entendimento pode ser caracterizado como um conceito superficial e mais recente, diferente das transformações no qual o termo foi sendo conceituado ao longo do tempo.

Etimologicamente, o termo advém de sua relação com a natureza e da noção do cultivar agrícola (Eagleton, 2011). Essa definição de cultura como uma atividade de cultivo agrícola, predominou por muito tempo. De acordo com Eagleton (2011, p. 10), Francis Bacon, foi um dos primeiros pensadores a definir cultura como o “cultivo e adubação de mentes”. Tempos depois, Matthew Arnold, poeta britânico, buscou dar a ideia de cultura como uma abstração de

si mesma (Eagleton, 2011). Dessa forma, a acepção do termo começa a ser associada ao conhecimento e cultivo do intelecto.

De acordo com Cunha (2015, sem paginação), o termo cultura passa a ter a ideia de cuidar e cultivar, no entanto, não mais só de plantações, mas sim no sentido de ser o cultivo do espírito, do intelecto, dos conhecimentos, além de estar associado à “sensibilidade estética ou a memória de um fato importante e cujo feito se impôs como épico ou extraordinário.”

No latim, a origem do termo cultura advém da palavra *colere*, que pode significar cultivar, habitar, adorar e ter cuidado com algo, proteger algum objeto ou acessório; é indicar esmero (Chauí, 2008; Eagleton, 2011; Cunha, 2015). A cultura, como ideia de cultivo, possuía relação com o ato de chegar à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de um indivíduo (Chauí, 2008).

Ademais, *colere* possui relação com o termo religioso latim *cultus*, que significa “culto”, no qual possui um sentido desvanecente de divindade, de transcendência, herdando, portanto, uma ideia de imponente autoridade religiosa (Eagleton, 2011). Portanto, “se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz” (Eagleton, 2011, p. 11). Logo, o termo passa-se a estar ligado à ideia de humanidade como um todo.

O Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia define cultura como um conjunto de padrões de comportamento, crenças, costumes e conhecimentos técnicos, econômicos, religiosos e de comunicação que distinguem um determinado grupo social; forma ou evolução das tradições e valores intelectuais, morais e espirituais de um local específico; conjunto de atividades, instituições, “padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins” (Neiva, 2013, p. 136).

Para Edgar Morin (2002), a noção de cultura abrange múltiplos significados, podendo ser dividida em três abordagens: sentido antropológico, sentido etnográfico e sentido sociológico. No **sentido antropológico**, a cultura se opõe à noção de natureza e nos comportamentos inatos, isto é, tudo que é produzido no meio social confunde-se com o que é propriamente do ser humano, no entanto, tudo que tem sentido e envolve as atividades humanas, como linguagem, por exemplo, abrange a conceituação de cultura; no **sentido etnográfico** a cultura é compreendida como crenças, valores, atos, normas e modos de comportamento; e no **sentido sociológico**, a conceituação envolve a sensibilidade do ser humano, a personalidade, o domínio psicoafetivo e que possui relação com o erudito, sendo valorizada e opondo, eticamente, aos incultos (Morin, 2002).

Dessa forma, a cultura representa diferentes sentidos para sua definição, pois condensa influências de diversas áreas do conhecimento, mas sempre associada à noção de humanidade. Em consequência, há distinções nos estudos sobre cultura, de maneira geral. Segundo Morin (2002, p. 184), os sentidos de cultura oscilam “entre um sentido total e residual, e, de outro, entre um sentido antro-po-sócio-etnográfico e um sentido ético-estético.”

A cultura da antropologia cultural engloba, assim, todo o saber, o campo da experiência, os códigos e as normas-modelo existentes em um sistema global oposto ao sistema instintivo ou natural. Em contrapartida, a cultura erudita contém apenas o saber das humanidades, letras e artes, um código refinado, um sistema de normas-modelo que deságua tanto no imaginário como no saber/viver (Morin, 2002, p. 186).

Amplamente, “cultura é o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia, pela etnologia e pela antropologia, além da filosofia” (Chauí, 2021, p. 19). Nesse sentido, o termo possui definições baseadas nos pontos de vistas estudados em cada uma dessas áreas do conhecimento, sendo, portanto, uma possível justificativa para a complexidade de apontar uma conceituação para o termo.

O sentido antropológico envolve a definição de Edward Burnett Tylor, antropólogo inglês que viveu durante o século XIX, no qual define cultura como um conjunto de crenças, conhecimento, arte, moral, leis e costumes ou qualquer outro hábito humano que molde um comportamento (Laraia, 2008). Essa cultura, herdada da antropologia, envolve as interações sociais e a maneira de vida “material e simbólico de uma sociedade, incluindo características e valores econômicos, técnicas, estruturas políticas, comportamentos ético-morais, crenças, formas educativas e criações artísticas” (Cunha, 2015, sem paginação). Além disso, é uma ideia que deriva do Iluminismo e que considerava a cultura como um padrão ou critério que media o grau de uma sociedade, passando a ser compreendida como um conjunto de práticas, como artes, ciências, técnicas, filosofia e os ofícios, sendo dessa forma, um conceito que indicava progresso (Chauí, 2008).

Segundo Chauí (2008), a partir da segunda metade do século XX, o termo cultura passa a ter uma abrangência maior de sentidos, incorporando:

[...] produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte (Chauí, 2008, p. 57).

A própria ideia do homem, seu modo de viver, de pensar e agir podem ser consideradas cultura, já que, neste caso, representam a síntese dialética entre o homem e a natureza (Flusser, 1983). Portanto, nesse sentido, cultura não é mais objeto, mas representação, sendo mais uma situação contextual (Flusser, 1983). Se caracteriza por um “sistema dialético que viabiliza a comunicação entre uma experiência existencial e um saber constituído” (Morin, 2002, p. 185).

A cultura, portanto, começa a ser entendida como um meio no qual os seres humanos elaboram símbolos e signos, criam práticas e valores sociais, definem os sentidos para si e para o meio, instituem ideias de sentido de linhas de tempo, como presente, passado e futuro, além de ideias de espaço; criam valores do que é verdadeiro, belo ou falso, instauram a ideia de lei para organizar o meio social e determinam o sentido da vida, da morte e dos aspectos religiosos de um determinado meio social (Chauí, 2008). O termo passa a ter uma definição mais abrangente e muito ligada à ideia de humanidade e dos valores morais que organizam uma sociedade.

Adicionalmente, é importante destacar que a cultura também possui relação com a ideia de inteligência e de saber intelectual dos indivíduos. De acordo com Williams (2000, p. 11), cultura também pode ser compreendida como “cultivo ativo da mente”, isto é, sugere a ideia de uma pessoa com a mente desenvolvida é considerada culta, de maneira que as atividades e/ou interesses culturais, como as artes, são vistas como uma atividade cultural do homem. Mesmo que em suas origens etimológicas sejam o cultivo na lavoura, propriamente dito, ainda havia a ideia de ser uma forma de expandir a consciência (Eagleton, 2011). É a relação da cultura com o que é simbólico e social, com aquilo que é verdadeiro de um conhecimento, com uma ação moral e com as representações estéticas da arte (Cunha, 2015).

Uma pessoa culta, pode ser definida como um indivíduo que desenvolve atividades intelectuais em geral (Filosofia, Política, Economia, etc.) ou atividades artísticas, como música, pintura e literatura (Eagleton, 2011). É importante destacar que o Pequeno Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, define que cultura, também, é oposto de ignorância (Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2015).

Segundo Eagleton (2011), possuir os atributos de civilidade e ser culto é ser dotado de emoções sofisticadas, desejos e paixões, comportamento refinado e uma mentalidade aberta, ou seja, em essência, é se comportar com racionalidade e moderação e possuir uma consciência e consideração de bem-estar, de maneira que envolva a prática da autodisciplina e a disposição de priorizar o bem maior em detrimento do ganho pessoal.

Entretanto, é necessário ressaltar que nesse sentido a cultura identifica-se com a aquisição de conhecimentos, aptidões e gostos específicos, acompanhados por vantagens

sociais, como certos privilégios de classe, o que pode levar à distinção de cultos e incultos, de cultura erudita e cultura popular (Chauí, 2021, p. 19). Além disso, é importante salientar, também, que o oposto de cultura é a barbárie (Coelho Netto, 2017).

Nesse sentido, portanto, após compreender a associação constante do ser humano com cultura, deve-se criar maneiras de desenvolver a formação cultural e estimular o cultivo ativo da mente de forma democrática e acessível. Pois, a aquisição de cultura é uma maneira de aumentar a capacidade de reflexão e julgamento, além de ser uma ferramenta de desenvolvimento de personalidade (Cunha, 2015).

Em suas experiências no Chile, Paulo Freire (2021) afirma em seu livro que os indivíduos adultos, ao serem alfabetizados, perceberam que o fruto de seu trabalho era um objeto cultural. Sendo assim, eles se consideraram como pessoas cultas por participarem do fazer cultura (Freire, 2021). É “saber que é culto porque trabalha e trabalhando transforma o mundo” (Freire, 2021, p. 28). Corroborando, de acordo com Eagleton (2011, p. 21), “a cultura é uma questão de desenvolvimento total e harmonioso da personalidade, mas ninguém pode realizar isso estando isolado”. Nesse sentido, cultura não é algo parado estático, mas que ocasiona transformações nos indivíduos (Santos, 2017). Assim, engloba uma noção abrangente, servindo como um meio de aumentar a compreensão de que os indivíduos são um componente integral e estão inerentemente ligados a um determinado meio cultural.

Isso ocorre, pois a cultura é uma dimensão do processo social de uma sociedade, é uma construção histórica, que engloba os aspectos da vida social, que objetiva o progresso de um determinado povo (Santos, 2017). Nesse sentido, a cultura exerce uma espécie de pedagogia ética que insere os indivíduos para a cidadania política ao liberar a sua personalidade ideal ou do coletivo (Eagleton, 2011). No entanto, somente é possível na medida que o Estado proporcione ambiente para isso. Eagleton (2011, p. 21) afirma que “a cultura exige certas condições sociais, e já que essas condições podem envolver o Estado, pode ser que ela também tenha uma dimensão política”.

Dessa forma, de acordo com Eagleton (2011), a cultura exerce um mecanismo de hegemonia por permitir que se molde os indivíduos às necessidades de uma determinada sociedade civil, seja para pacificação, por princípios determinados ou para desconstruir ideias.

Portanto, a cultura exerce influências da formação de um indivíduo inserido em uma sociedade, influencia a maneira como a sociedade conduz ao progresso, age de maneira educativa, bem como está inerentemente associada ao conhecimento humano. De forma geral, a cultura é, portanto, um conjunto de conhecimentos e saberes formado pela linguagem, por

comportamentos sociais, hábitos cotidianos, criações artísticas (música, dança, literatura, etc.), criações, costumes e crenças populares (Cunha, 2015).

Assim sendo, essas definições apresentadas servem como uma base para compreensão do que cultura pode significar. Os estudos sobre cultura englobam uma grande teia de conhecimentos que são incorporados e discutidos em outras áreas do conhecimento, como sociologia, antropologia, educação, etc. No entanto, o objetivo foi fazer uma introdução ao tema para construir uma fundamentação necessária para melhor compreensão da conceituação de ação cultural e sua relação com as bibliotecas universitárias. Portanto, conforme discutido na presente seção, fica evidente a abrangência que a cultura pode ter sobre a sociedade, além de impactar no conhecimento e na compreensão da humanidade, de maneira geral.

3.2 A AÇÃO CULTURAL: DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA

Considerando a complexa e múltiplas acepções de cultura, a definição de ação cultural pressupõe, genericamente, o entendimento de que seja uma atividade ou processo que utiliza e/ou produz um objeto cultural. No entanto, para um melhor entendimento do conceito é importante compreender suas origens e distingui-lo de termos com significados similares.

A ação cultural, propriamente, teve sua origem na França, nos anos 1960, mediante uma política pública criada pelo então Ministro dos Assuntos Culturais, André Malraux, que objetivava tornar acessível os bens culturais, isto é, democratizar e difundir o acesso às obras artísticas (Viganó, 2020; Pupo; Veloso, 2020). A ideia era criar um espaço onde a arte podia ser praticada, promovendo a cultura e seu acesso, além de atuar com a preservação do patrimônio cultural (Viganó, 2020).

Quanto às origens do termo ação cultural, há, historicamente, uma ligação à ideia de animação cultural desde o início do século XX (Cunha, 2015; Coelho Neto, 2017). Dessa forma, é importante entender a diferença entre ação e animação. O termo ação constitui um processo e resultado de um propósito, isto é, um fazer possível de algo (Cunha, 2015). O dicionário Aurélio de Língua Portuguesa define ação como o ato ou efeito de agir, de atuar, manifestar uma força ou energia; capacidade de mover-se, de agir; modo de proceder (Positivo Soluções Didáticas, 2010).

A animação é um termo derivado do grego *psique* e do latim *anima*, que significa alma e está intimamente ligada ao “princípio de vida, causa da sensibilidade e do pensamento, tanto quanto uma substância a se (em si), que permite a estabilidade dos entes, dos conhecimentos e

dos valores nos quais se manifesta” (Cunha, 2015, sem paginação). Entretanto, de acordo com Coelho Netto (2017), o termo animação se torna inadequado, pois remete à ideia de que o agente cultural é um mero animador de algum público.

O Pequeno Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa define o termo cultural como algo referente a cultura, como padrões, características de um povo; como um conjunto de conhecimentos de um indivíduo; e como o que divulga cultura (ação, grupo, etc.) (Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2015).

De acordo com Cunha (2015, sem paginação), a ação cultural consiste em:

[...] propor, estimular ou tornar possíveis conhecimentos, experiências simbólicas, sociais e também sensitivas (corporais), e por tais meios instituir um sentido e um ideal de formação aprimorada e de hábito, tanto de um ponto de vista individual quanto coletivo, assim como apoiar a realização de obras ou subvencionar artistas ou autores em processo de criação (Cunha, 2015, sem paginação).

Historicamente, a ação cultural passou por mudanças nos seus objetivos. De acordo com Coelho Netto (1997), essas mudanças se caracterizam em três momentos na nossa história: primeiramente, devido à atenção dada ao objeto de cultura, isto é, havia a intenção de preservar a obra, guardá-la como um patrimônio, não sendo comum e primordial disponibilizar acesso do público aos bens; em segundo, no início do século XX, na França e em países socialistas, havia um interesse maior em promover a educação e a cultura entre as classes trabalhadoras, dando início, também, à ideia de levar a cultura para grupos de pessoas, para uma determinada comunidade; em um terceiro momento, após a segunda metade da década de 60, do século XX, os programas de ação cultural passaram a pensar, também, no indivíduo, no singular, além da ideia de grupo e comunidade, desenvolvendo experiências que colocasse um indivíduo para experimentar a criação artística ou de um autor de uma obra.

Basicamente, a ação cultural ocorre por meio do planejamento de ações específicas que objetivam levar cultura a um determinado grupo social. Ela consiste no planejamento, na organização e na realização de atividades culturais destinados a indivíduos isolados, a grupos ou uma comunidade, servido como uma ponte entre o público e um objeto cultural (Cunha, 2015; Coelho Netto, 1997). Envolve recursos humanos e materiais, que objetivam colocar em prática uma determinada política cultural (Coelho Netto, 1997). Essas atividades culturais podem ser artísticas, artesanais, esportivas, recreativas, sociais, intelectuais e turísticas (Cunha, 2015).

Dessa forma, a ação cultural pode ser considerada uma atividade que envolve uma produção. Sendo assim, ela se divide em quatro níveis: produção, distribuição, troca e uso/consumo (Coelho Netto, 1997).

A **ação cultural de produção** tem por objetivo específico concretizar medidas que permitam a geração efetiva de obras de cultura ou arte. Seu público será tanto o profissional quanto o amador. **A ação cultural de distribuição** propõe-se criar as condições para que obras de cultura ou arte entrem num sistema de circulação que lhes possibilite o acesso a pontos públicos de exibição (cinemas, teatros, livrarias, galerias, museus, bibliotecas, etc.). **A ação cultural voltada para a troca** visa promover o acesso físico a uma obra de cultura ou arte por parte do público, de modo particular mediante o financiamento, no todo ou em parte, do preço da obra (preço de um livro, por exemplo) ou do ingresso que a ela dá acesso (ingresso para teatro, cinema, etc.). Finalmente, **a ação cultural voltada para o uso** procura promover o pleno desfrute de uma determinada obra, o que envolve o entendimento de seus aspectos formais, de conteúdo, sociais e outros; para tanto, recorre à elaboração de catálogos, programas de apresentação de um espetáculo ou filme, palestras, cursos, seminários, debates, etc. (Coelho Netto, 1997, p. 31–32, grifo nosso).

Assim, segundo o teórico francês Francis Jeanson⁶, a ação cultural consiste na criação e/ou organização de “condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem sujeitos da cultura, não seus objetos” (Coelho Netto, 2017, sem paginação). Essa visão é similar ao que Freire (2021) argumenta quando os sujeitos, independente da classe social inserida, são também parte da cultura. Nesse sentido, “a ação cultural evidencia-se como elemento do espaço público, ao integrar em sua constituição o diálogo entre os campos da arte, da política e da educação” (Viganó, 2020, p. 6).

O indivíduo que realiza/promove a ação cultural (agente cultural), assume a tarefa de preparar as condições e fornecer os recursos necessários para facilitar o desenvolvimento e o avanço da produção cultural, de maneira que essa facilitação permita que membros de determinados grupos assumam o papel de sujeitos no processo criador de cultura (Cabral, 1999). É dar oportunidade para os indivíduos participarem da cultura como criador e não somente como um consumidor passivo da obra cultural em si.

Além disso, é importante ressaltar que a ação cultural abrange uma atividade “contínua que trabalha com a informação, a descoberta, separando a essência da aparência, desordenando a ordem convencional, criando um novo conhecimento” (Milanesi, 2003, p. 127). Nesse sentido, ação cultural também é uma ação social (Coelho Netto, 2017).

De acordo com Coelho Netto (2017, sem paginação), a ação cultural tem como objetivo provocar consciências “para que se apossam de si mesmas e criem as condições para a

⁶ Francis Jeanson foi um filósofo francês, autor do livro *L'action culturelle dans la cité*, publicado em 1973 e foi encarregado da criação de casas de cultura na França (Pupo; Veloso, 2020).

totalização, no sentido dialético do termo, de um novo tipo de vida derivado do enfrentamento aberto das tensões e conflitos surgidos na prática social concreta.” Compreende-se, portanto, que a ação cultural exerce um conjunto de práticas que relacionam a cultura com a política, por permitir que conjuguem na construção de identidades e como espaços de rupturas (Viganó, 2020).

Além disso, a ação cultural, também, envolve características de ação educativa, desempenhando papel formativo, mesmo que de maneira não formal. Conforme afirma Cunha (2015), há quatro princípios que regem a ação cultural: **1) do ponto de vista social**, com objetivo atrair e integrar indivíduos e grupos de diferentes classes sociais ao universo artístico-cultural, vinculando-os àquelas ações que possam contribuir para minimizarem problemas da comunidade inserida; **2) quanto ao conteúdo**, isto é, estimular o conhecimento, o contato com novas linguagens, expressões, não só o que é considerada cultura de massa; **3) na ideia de organização**, que se configura uma estrutura permanente de intervenção institucional, mantida por profissionais capacitados que desenvolvem múltiplas atividades em centros culturais, fundações, associações ou por meio de organizações voluntárias; **4) e com objetivo de educação**, de cunho não formal.

Ademais, é importante destacar, que nas ações culturais, as representações artísticas (literatura, dança, música, pintura, teatro, cinema), supõem intenção inventiva em um processo de construção de narrativa que se manifesta por meio da busca por percepções e manifestações do que foi vivido pelo indivíduo (Britto, 2012). Nesse caso, é importante considerar que a cultura consiste em um processo para viabilizar o êxtase, isto é, expressar a arte de dentro para fora, sair do contexto habitual para enxergar de múltiplas formas; a arte e a cultura entrelaçam e transformam-se em objetos com conteúdo interpretável, que passou por um processo manipulado pelo seu criador (Coelho Netto, 2017).

Nesse sentido, o teatro, a música, a pintura, a escultura, a fotografia e a leitura “supõem processos intelectuais diferentes, mesmo que tão complexos quanto é com muitas articulações com a leitura do texto” (Britto, 2012, p. 32). Dessa forma, a convivência com os diversos produtos da cultura, em outros ambientes e contextos, onde ocorre a circulação de informações, de representações do mundo e da vida, seja na biblioteca, na TV ou nas mídias eletrônicas, possibilita alargamento intelectual e cultural (Britto, 2012).

A ação cultural possui o potencial de abranger várias práticas e visões de mundo, que podem diferir entre diferentes concepções de cultura, ou seja, tem a capacidade de se envolver diretamente com a vida pública, seja por meio de políticas que priorizem uma noção universalizante ou pluralista de cultura (Viganó, 2020). Ao fazer isso, provoca uma

transformação nos próprios agentes culturais, afetando suas próprias perspectivas sobre a prática artística e seu envolvimento no campo cultural (Viganó, 2020). Simultaneamente, a ação cultural também impacta o meio social de uma cidade e da vida pública, enquanto seus agentes são influenciados pelos encontros que ocorrem nesses espaços, levando à criação de transversalidade e correspondência (Viganó, 2020).

Portanto, a ação cultural, quando efetiva e democrática, contribui para diminuição das desigualdades culturais e sociais; gera oportunidades para surgimento e/ou estímulo de novos talentos; permite contato a ideologia e visões de mundo diferentes; propicia a experimentação e o despertar da curiosidade por novos interesses e/ou assuntos; viabiliza a formação de públicos, de habilidades e de comportamentos que possam aperfeiçoar um indivíduo em sua essência humanística; e enseja a pesquisa, a recuperação e análise de fatos, de documentos e de registros históricos (Cunha, 2015). A ação cultural também exerce formação estética em um indivíduo, sendo assim, ela “possibilita processos que viabilizam discursos múltiplos, novas formas de expressão artística não estabelecidas por parâmetros profissionais ou acadêmicos, além da consolidação de práticas culturais” (Viganó, 2020, p. 8).

Daí, a importância da ação cultural já se justifica necessária, ainda mais, considerando as possibilidades de aprendizado e de difusão de conhecimentos e experiências para a sociedade, por meio de bens/objetos culturais (Cunha, 2015).

Conforme ressalta Cunha (2015), um objeto considerado um bem cultural não é algo meramente funcional e utilitário, mas sim o contrário. Se caracteriza por sua capacidade de transcender as necessidades e desejos humanos básicos, alcançando, em última instância, uma espécie de imortalidade do bem cultural, agindo assim, como um poder transformador que pode inspirar e durar por gerações (Cunha, 2015).

Entretanto, é importante ressaltar que há a ideia de indústria cultural que considera os bens culturais (artes, música, literatura, teatro, etc.), como uma atividade de lazer e entretenimento (Chauí, 2008). A indústria cultural se caracteriza como produção, publicação, distribuição e/ou venda de livros, jornais, revistas, filmes, vídeos, gravações musicais, comunicação radiofônica e televisiva, além de atividades artísticas de entretenimento como o teatro, dança, espetáculos variados, parques e atrações esportivas (Coelho Netto, 1997).

Portanto, nesse caso, deve-se ter cautela e não considerar a ação cultural somente como uma atividade sem fins concretos, sendo somente um mero entretenimento. Pois, atualmente, “quase toda a produção de objetos e de obras simbólicas provém da indústria cultural e passa pelo sistema midiático” (Cunha, 2015, sem paginação).

Tendo isso em consideração, deve se ter uma consciência para não instituir momentos de ações culturais, somente, como atividades visando ocupar o tempo livre (Coelho Netto, 2017). É importante ser uma ação que aproxime o indivíduo e o faça participar do fazer cultura.

Conforme ressalta Coelho Netto (1997), a ação cultural fica aquém de seus objetivos se visa apenas estabelecer conexões entre indivíduos e produções/obras culturais ou mesmo se pretende estimular a criação cultural em seu sentido amplo; em vez disso, as relações formadas devem facilitar que os indivíduos compreendam e dominem as técnicas de expressão cultural para se articularem de forma independente e em uma infinidade de contextos.

Nesse sentido, a ação cultural deve buscar incentivar os indivíduos a assumirem uma postura analítica e reflexiva da obra cultural, de si e da sociedade, mas considerando o contexto, seus conhecimentos prévios e os recursos disponíveis à sua disposição (Coelho Netto, 1997). No entanto, não é suficiente que, por meio das ações, os indivíduos simplesmente estabeleçam um senso de proximidade ou apenas contentem em obter uma fuga momentânea de sua rotina, mas que o objetivo seja alcançar um benefício social claro e distinto (Coelho Netto, 1997).

Portanto, não é papel da ação cultural apenas “reproduzir os valores conformistas, irracionais ou de puro entretenimento que podem ser encontrados, com certa facilidade e apelo, na cultura de massa” (Cunha, 2015, sem paginação). É papel da ação cultural, nesse sentido, promover atividades que enriqueçam a bagagem intelectual, cognitiva, estética, associativa, social ou corporal dos indivíduos inseridos em um grupo social, isto é, proporcionar “oportunidades diferenciadas em face de atitudes, vivências e do senso comum cotidianos” (Cunha, 2015, sem paginação). Pois, expor os indivíduos às obras culturais, permite-lhes desenvolver a sensibilidade, percepção, inteligência, imaginação e reflexão (Chauí, 2008).

Nesse sentido, Coelho Netto (2017) afirma que a ação cultural tem objetivo de instigar, nos indivíduos, a imaginação, a ação e a reflexão. A imaginação que visa explorar o potencial por meio da consciência, no qual os indivíduos possam se abrir para novas possibilidades de ser, ao mesmo tempo que gera percepções do mundo que o rodeia; a ação se caracteriza em transformar o que foi imaginado em ato concreto; a reflexão é junção da imaginação com ação, onde o indivíduo conseguirá exercitar o pensamento (Coelho Netto, 2017).

Assim, a ação cultural pode exercer influência para promover a reflexão dos indivíduos e, adicionalmente, assumir uma ideia que, segundo Cunha (2015), desemboca em duas perspectivas: a de alfabetização cultural e de difusão cultural. A alfabetização concerne ao estímulo, facilitação de acesso, no aprendizado e domínio de conhecimentos/habilidades artísticas e/ou intelectuais; e difusão cultural está relacionado a eventos programados,

caracterizado pela experiência de ter um público como expectador, destinado à fixação de hábitos (Cunha, 2015).

Na mesma linha de pensamento, é importante ressaltar a ideia abordada por Paulo Freire de ação cultural como instrumento para atingir a conscientização. De acordo com o pensador, a ação cultural será efetiva quando possibilitar que o indivíduo compreenda criticamente a realidade na qual se insere socialmente (Freire, 2021). No entanto, a princípio, essa ação cultural não é mera transferência de conhecimento, de cultura ou de experiências culturais, mas se dá através do diálogo esperado da ação. O que Freire (2021) propõe é que a ação cultural seja problematizadora, assim como um instrumento para sobrepor a consciência crítica à ingenuidade, caracterizando-se, portanto, em um exercício intelectual de ação e reflexão.

Essa conscientização, quando condicionada à realidade inserida, se caracteriza como um esforço analítico da prática realizada pelos indivíduos, que possibilitará perceber, em termos críticos, a condição a que está submetida (Freire, 2021). Ela é uma das maneiras de provocar o reconhecimento do indivíduo em um mundo dinâmico e em constante mutação (Freire, 2021).

A ação cultural, dessa forma, assume a ideia iluminista/humanista da pluralidade de experiências, que se pressupõe que as ações culturais irão gerar novas ações nos indivíduos, sendo, portanto, um estimulador de “gosto”, multiplicador do imaginário, das percepções estéticas e da interação social (Cunha, 2015). O que se espera da ação cultural é que ocorra um diálogo, onde o indivíduo possa interagir com a obra cultural e criar novas reflexões, imaginando, percebendo, agindo e desenvolvendo o pensar, isto é, atingir a conscientização.

Nesse contexto, Coelho Netto (2017) afirma esperar de uma ação cultural, que resume-se em três esferas que influenciarão um indivíduo ou grupo: imaginação, ação e reflexão. A imaginação consiste em colocar a consciência do indivíduo para refletir sobre si mesma, inventar a si e abrir novas possibilidades de pensamentos, ou seja, “libertando-se do ser e do dever ser para aceitar o desafio de poder ser” (Coelho Netto, 2017, sem paginação). A ação é “quando o sujeito, ativamente pronto, sem tensão ou distração, penetra no tempo presente e viabiliza aquilo que sua imaginação pré-sentiu, pré-dispôs – ligando-se assim ao processo cultural concreto” (Coelho Netto, 2017, sem paginação). E a reflexão é o que vai permitir o indivíduo “fazer a si mesmo uma proposta de continuidade de si próprio, de sua consciência e de sua ação, uma integração com o passado capaz de permitir-lhe o exercício teórico, isto é, a previsão do futuro, a predeterminação do possível” (Coelho Netto, 2017, sem paginação).

Assim sendo, a ação cultural se mostra com um importante instrumento para ampliação do conhecimento e para tomada de consciência crítica, desde que utilizada como o exercício de ação e reflexão. Portanto, de maneira geral, as ações culturais podem ser realizadas não só em

centros culturais, mas em bibliotecas universitárias, podendo ser um importante aliado para contribuir para a formação dos alunos e de toda comunidade acadêmica. Podem ser realizadas ações de incentivo às práticas de leitura, instigando a curiosidade e dando possibilidade de os indivíduos buscarem novos conhecimentos e contribuir para atingir a conscientização e a reflexão crítica.

3.3 AÇÃO CULTURAL E LEITURA EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As bibliotecas, de modo geral, sempre foram e ainda são vistas pela sociedade como um local de conhecimento e informação. Os livros, objetos que compõe o acervo de uma biblioteca, são cultuados tradicionalmente, “mesmo quando não tinham a forma pela qual hoje os conhecemos, os livros eram vistos como escritura sagrada, portadora da verdade, enigmática ou perigosa. E é inegável a seriedade que uma biblioteca sugere” (Martins, 1994, p. 44). O ambiente onde há uma estante com livros conota um refinamento intelectual, de inteligência e cultura (Martins, 1994). A aquisição de uma quantidade maior de livros é considerada sinal de prestígio, ou seja, os volumes esteticamente belos são adquiridos e, muitas vezes, exibidos para mostrar uma ideia de um indivíduo letrado (Martins, 1994). Um exemplo dessa condição dada aos livros são as estantes e imagens de livros situadas atrás das pessoas que estão em frente às câmeras durante as conferências, entrevistas, palestras no meio virtual ou na televisão. Fato muito perceptível e tornado comum durante a pandemia de Covid-19, iniciada em 2020.

De acordo com Milanesi (2003), a biblioteca é a mais antiga instituição que se identifica com a cultura, pois desde que o ser humano iniciou a atividade de registrar o conhecimento, houve necessidade de organizar e ordená-lo, das tabuletas de argilas aos impressos. Ela está presente na história da humanidade, com destaque em Alexandria, desde os mosteiros medievais até os tempos atuais, sendo um local cultuado que age como repositório do conhecimento humano (Milanesi, 2003).

No que diz respeito ao ambiente de objeto de estudo desta pesquisa, as bibliotecas universitárias são unidades de informação, que tem como objetivo fundamental a disponibilização de acesso à informação, de forma que apoie o professor, o estudante e o aluno de uma instituição de ensino superior (Cunha, 2010). Ela se caracteriza por contribuir para formação profissional e no desenvolvimento social por meio da disponibilização dos acervos informacionais, prestação de serviços de apoio acadêmico e de ações culturais (Santa’Anna; Costa, 2017). Portanto, a biblioteca universitária é um espaço informacional designado para o

fornecimento de uma variedade de produtos e serviços, com ênfase no atendimento à comunidade acadêmica, constituindo-se em um ambiente que atende as atividades de ensino, pesquisa e extensão de uma instituição de ensino superior (Santa'Anna; Costa, 2017).

Além disso, é importante ressaltar que a internet propiciou um acesso facilitado a outras fontes de informação gratuitas ou não, impactando as bibliotecas universitárias que podem ter uma diminuição no uso de seus acervos (Cunha, 2010).

Para isso, não basta que as bibliotecas estejam com seus acervos cheios de informações qualitativas e críticas, mas que os bibliotecários criem mecanismos para dinamizar o interesse pelo acervo (Silva, 1993). Complementando, Silva (1993) argumenta que, além da difusão da informação, a biblioteca tem que buscar maneiras de exercer influência ativa e dinâmica no seu contexto, cuidando da qualidade do acervo, conhecendo as necessidades dos seus usuários, democratizando o espaço e planejando atividades culturais.

[...] não basta que o bibliotecário trabalhe na difusão de uma informação indistinta ou desqualificada; é *necessário que o bibliotecário procure difundir a informação crítica*. Informação crítica é aquela que não permanece só ao nível da representação da realidade, mas provoca o leitor a imaginar como essa realidade poderia ser de outra maneira. Informação crítica é aquela que, estando a serviço das necessidades concretas da população, gera conhecimento e instiga a abertura de caminhos e de espaços para a transformação dos valores e das práticas sociais (Silva, 1993, p. 64).

Nesse sentido, é importante considerar que o espaço da biblioteca universitária, rodeado de livros, conhecimento e outros serviços de informação, exerce um grande motivador de leitura indiretamente. A biblioteca, assim como o livro, o jornal e as livrarias, são ambientes “onde o leitor circula, caça e descobre o que desconhecia”, ou seja, possibilita acesso ao conhecimento e pode ser estimulador para novas leituras (Chartier; Santos; Dumont, 2022, p. 32). De acordo com Bamberger (1995), a disponibilização de livros é um papel decisivo para despertar interesses de leitura. Assim como Santos (2014) observou em sua pesquisa, o acesso é fator relevante para motivar a ler.

Ademais, Rasteli e Caldas (2017) argumentam que as bibliotecas agem como produtoras de sentido, pois possuem elementos que envolvem intervenções, técnicas, suportes, práticas, linguagens, patrimônios históricos e culturais, memórias, identidades culturais e necessidades culturais e artísticas.

Portanto, a biblioteca universitária pode exercer uma de suas funções e aproveitar seu espaço para realizar ações culturais que apõem na formação acadêmica dos alunos, planejando e atuando como mediadora cultural, além de estimular o gosto pela leitura. Nesse sentido, sendo a biblioteca ambiente de transmissão de informação e conhecimento, além de ser “[...] um

aparato educativo-cultural, traz em sua natureza intrínseca a função mediadora; e seu modelo conceitual, processual e organizativo é arquitetado para cumprir este papel mediador” (Varela; Barbosa; Farias, 2014, p. 150–151). Além disso, a biblioteca, atuando como mediadora por meio de ações culturais com objetivo de incentivar a leitura, pode impulsionar o processo de produção artística e cultural, conectando efetivamente diversas experiências a fim de facilitar a apropriação cultural, ou seja, ocorre uma atividade inventiva que envolve a apropriação e produção de significados (Rasteli; Cavalcante, 2014).

Ademais, de acordo com Milanesi (2003), a biblioteca é uma instituição que possui características de centros de cultura. Um centro de cultural não é um local de conformação, mas um local onde se realiza uma leitura crítica de algo, de forma que possa reinterpretá-lo e reinventá-lo (Milanesi, 2003). A biblioteca, portanto, deve ser um local onde se cria um novo conhecimento por meio das atividades culturais desenvolvidas no espaço físico.

[...] a biblioteca é um espaço informativo, mas também educativo e formativo e para exercer estas funções, tem de transcender à organização e exposição de seus recursos informacionais e de seus instrumentos de recuperação e descoberta de informação, e fazer transparecer para seus usuários o significado de seu conteúdo, por meio da acessibilidade e do diálogo presencial e virtual com seus usuários. É, pois, nesta perspectiva que a biblioteca interage com o usuário, sensibilizando-o, ajudando-o a apreender e aprender com os recursos informacionais disponíveis em seus espaços e a distância” (Varela; Barbosa; Farias, 2014, p. 150–151).

Dessa maneira, a biblioteca pode utilizar as ações culturais como instrumento para sensibilizar, instigar a curiosidade e incentivar a leitura nas bibliotecas universitárias. No entanto, é preciso salientar que a ação cultural não implica apenas em conceder aos indivíduos a oportunidade de desfrutar de várias atividades culturais, desfrutando de horas de diversão e entretenimento na biblioteca ou utilizar somente como uma "isca" para incentivar a leitura (Sanches; Rios, 2010).

Sanches e Rio (2017) defendem que é preciso que se discuta sobre o valor da leitura para que ocorra o reconhecimento por parte dos usuários, ou seja, deve-se estimular a leitura como instrumento para formar indivíduos críticos e atuantes. Reforçam, ainda, que pensar sobre leitura na biblioteca universitária já é fazer uma ação cultural, pois coloca em debate, os fatores socioculturais dessa problemática (Sanches; Rio, 2017).

Portanto, a biblioteca universitária não deve ser transformada em um mero espaço de exposição com o único propósito de justificar seu significado social, mas sim, reconhecer o valor social inerente da biblioteca (Sanches; Rio, 2010). Ela deve ser compreendida como um centro de informações importante para o desenvolvimento da humanidade, servindo como

preservador e promotor do conhecimento construído socialmente, além de ser um espaço que facilita o crescimento e a criatividade intelectual (Sanches; Rio, 2010). Nesse sentido, Flusser (1983) afirma que o principal objetivo de uma ação cultural na biblioteca é criar condições para o indivíduo desenvolver suas funções cognitivas.

Em seu artigo, Sanches e Rio (2010) questionam a necessidade de ter cuidado em realizar ação cultural e não, somente, uma animação cultural. Quando as atividades culturais de uma biblioteca universitária “[...] se aproximam conceitualmente de animação cultural, e conseqüentemente se distanciam do conceito de ação cultural, deixam de fora um componente que tem obrigatoriedade de pertencer ao ambiente acadêmico/científico, a saber: a reflexão” (Sanches; Rio, 2010, p. 117).

Portanto, ao desenvolver ações culturais nas bibliotecas, é importante considerar, também, que há alunos com interesse pelas ações e pelo conhecimento, de forma geral, mas há alunos que chegam na universidade, com baixo interesse pelas bibliotecas. Para alguns alunos, o encontro com o conhecimento é somente uma atividade obrigatória, podendo ser, também, desinteressante e desagradável (Milanesi, 2003).

Na biblioteca universitária, as ações culturais podem ser realizadas aproveitando temas contemporâneos de forma que estimulem o pensamento e a reflexão dos alunos. Conforme afirma Cunha (2015), pode-se realizar ações temáticas, como:

[...] a compreensão e a vulgarização da ciência; o papel e as perspectivas da tecnologia; a ruína ecológica; a densificação dos dramas humanos no ambiente urbano; os esforços de superação das condições de pobreza material; os renovados conflitos sociais e econômicos; as mentalidades relativas ao sexo e ao corpo; o papel, as transformações ou a importância das instituições sociais, políticas e religiosas, etc. (Cunha, 2015, sem paginação).

As ações culturais para o incentivo à leitura, portanto, podem servir como uma forma eficiente de promover bibliotecas universitárias para novos usuários e para os frequentes, estimulando o pensamento crítico e reflexivo. De acordo com Bosman, Glover e Prince (2008), é importante, também, que biblioteca universitária não seja apenas um local para pesquisa e estudo, mas também como um local para relaxar e ler sem pressa. Espaços de leitura, quadros de avisos, trocas de livros e exposições promovem um ambiente acolhedor, o que acaba sendo mais atraente para alunos de nível superior, em contraste com o ambiente intimidante e austero que os alunos geralmente esperam encontrar nas bibliotecas universitárias (Bosman; Glover; Prince, 2008).

Adicionalmente, é importante salientar que as bibliotecas universitárias podem estar relacionadas à melhora no desempenho acadêmico. A revisão realizada por Oliveira (2017), indicou que o envolvimento das bibliotecas universitárias com os alunos contribui para o sucesso acadêmico, por meio de vínculos que a biblioteca cria com seus serviços e produtos. Scoulas e De Groot (2019), também, constataram que a experiência do aluno na biblioteca pode impactar no desempenho acadêmico. Dessa maneira, a ação cultural, também, pode contribuir para melhora do desempenho acadêmico.

Ressalta-se ainda que a universidade tem como característica ser um ambiente que oferece ferramentas que podem instigar o pensamento reflexivo dos alunos, não se limitado a seguir somente o mínimo necessário para concluir uma graduação. A biblioteca universitária aliada à realização de ações culturais, seja para incentivar a leitura ou contribuir na formação cultural, pode oferecer momentos de reflexão e de saída da rotina obrigatória de estudos exigida nos cursos. Assim, o indivíduo pode arriscar-se em novas leituras que sejam mais significativas para si próprio, sem o obstáculo da obrigação curricular.

Conforme análise de Paulo Freire (2021), quando o indivíduo segue somente o que lhe é orientado e o comportamento é quase que automatizado, pode ser desestimulada a capacidade de se arriscar, de não pensar em coisas insignificantes⁷, pois sempre é lhe dado a indicação para o que fazer.

Portanto, quando a ação cultural é empregada como um meio de incentivar a leitura, ela serve a um duplo propósito para os indivíduos: cultivar um senso de cultura e promover o ato de ler. Essa junção, quando efetiva e utilizada inteligentemente, contribui para a formação cultural, para o desempenho acadêmico, promove a biblioteca, coloca o indivíduo para refletir e estimula a leitura. Além disso, a utilização da ação cultural para estimular o gosto pela leitura, desempenha um papel crucial na promoção da biblioteca, incitando os indivíduos a se envolverem na reflexão crítica e na curiosidade por novos objetos culturais. Conforme destacado no capítulo anterior, o próprio ato de leitura profunda oferece uma infinidade de benefícios aos indivíduos. No entanto, quando aliada à ação cultural, a biblioteca universitária assume uma responsabilidade social mais ampla que se estende além das áreas de ensino, pesquisa e extensão.

⁷ Paulo Freire critica o fato de os indivíduos seguirem somente as regras sociais estabelecidas, onde há um manual para o que deve ser feito em determinadas situações. Dessa forma, o insignificante utilizado remete à ideia de que não há necessidade de pensar além do que já está sendo orientado, pois há sempre uma indicação para o que fazer/seguir.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo será apresentada a metodologia adotada, a justificativa da decisão de ter optado por um método que abrangesse a análise de um compilado de estudos primários, selecionados determinados critérios e o percurso metodológico, bem como os resultados.

Para fundamentar, iniciou-se com discussões sobre o funcionamento do método da RSL, sua conceituação, além das vantagens e desvantagens. Posteriormente detalharam-se as etapas do método aplicadas nesta pesquisa, que constituem na definição das bases de dados, a seleção dos descritores, apresentação da estratégia de busca, os critérios de inclusão e exclusão dos artigos recuperados, a seleção dos artigos e por fim a apresentação dos indicadores bibliométricos, dos dados quantitativos, qualitativos e a síntese dos resultados.

4.1 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Ao longo dos séculos e da história, a humanidade buscou o desenvolvimento de métodos para sua evolução, de forma que ampliasse seu relacionamento com o conhecimento e com novas maneiras de construí-lo através da pesquisa científica. Nesse sentido, a ciência evoluiu seus métodos e acesso, tendo cada vez mais pesquisas publicadas acumulando um grande volume de conhecimento que se encontra esparso e, nem sempre, de fácil recuperação/localização. Mesmo que haja ferramentas de buscas eficientes como as bases de dados (específicas ou multidisciplinares), encontrar o que se deseja se torna um trabalho laborioso.

A produção científica se constrói apoiando em um método. Dentre estes métodos há a revisão da literatura científica, com o objetivo de examinar antigas teorias e propor novas, fazendo um balanço das evidências encontradas nas bibliografias selecionadas (Petticrew; Roberts, 2006). Em suma, uma revisão da literatura científica consiste em reunir o que já foi publicado em uma determinada área definida pelo pesquisador e realizar uma análise dos resultados dos estudos selecionados, de modo que auxilie em pesquisas futuras (Cronin; Ryan; Coughlan, 2008). Segundo Grant e Booth (2009) e Souza *et al.* (2018) existem 14 tipos de revisão de literatura, dentre elas destacam as principais: revisão crítica, revisão integrativa, revisão de literatura, revisão de escopo, meta-análise e revisão sistemática. Em suma, essas revisões de literatura consistem na discussão de pesquisas primárias, portanto examinam a pesquisa e o conhecimento de múltiplas perspectivas, facilitando a inclusão e a compreensão

de diferentes pontos de vista (Gough; Thomas, 2016). Nas revisões de literatura, comumente, não há uma apresentação clara descrevendo o percurso metodológico detalhadamente até a conclusão da revisão, além da ocorrer a ausência de estudos importantes (Oakley, 2003).

Nesta pesquisa, optou-se por utilizar a RSL, pois se diferencia de outros métodos de revisão da literatura na rigorosidade e transparência da pesquisa, já que ela “segue protocolos específicos, e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpo documental [...]” (Galvão; Ricarte, 2020, p. 58). Segundo Rouseau (2012, p. 7, tradução nossa), uma RSL “analisa todos os estudos relevantes para uma questão específica de forma explícita e transparente para fornecer a melhor resposta disponível.”

A Cochrane⁸ Library é uma base de dados da área da saúde baseada em evidências que define a RSL em um método que tenta identificar, avaliar e sintetizar todas as evidências que atendem aos critérios de elegibilidade pré-estabelecidos para responder a uma questão de pesquisa específica, utilizando metodologias explícitas e sistemáticas selecionadas com o objetivo de minimizar vieses para produzir achados mais confiáveis de forma que encontre fatos para a tomada de decisão (Cochrane Library, 2000).

A Campbell Collaboration⁹, uma organização que adaptou a metodologia da Cochrane para as ciências sociais, define a RSL como uma pesquisa que utiliza uma síntese de evidências, que pode incluir meta-análise, para buscar respostas para uma pergunta pré-definida, isto é, tem como objetivo resumir a melhor pesquisa disponível sobre uma questão específica (Campbell Collaboration, 2022).

O EPPI Centre¹⁰ define a RSL por meio de seis características fundamentais: 1) abrange uma série de etapas explícitas e padronizadas; 2) possui uma questão de pesquisa específica passível de resposta e critérios sobre os tipos de estudos que serão selecionados; 3) tem clareza sobre quais literaturas serão pesquisadas; 4) inclui decisões explícitas e justificáveis sobre a qualidade metodológica dos estudos selecionados; 5) possui algum método para integrar os

⁸ A Cochrane Collaboration foi criada em 1993, no Reino Unido, com o objetivo de desenvolver métodos que investigassem o que funciona nas Ciências da Saúde (Gough; Thomas, 2016). Considerada uma organização sem fins lucrativos, construiu-se uma rede internacional de colaboradores interessados em usar as informações com evidências para decisões na área da saúde (Cochrane Library, 2022).

⁹ A Campbell Collaboration foi criada em 2000, na Filadélfia, EUA, e é considerada uma rede internacional de pesquisas na área de Ciências Sociais que produz sínteses de evidências de alta qualidade, de acesso aberto e relevantes (Campbell Collaboration, 2022).

¹⁰ O EPPI Centre (The Evidence for Policy and Practice Information Centre), foi criado em 1995, no Reino Unido, pela professora da Ann Oakley, do Institute of Education, da University College London e tem como objetivo desenvolver métodos, promover e apoiar, de maneira colaborativa, ferramentas para síntese de evidências (Eppi Centre, 2019).

resultados dos estudos selecionados; 6) há contribuição de todos os autores em todas as etapas da revisão (Oakley, 2003).

Desta forma, as revisões sistemáticas permitem compilar evidências de vários estudos que testaram a mesma hipótese em populações diferentes, dando um resultado mais abrangente (Petticrew; Roberts, 2006). Embora os estudos primários sejam essenciais para produzir dados, a RSL permite compilar e informar o que é conhecido, como é conhecido e como varia entre os estudos e, portanto, também o que não é conhecido de pesquisas anteriores (Gough; Oliver; Thomas, 2012).

De maneira geral, segundo Petticrew e Roberts (2006), a RSL é o método para dar sentido a um grande conjunto de informações e um meio para dar respostas sobre o que funciona e o que não funciona, isto é, um método para identificar as incertezas, utilizando as evidências para responder às perguntas dos problemas. São também utilizadas para questionar as certezas espúrias, quando “achamos que sabemos mais do que sabemos, mas onde, na realidade, há pouca evidência convincente para apoiar nossas crenças” (Petticrew; Roberts, 2006, p. 2, tradução nossa).

Desta forma, a RSL se caracteriza por sua possibilidade de reprodutibilidade no meio científico, pela apresentação explícita das bases de dados utilizadas, da escolha dos termos, das estratégias utilizadas para recuperar os artigos, pela clareza nos critérios de inclusão e exclusão dos artigos (Galvão; Ricarte, 2020). Nesse sentido, a RSL pode ser considerada um método adequado para levantar evidências, por sintetizar as descobertas de outros estudos de forma explícita, transparente, rigorosa, replicável e que pode ser atualizada por futuros pesquisadores (Oakley, 2003). Os métodos adotados devem ser transparentes e replicáveis para que outros pesquisadores possam compreender os resultados obtidos, **bem como deve apresentar as limitações da RSL** (Chalmers, 2003; Costa; Assis; Teixeira, 2022; Galvão; Ricarte, 2020).

No entanto, Gough e Thomas (2016) ressaltam que, embora a transparência total seja impossível, o importante é que o pesquisador que estiver utilizando a RSL mantenha a responsabilidade em todas as etapas. É essencial registrar todas as etapas da pesquisa para que o processo possa ser avaliado de acordo com as etapas estabelecidas, mantendo a rigorosidade e credibilidade da pesquisa (Ramos; Faria; Faria, 2014). Portanto, nesse sentido, realizar uma RSL exigirá seguir uma metodologia rigorosa que apresente um protocolo da pesquisa.

Esse protocolo consiste em descrever antecipadamente todo processo do método, uma justificativa para a questão da revisão e de todos os detalhes de como os estudos selecionados serão localizados, avaliados e sintetizados (Petticrew; Roberts, 2006). O protocolo é o

delineador do contexto que desempenha a função de conduzir a RSL (Costa; Assis; Teixeira, 2022).

Segundo Higgins *et al.* (2019), um dos principais objetivos do protocolo é minimizar o viés nos resultados da revisão. Ademais, ressalta-se que este protocolo pode ser alterado durante a realização, no entanto, deve-se descrever todas as alterações que ocorrer durante a revisão (Petticrew; Roberts, 2006).

Diversos autores apresentam as etapas para condução de uma RSL. Petticrew e Roberts (2006) apresentam sete etapas: 1) identificar e definir claramente a questão ou a hipótese; 2) determinar os tipos de estudos e dados que responderão à pergunta; 3) realizar uma pesquisa na literatura para localizar estudos relevantes; 4) fazer uma triagem/seleção dos estudos; 5) avaliar criticamente os estudos selecionados; 6) sintetizar os resultados dos estudos; 7) divulgar os resultados. Gough, Oliver e Thomas (2012), também apresentam sete etapas para conduzir uma RSL:

Quadro 1 – 7 Etapas para realizar uma RSL

- 1) Definição da equipe de revisores;
- 2) Formulação da questão problema;
- 3) Criar a estratégia de busca usando critérios de elegibilidade;
- 4) Descrição das características dos estudos selecionados;
- 5) Avaliação da qualidade e relevância dos estudos selecionados;
- 6) Síntese dos resultados;
- 7) Interpretação e comunicação dos resultados obtidos.

Fonte: Adaptado de Gough, Oliver e Thomas (2012).

Apesar das similaridades, estas etapas são essenciais para seguir a rigorosidade exigida de uma RSL e manter a transparência do método. As etapas definidas para esta pesquisa, foram baseadas nas sete etapas apresentadas por Gough, Oliver e Thomas (2012) no quadro 1.

Portanto, considerando o que foi exposto e o aumento exponencial de publicações científicas no âmbito das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas, justifica-se a escolha da RSL como o método adequado para compilar os diversos trabalhos já publicados acerca do tema definido nesta pesquisa e analisar os resultados.

4.2 BASES DE DADOS

Para realizar as buscas dos artigos de periódicos, optou-se, inicialmente, por uma base de dados e um portal de periódicos. No entanto, ao longo da pesquisa houve necessidade de adicionar a busca em anais de congressos, a fim de obter um maior número de trabalhos e, conseqüentemente, possibilitar uma revisão mais robusta.

Dessa forma, a busca foi realizada nas seguintes fontes de informação:

- a) Anais do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitária (SNBU).
- b) Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI): é uma base de dados da área de Ciência da Informação composta por 19.255 artigos publicados de 57 periódicos brasileiros.
- c) Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): É um portal que reúne produções científicas do Brasil e do mundo, composta por mais de 49 mil periódicos científicos, livros, teses, dissertações, material audiovisual, patentes, estatísticas e obras de referência.

A opção de utilizar a Brapci se deu em decorrência da especificidade da base de dados e por possuir importantes publicações da área da Ciência da Informação. Além disso, a base abriga artigos da área publicados em periódicos desde 1972¹¹.

Em relação à utilização no Portal de Periódicos da Capes, justifica-se a escolha, em virtude de ser um portal que reúne um grande volume das publicações científicas do Brasil, além de possuir ferramentas de buscas que possibilitam uma recuperação precisa dos trabalhos buscados. No Portal é possível montar estratégias de buscas utilizando operadores booleanos e truncagem, além de uma variada opção de filtros. Além disso, há a possibilidade de salvar todas as buscas realizadas no perfil pessoal, mediante cadastro.

A decisão de incluir os trabalhos publicados nos Anais do SNBU, se deu após a seleção dos trabalhos da Brapci e do Portal de Periódicos da Capes. Diante do baixo número de artigos relevantes selecionados, optou-se por realizar uma busca em outra fonte de informação. Ademais, por serem trabalhos que foram apresentados em eventos científicos, é importante salientar que eles foram revisados por comitês científicos. Portanto, justifica-se a inclusão de

¹¹ Informação retirada do site da Brapci. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/about>. Acesso em: 11 ago. 2023.

trabalhos do Anais do SNBU, nesta pesquisa, pois foi identificado um número relevante de publicações que relatavam casos de ações culturais em bibliotecas universitárias.

4.3 DESCRITORES

Os descritores foram selecionados mediante as leituras sobre a temática desta pesquisa e complementados por meio do Vocabulário Controlado de Educação e Áreas Afins (VOCEA), desenvolvido pelo Sistema de Bibliotecas da UNICAMP (SBU). A utilização de um vocabulário controlado foi importante para evitar redundância de termos, além de seguir um padrão que possibilitasse recuperar artigos relevantes.

Portanto, foram utilizados, nas buscas, os seguintes descritores: ação; ação cultural; biblioteca universitária; bibliotecas universitárias; cultura; estímulo; hábito; incentivo; leitor; leitores; leitura e leituras.

Após a seleção e definição dos descritores, realizou-se a construção das estratégias de buscas para serem utilizadas nas bases de dados.

4.4 ESTRATÉGIA DE BUSCA

A estratégia de busca é método utilizado para criar uma busca eficaz, utilizando operadores booleanos e de truncagem. Foram montadas estratégias individuais, mas abrangentes para serem utilizadas na base de dados Brapci e no Portal de Periódicos da Capes.

No Portal de Periódicos da Capes as buscas foram realizadas utilizando o acesso por meio da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe)¹², através da Universidade Federal de Goiás, pelo vínculo institucional do pesquisador.

Para as buscas nos Anais do SNBU não houve necessidade de montar estratégia de busca, em decorrência de não haver ferramenta de recuperação. Portanto, as buscas nos anais foram realizadas manualmente.

¹² O acesso CAFe possibilita acesso remoto, por meio de autenticação, do conteúdo restrito às universidades e institutos de pesquisa que compõe a rede federada. Saiba mais em: <http://mailer.periodicos.capes.gov.br/?m=138&p=view&pi=ViewBrowserPlugin&uid=2f8fa7c8723efa19b1958db739494389>.

No Portal de Periódicos da Capes foram realizadas 04 buscas, na base de dados Brapci foram realizadas 02 buscas e nos Anais do SNBU as buscas foram realizadas manualmente, através da leitura dos títulos nos sumários e posterior leitura dos resumos.

4.4.1 Portal de Periódicos da Capes

Busca/Estratégia 1: Leitura AND biblioteca (“ação cultural” OR “ações culturais” OR hábito OR leito* OR fomento OR incentivo OR estímulos OR cultura OR ler) NOT “bibliotecas comunitárias” NOT “biblioteca comunitária” NOT pnbe NOT escola* NOT livrarias NOT “bibliotecas públicas” NOT “biblioteca públic*” NOT “bibliotecas itinerantes” NOT “biblioteca itinerante” NOT “bibliotecas comunitárias” NOT “biblioteca comunitária” NOT “redes sociais” NOT “rede social” NOT “biblioteca escolar” NOT “bibliotecas escolares” NOT infantil. Filtros: artigos. Marco temporal: 2002 a 2022.

Recuperou 278 artigos de periódicos.

20 artigos selecionados.

05 duplicados.

253 não atendiam os critérios de inclusão.

Busca/Estratégia 2: “Ação cultural” AND “biblioteca universitária” OR “Ações culturais” AND “bibliotecas universitárias”. Filtro: artigos; Marco temporal: 2002 a 2022.

Recuperou 6 artigos.

02 artigos selecionados.

02 artigos duplicados.

02 artigos não atendiam os critérios de inclusão.

Busca/Estratégia 3: Ação cultural AND biblioteca universitária OR Ações culturais AND bibliotecas universitárias. Filtro: artigos; Marco temporal: 2002 a 2022.

Recuperou 30 artigos.

05 artigos selecionados.

05 artigos duplicados.

20 artigos não atendiam os critérios de inclusão.

Busca/Estratégia 4: Leitura AND “biblioteca universitária”. Filtro: artigos; Marco temporal: 2002 a 2022.

Recuperou 57 artigos.

06 artigos selecionados.

11 artigos duplicados.

40 artigos não atendiam os critérios de inclusão.

TOTAL DE ARTIGOS SELECIONADOS: 31.

4.4.2 Brapci (Base de Dados Referencial de Artigos em Ciência da Informação)

Busca/Estratégia 1: ação cultural AND biblioteca universitária. 2002 a 2022.

Recuperou 12 artigos.

06 artigos selecionados.

04 artigos duplicados.

02 artigos não atendiam os critérios de inclusão.

Busca/Estratégia 2: leitura AND biblioteca universitária. 2002 a 2022.

Recuperou 40 artigos.

09 artigos selecionados.

04 artigos duplicados.

27 artigos não atendiam aos critérios de inclusão.

Total de artigos selecionados: 15 artigos.

4.4.3 Anais do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitária (SNBU)

Os Anais do SNBU seguiram os mesmos critérios e recorte temporal da pesquisa, no entanto, a busca foi realizada manualmente nos documentos eletrônicos publicados. A localização das publicações foi identificada no Repositório Institucional da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB) que armazena a maioria dos anais do evento. Dentre os anais publicados e selecionados para esta pesquisa (2002 a 2022), somente

os dos SNBU 2014 e SNBU 2020 que ainda não estavam disponíveis no repositório, mas foram localizados nas respectivas páginas do evento na internet.

Quadro 2 – Trabalhos selecionados nos Anais do SNBU 2002 a 2020.

EDIÇÃO DO SNBU	TOTAL DE TRABALHOS	SELECIONADOS	EXCLUÍDOS
XII SNBU, de 2002	140 trabalhos	01 (0,71%)	139
XIII SNBU, de 2004	242 trabalhos	03 (1,24%)	239
XIV SNBU, de 2006	340 trabalhos	04 (1,18%)	236
XV SNBU, de 2008	230 trabalhos	03 (1,30%)	227
XVI SNBU, de 2010	270 trabalhos	04 (1,48%)	264
XVII SNBU, de 2012	263 trabalhos	07 (2,66%)	256
XVIII SNBU, de 2014	364 trabalhos	32 (8,70%)	332
XIX SNBU, de 2016	168 trabalhos	09 (5,34%)	159
XX SNBU, de 2018	246 trabalhos	12 (4,55%)	234
XXI SNBU, de 2020	110 trabalhos	12 (10,91%)	98
TOTAL	2373 trabalhos	87 (3,67%)	2186

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Foram selecionados pelo título 87 artigos dos Anais do SNBU, no entanto, após leitura dos resumos constatou-se 26 artigos que não estavam dentro dos critérios, tendo sido excluídos, sobrando, portanto, 61 artigos selecionados para leitura completa.

Os detalhes da avaliação por elegibilidade podem ser conferidos no capítulo 4.6 desta pesquisa.

4.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Ao realizar uma RSL, é importante que os autores considerem alguns critérios para incluir ou excluir os artigos, a fim de dar transparência à pesquisa, filtrando e justificando as tomadas de decisões. De acordo com Petticrew e Roberts (2006, p. 61, tradução nossa), são esses critérios que descrevem os “os tipos de estudo, intervenção, população e resultados elegíveis para revisão e aqueles que são excluídos. Esses critérios precisam ser especificados no relatório ou artigo que descreve a revisão.”

Como inclusão, considerando o tipo de documento, inicialmente seriam, apenas, os artigos de periódicos científicos. No entanto, devido à baixa quantidade de artigos localizados na base de dados e no Portal de Periódicos da Capes, houve inclusão de trabalhos de eventos científicos, especificamente o do SNBU.

Os artigos são de periódicos revisados por pares e os anais também são trabalhos selecionados por comitês científicos que avaliam sua qualidade e relevância. Quanto à língua, foi decidido manter somente artigos em língua portuguesa devido à familiaridade dos pesquisadores. O recorte temporal de 2002 a 2022 (20 anos) foi definido por ser um período que abrangesse um maior número de publicações no século atual (XXI Além disso, utilizando as estratégias de buscas no Portal de Periódicos da Capes e na Brapci não foram localizados artigos relevantes publicados em anos anteriores a 2002 que pudessem compor a RSL.

Em relação aos tipos de trabalhos, optou-se por definir como critério de inclusão os relatos e estudos de casos e de experiências por serem estudos que descrevem mais detalhadamente as pesquisas realizadas. Foi incluído também que o grupo de pessoas estudados nestes artigos/trabalhos deve ser usuários de bibliotecas universitárias, pois o foco não são crianças ou somente estudos em bibliotecas comunitárias/públicas.

Os critérios de exclusão foram definidos na forma de acesso ao documento, portanto o artigo deveria estar disponível gratuitamente na Brapci e/ou no Portal de Periódicos da Capes. Os artigos em língua estrangeira foram definidos como exclusão a fim de delimitar as publicações em língua portuguesa do Brasil, manter a familiaridade dos pesquisadores e manter no contexto brasileiro. Foi definido, também, excluir trabalhos com metodologia muito imprecisa, inadequada e pesquisas com dados irrelevantes. Ademais, foi definido como exclusão, artigos e trabalhos que relatassem projetos de extensão unicamente e/ou ações que fossem realizadas por biblioteca escolares, especializadas ou comunitárias.

Quadro 3 – Critérios de inclusão e exclusão

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
Artigos de periódicos científicos	Artigos sem acesso
Artigos revisados por pares	Língua estrangeira
Trabalhos dos Anais do SNBU (2002 a 2022)	Trabalhos duplicados
Língua portuguesa	Projetos de extensão em bibliotecas escolares e públicas ¹³
Período: artigos publicados entre 2002 e 2022	
Pessoas: usuários de biblioteca universitária	
Tipo de estudo: relatos de casos/experiência	

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

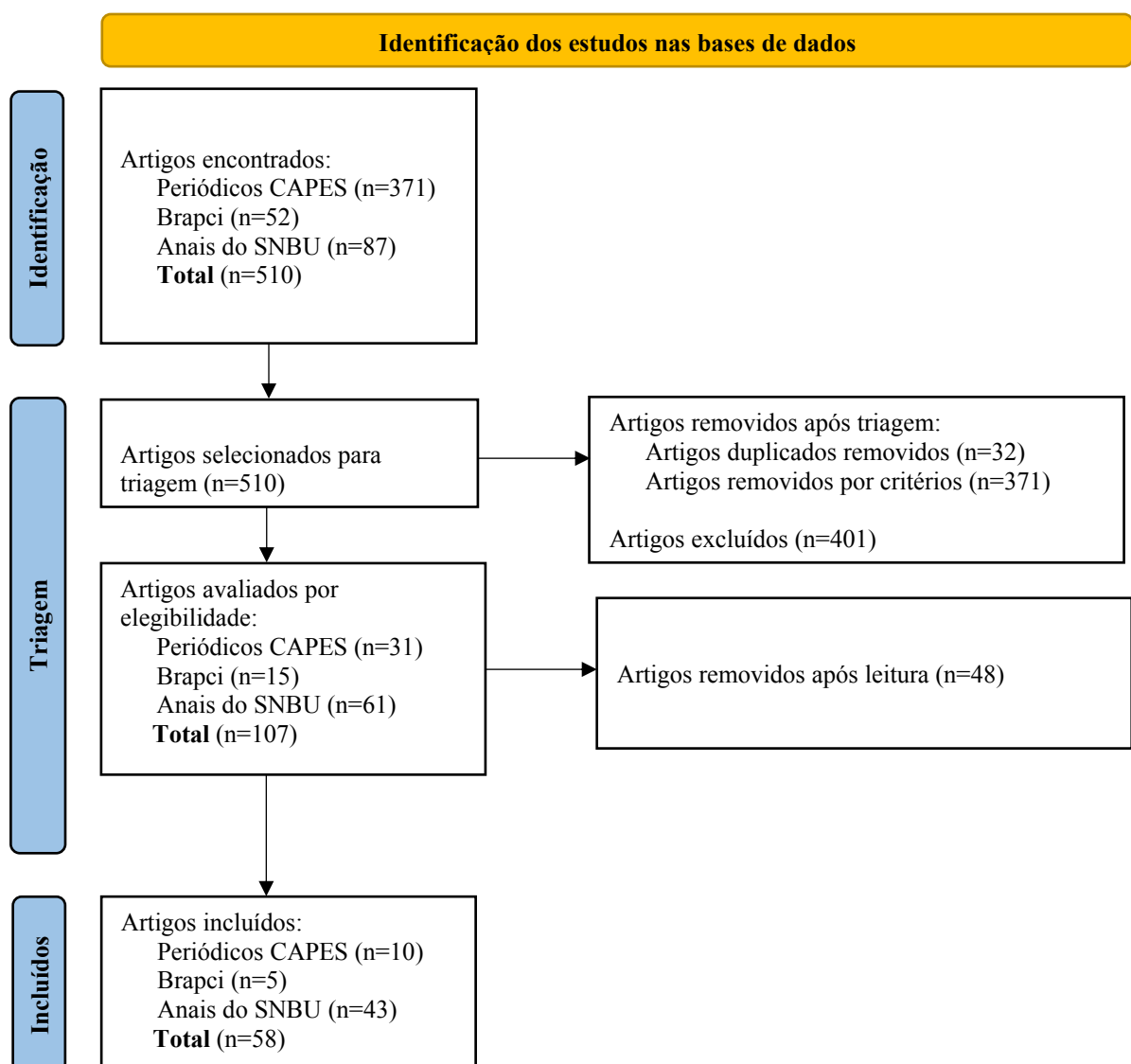
Com os critérios de inclusão e exclusão definidos, foi possível selecionar os artigos criteriosamente e sistematicamente para posteriormente incluí-los na planilha de descrição dos dados.

¹³ Trabalhos que relataram ações em bibliotecas universitárias, mas que, também, relataram ações de extensão em bibliotecas escolares ou comunitárias, foram incluídos. Foram excluídos os trabalhos, apenas, com relatos de ação de extensão em bibliotecas escolares, comunitárias ou espaços externos às instituições, unicamente.

4.6 SELEÇÃO

A seleção dos artigos passou pela triagem para avaliar sua elegibilidade. Considerados os critérios de inclusão e exclusão, a avaliação por elegibilidade se deu por meio da leitura do título e resumo dos artigos selecionados.

Figura 3 – Fluxograma detalhando triagem para seleção dos estudos.



Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Portanto, conforme apresentado no fluxograma, foram selecionados 58 trabalhos para descrição e coleta dos dados.

Ademais, é importante informar que houve artigos excluídos por serem somente ações de extensão realizadas fora do espaço da biblioteca. Esses estudos não foram incluídos por não estarem dentro dos critérios de inclusão desta RSL.

4.7 DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS

Descrever e apresentar os dados coletados dos artigos, de forma sistemática, é importante para capturar as informações contidas nos artigos e continuar para a síntese. Gough, Oliver e Thomas (2012) apresentam seis justificativas importantes para descrever os dados: **a)** para gerenciar uma revisão; **b)** para incluir ou excluir estudos; **c)** para criar um mapa: para descrever a natureza de uma pesquisa; para informar a condução de uma síntese; para interpretar os resultados de uma síntese; **d)** para reunir dados para avaliar a qualidade e relevância dos artigos selecionados; **e)** para reunir dados para a síntese; **f)** para acumular literatura.

Nesse sentido, é importante destacar que a confiabilidade de uma RSL dependerá, em partes, de como os revisores trataram os dados coletados nos artigos selecionados, justificando a importância da clareza e rigorosidade do método (Gough; Oliver; Thomas, 2012).

Portanto, será necessário extrair os dados dos artigos selecionados, por meio da descrição em um editor de planilhas, separando dados de autoria, avaliação do periódico, método do artigo e discussão dos autores. Desta forma, a planilha irá concentrar detalhes dos artigos, permitindo a interpretação dos achados.

De acordo com Gough, Oliver e Thomas (2012), é importante descrever na planilha a distribuição geográfica dos estudos, os métodos de pesquisa utilizados, os participantes da pesquisa, os contextos particulares, tais como políticas e/ou práticas estudadas, questões conceituais abordadas nos estudos e qualquer outra informação que possa ser relevante para responder o problema da pesquisa.

Sendo assim, os dados descritos na planilha serão utilizados para a síntese dos dados, permitindo interpretar os resultados coerentemente. Logo, a síntese se situa como a técnica que possibilitará integrar os dados e compreender de maneira abrangente, para que se obtenha resultados que respondam à questão da pesquisa. Gough, Oliver e Thomas (2012) justificam que a extração dos dados se faz necessária para descrever o estudo, o fenômeno e o método utilizado, sejam eles qualitativos ou quantitativos. Isto é, “fornecer informações sobre as quais basear os julgamentos sobre a confiabilidade de um estudo e sua relevância para a questão da

revisão antes de tomar nota dos achados do estudo” (Gough; Oliver; Thomas, 2012, p. 142, tradução nossa).

Portanto, nesta pesquisa, a planilha de descrição dos dados foi dividida em: ano de publicação; autoria e título; fonte de informação (título do periódico ou Anais do SNBU); instituição na qual o primeiro autor está vinculado; formação do primeiro autor; área do periódico; tipo de pesquisa; tipo de caso; objetivos do estudo; identificação de ação realizada na Semana do Livro e da Biblioteca; identificação se houve ação fora da Semana do Livro e da Biblioteca; as ações culturais realizadas; quantidade de participantes; tipo de participantes (comunidade acadêmica e externa, adultos, adolescentes); local de realização do evento (interior da biblioteca, pátios, auditórios, etc.); cidade e Estado; ano de realização do evento; se houve avaliação do evento pelos participantes por meio de questionários ou outro meio de coleta; os resultados das avaliações pelos participantes; avaliação do evento segundo os autores; pontos negativos apresentados pelos autores; resultados do evento segundo os autores; observações segundo os autores; críticas do revisor; sugestões do revisor.

Dessa forma, a divisão da planilha foi essencial para extrair os dados relevantes para auxiliar na síntese da RSL, bem como para separar os indicadores bibliométricos, os dados quantitativos e os dados qualitativos coletados dos estudos selecionados.

4.8 DADOS EXTRAÍDOS

Nesta seção, serão apresentados os dados extraídos dos artigos descritos na planilha. Para isso, optou-se por utilizar gráficos a fim de melhor compilar os dados da planilha. Inicialmente há a apresentação dos indicadores bibliométricos, logo em seguida há a apresentação dos dados quantitativos e, por fim, há a apresentação dos dados qualitativos.

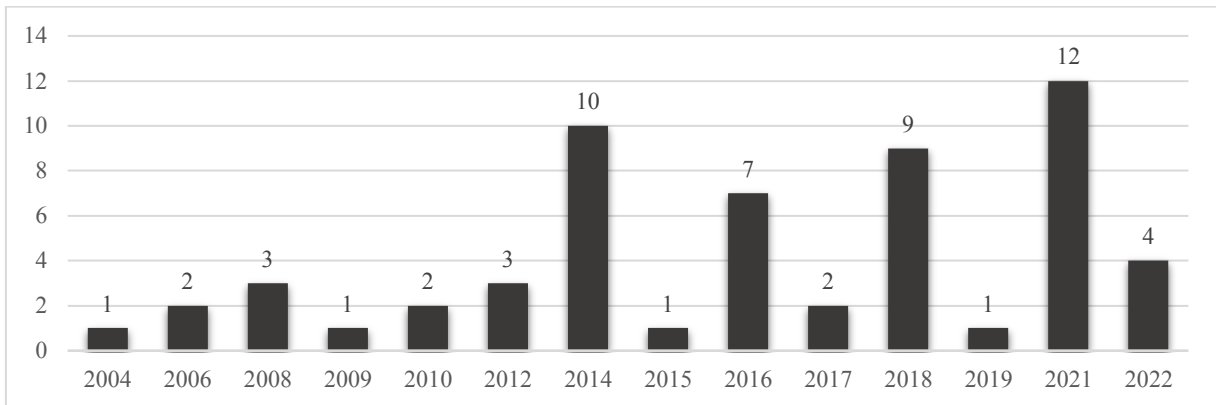
4.8.1 Indicadores bibliométricos

O primeiro gráfico é referente à quantidade de publicações por ano. Conforme apresentado, os anos com maior quantidade de publicações foram 2021, 2014 e 2018. Os anos de 2002, 2003, 2005, 2007, 2011, 2013 e 2020 não houve publicações selecionadas.

É importante salientar que houve um crescimento no número de publicações referente ao tema no decorrer dos anos, no entanto, conforme apresentado no gráfico, nos anos que tiveram o SNBU, houve um maior número de publicações. Contatou-se que, para este tipo de

estudo pesquisado, há um maior número de experiências apresentadas em eventos científicos do que publicadas em artigos de revistas científicas. Essa tendência, pode ser justificada em decorrência de uma melhor aceitação de relatos de experiência em eventos científicos.

Gráfico 1 – Publicações por ano.

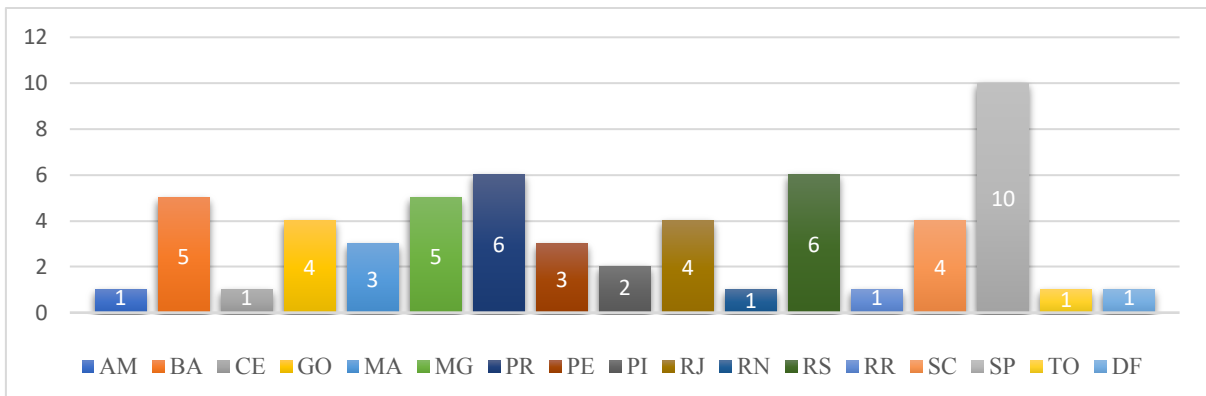


Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

As instituições de vínculo dos autores são na maioria nos Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia e Minas Gerais. Considerando as regiões geográficas, no Sudeste houve o maior número de primeiros autores, com um total de 19 autores, seguido da região Sul com 16 autores e a região Nordeste com 15 autores. As regiões Centro-Oeste e Norte tiveram, respectivamente, 05 e 03 autores.

Identificou-se, também, que não houve autores dos estados do Acre, Alagoas, Amapá, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Rondônia e Sergipe.

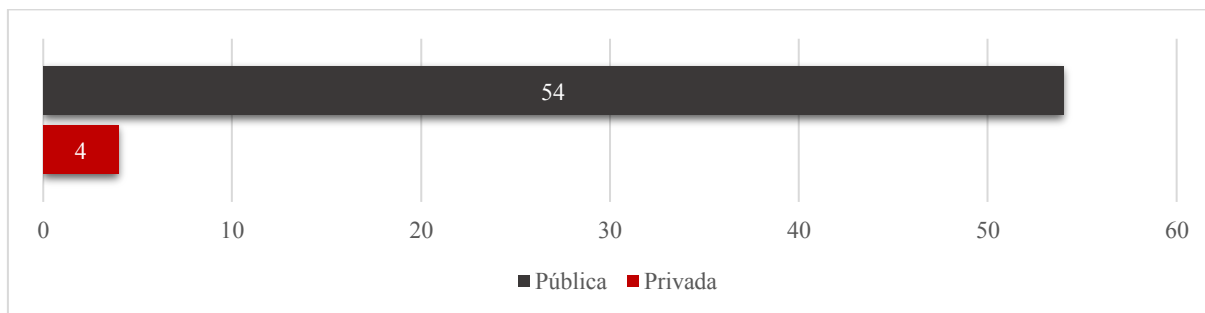
Gráfico 2 – Estados das instituições de vínculo dos primeiros autores.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Em relação às instituições a que os primeiros autores estão vinculados, há uma predominância de instituições federais e de instituições estaduais. Sendo 39 primeiros autores de instituições públicas federais, 15 de instituições públicas estaduais e 04 de instituições privadas.

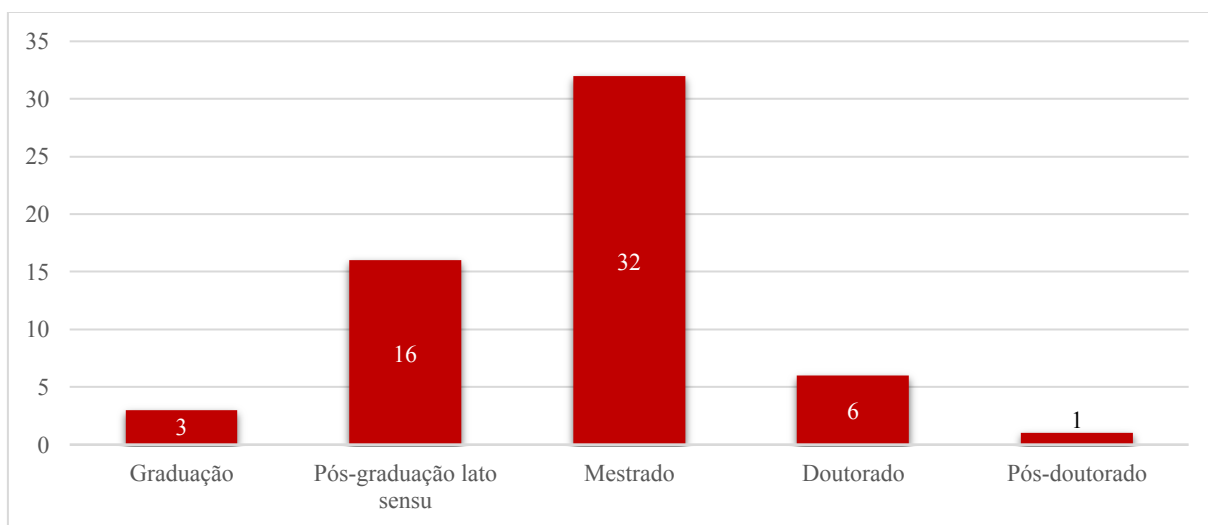
Gráfico 3 – Esfera das instituições de vínculo dos primeiros autores.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Ao examinar a formação dos primeiros autores, constatou-se que 32 são mestres, 16 possuem título de pós-graduação lato sensu, 6 possuem doutorado, 3 possuem graduação e 1 possui um pós-doutorado. É importante ressaltar que os dados dessas titulações foram coletados nas menções nos artigos, no entanto, excetuando os que não havia menções, foram realizadas buscas nos currículos Lattes e considerou-se a titulação que constava no currículo Lattes.

Gráfico 4 – Formação dos primeiros autores.

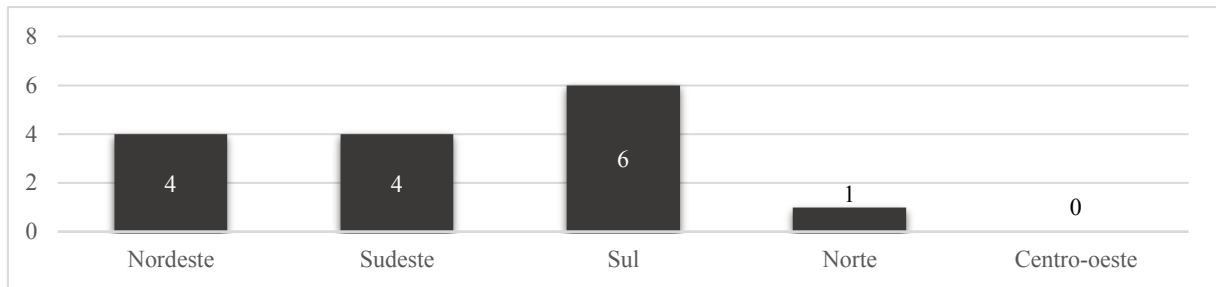


Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Em relação às regiões geográficas das publicações, optou-se por dividir em dois gráficos, no qual o 4 é referente aos artigos dos periódicos e o 5 é referente aos anais do SNBU.

Identificou-se um maior número de publicações nas regiões Sul, com 6 periódicos, Nordeste e Sudeste, ambas com 4 periódicos. Um periódico era da região Norte e não houve periódicos da região Centro-Oeste.

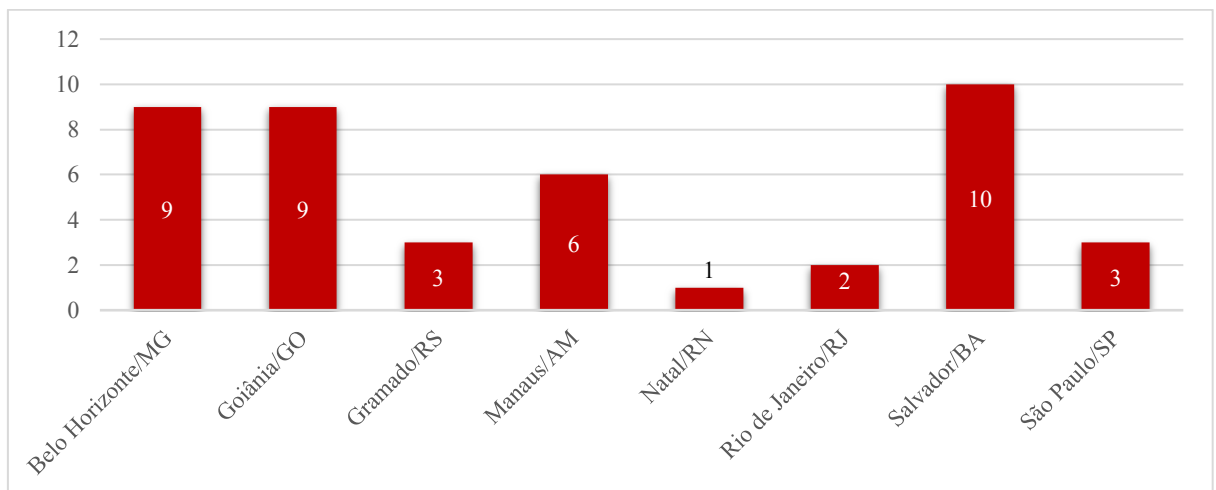
Gráfico 5 – Região dos periódicos.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

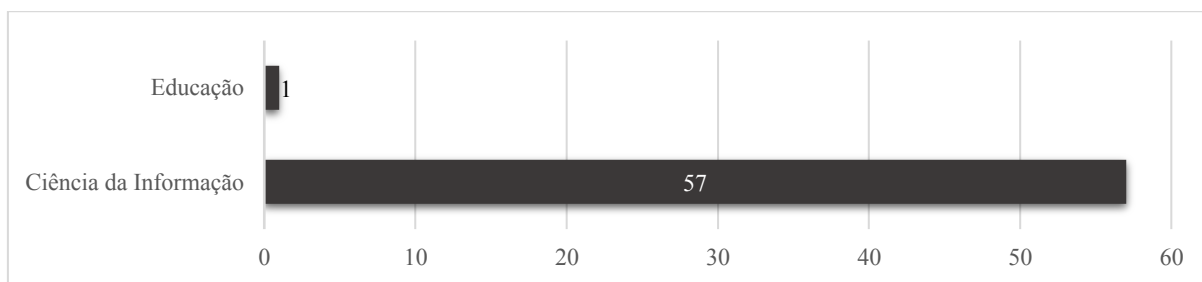
Referente às publicações do SNBU, identificou-se um maior número de publicações nos últimos 04 eventos. No evento de Goiânia, ocorrido em 2021, tiveram 09 trabalhos; em Salvador, ocorrido em 2018, tiveram 10 trabalhos; em Manaus, ocorrido em 2016, tiveram 06 trabalhos; e em Belo Horizonte, ocorrido em 2014, tiveram 09 trabalhos.

Gráfico 6 – Cidades das publicações dos Anais do SNBU.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Segundo os dados coletados, a área do conhecimento predominante foi a da Ciência da Informação, sendo 57 trabalhos vinculados a periódicos desta área e do anais do SNBU. Somente 01 trabalho foi publicado em periódico da área de Educação.

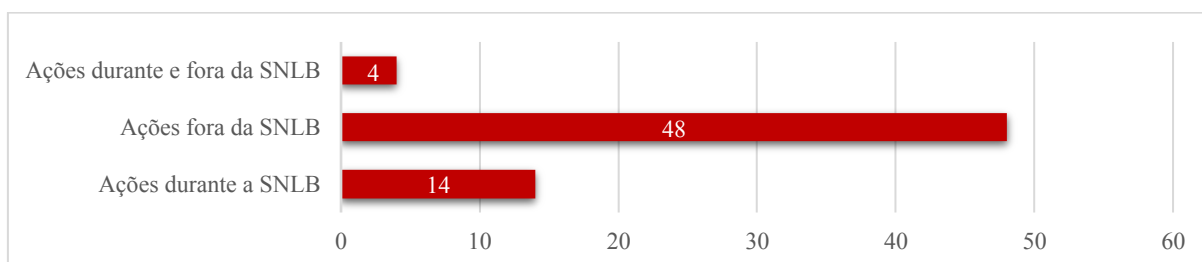
Gráfico 7 – Áreas do conhecimento dos periódicos e dos Anais do SNBU.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Os indicadores bibliométricos apresentados mostram dados importantes a se considerar sobre o tema pesquisado. Desta forma, compreender as regiões, autores e os dados das publicações sobre o tema tornará a síntese dos resultados mais completa e abrangente.

4.8.2 Dados quantitativos

Um dado importante extraído é referente ao período de realizações das ações. Os dados mostraram que durante a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca (SNLB) houve 14 episódios de ações culturais realizadas. Enquanto fora da SNLB houve 48 episódios de ações. No entanto, é importante ressaltar que esses dados somente identificam se houve ou não ações realizadas durante a SNLB, relatadas nos 58 trabalhos selecionados, não apresentando a quantidade (ver gráfico 8) de ações realizadas por período.

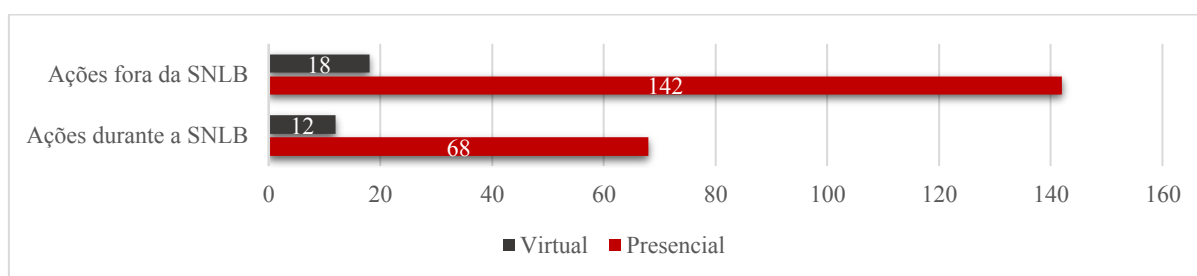
Gráfico 8 – Ações realizadas durante e/ou fora da SNLB.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Sobre as quantidades de ações realizadas, identificou-se que a maioria das ações foi realizada fora da SNLB. No entanto, proporcionalmente, houve uma maior densidade de ações realizadas durante a SNLB. Enquanto, fora da SNLB, houve 160 ações (142 presenciais e 18 virtuais) em 48 relatos, durante a SNLB houve 80 ações (68 presenciais e 12 virtuais) em 14 relatos.

É importante ressaltar que ações periódicas, como clubes de leituras, sessões de cinema e similares, foram contabilizadas como uma única ação realizada. Se ocorresse em mais de um ano, contabilizou-se uma ação por ano. Optou-se por contabilizar dessa forma, pois havia relatos que quantificavam as ações e relatos que não quantificaram o total. Portanto, para evitar dados dúbios, foi decidido contabilizar essas ações periódicas como uma única ação realizada.

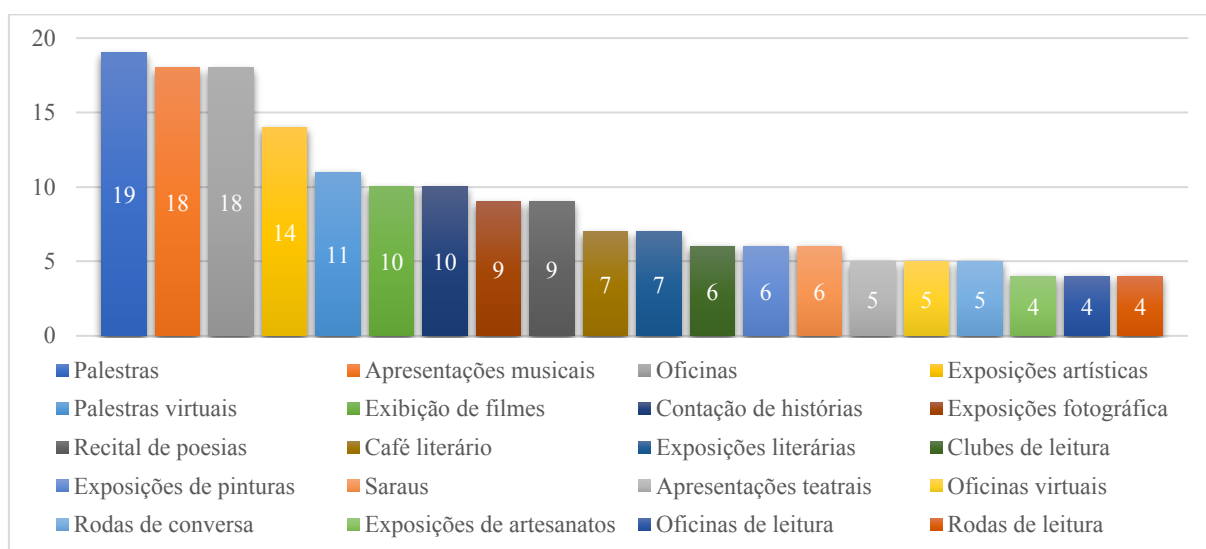
Gráfico 9 – Quantidade de ações realizadas durante e fora da SNLB.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

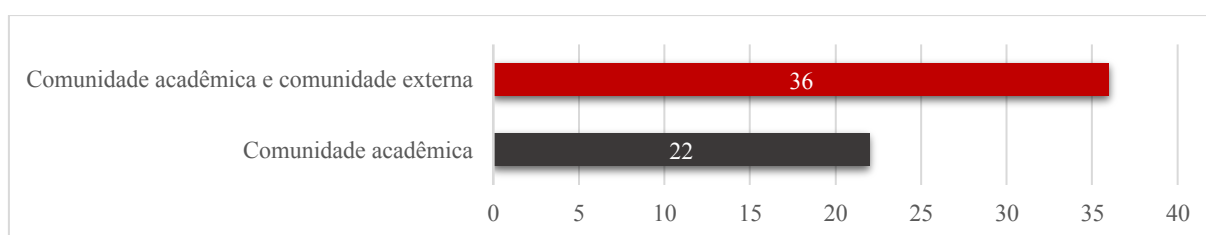
Sobre os tipos de ações relatadas, as mais realizadas foram palestras, apresentações musicais, oficinas/cursos, exposições artísticas (em geral), palestras virtuais, exibição de filmes e contação de histórias.

Além das ações apresentadas no gráfico 10, ainda foram relatadas: concurso literário (3), exposição de trabalhos acadêmicos (3), lançamento de livros (3), roda de conversa virtual (3), troca de livros (3), apresentação musical virtual (2), biblioterapia (2), contação de histórias virtuais (2), divulgação da biblioteca (2), encontro com escritores (2), gincana literária virtual (2), meditação (2), sorteio (2), torneio de xadrez virtual (2), videogame na biblioteca (2), visita orientada (2), boletim de informações (1), campanha de conservação (1), clube do livro (1), concurso fotográfico virtual (1), conto terapia virtual (1), correio literário (1), exposição de livros envelopados (1), encontro com escritores virtuais (1), exposição de gibis (1), exposição de literatura de cordel (1), exposição de móveis (1), exposição de xilogravuras (1), exposição fotográfica virtual (1), ginástica laboral (1), ilustração de livros infantis (1), indicação literária via e-mail (1), indicação literária via redes sociais: vídeos enviados pela comunidade acadêmicas recomendando livros (1), karaokê (1), leitura de textos em local público (1), leitura mediada (1), passaporte biblioteca: visto em carimbo para cada visita e consulta ao acervo; ao completar o passaporte o usuário recebe um brinde (1), perdão de multas (1), prática de letramento (1), premiação de leitor com maior número de empréstimos (1), utilização de QR Codes em marcadores de páginas, que direcionava para livros do Domínio Público, como forma de incentivar a leitura (1), quiz virtual (1), talk show na biblioteca (1) e torneio de xadrez (1).

Gráfico 10 – Tipos de ações realizadas

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

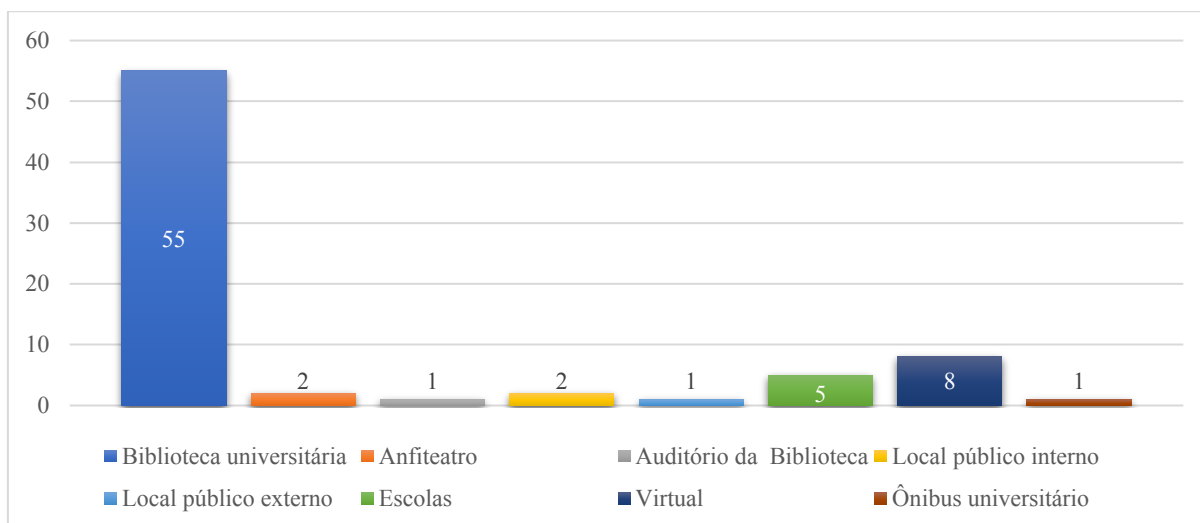
Quanto aos participantes, de acordo com os relatos, na maioria das ações realizadas havia participação da comunidade acadêmica e da comunidade externa, isto é, em 36 relatos. No entanto, houve 22 relatos que restringiram as ações somente para a comunidade acadêmica. Não houve relatos que separassem os participantes por gênero, cursos, idade, etc. Também não foram identificadas justificativas para a definição do público participante.

Gráfico 11 – Participantes das ações

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

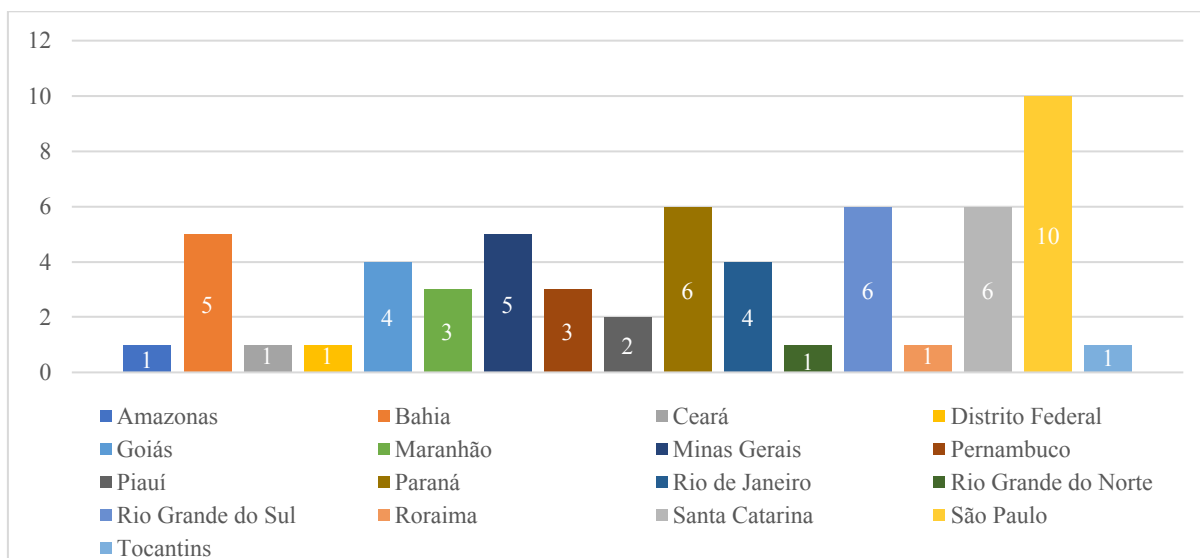
Referente ao local de realização das ações, considerando o total de locais relatados nos artigos, predominou a biblioteca universitária, com 55 ações realizadas. Outros locais onde ocorreram ações foram em escolas, anfiteatros, local público na instituição, local público na cidade e em um ônibus universitário. Ainda tiveram relatos de 08 ações virtuais.

É importante destacar que houve trabalhos que relataram 02 ou mais locais que realizaram eventos e outros trabalhos que relataram terem realizado em apenas um local.

Gráfico 12 - Local de realização das ações.

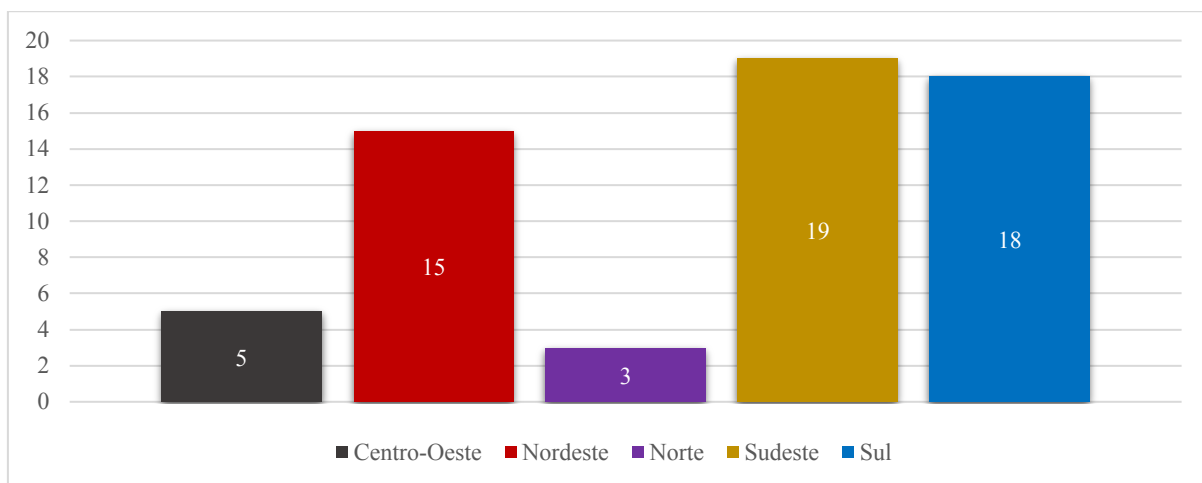
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Conforme os dados coletados, os Estados que mais realizaram ações foram São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia e Minas Gerais. Não houve relatos publicados de ações realizadas nos estados do Acre, Alagoas, Amapá, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Rondônia e Sergipe.

Gráfico 13 – Ações realizadas por Estado.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

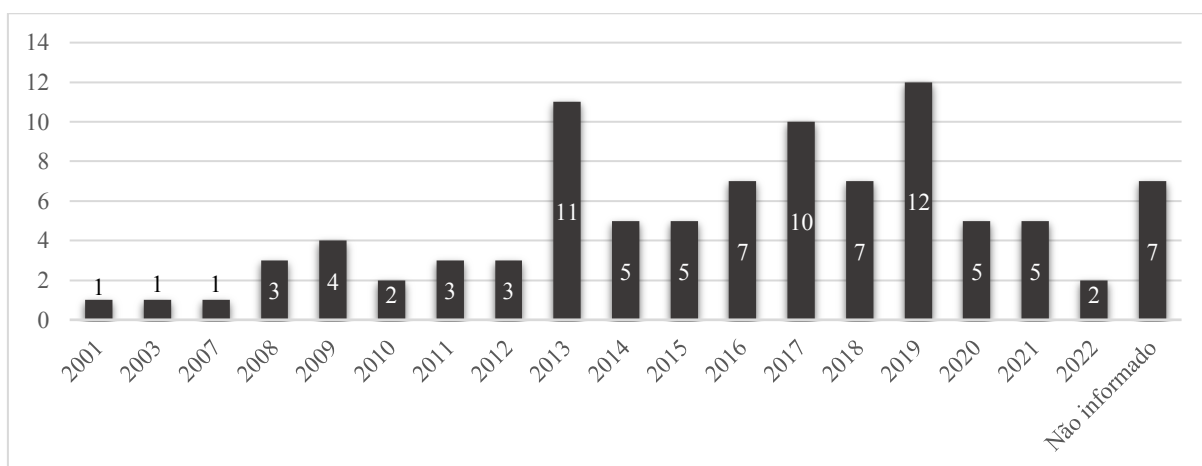
Sendo assim, as regiões geográficas com maior quantidade de ações relatadas foram as regiões Sudeste, com 19 ações, Sul, com 18 ações e Nordeste com 15 ações. A região Centro-Oeste e Norte tiveram relatos de 5 e 3 ações realizadas, respectivamente.

Gráfico 14 – Ações realizadas por região geográfica.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Referente ao ano das ações realizadas, houve um maior número de ações em 2013, 2019 e 2017. Em 2013 e 2019 houve 11 e 12 ações realizadas, respectivamente. Em 2017, foram 10 ações realizadas. Os anos de 2001, 2003, 2007, 2010 e 2022 foram os anos com menor número de ações relatadas.

Não houve publicações de relatos de eventos que ocorreram nos anos 2002, 2004, 2005 e 2006. Observou-se um maior número de relatos em anos que antecederam os SNBUs a partir de 2013.

Gráfico 15 – Ano de realização das ações relatadas.

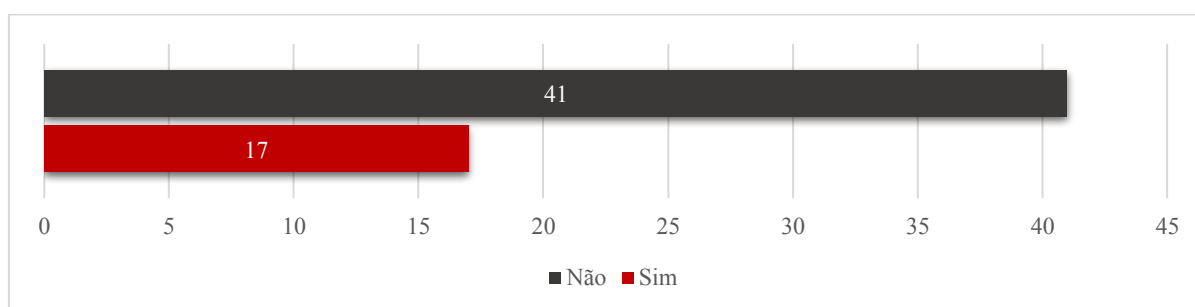
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Outro aspecto coletado nos relatos foi referente à avaliação das ações realizadas pelos participantes. Constatou-se, portanto, que a maioria dos trabalhos selecionados não apresentou informações sobre a avaliação pelos participantes. Quarenta e um trabalhos não apresentaram

um sistema de avaliação e apenas 17 coletaram dados dos participantes das ações. No entanto, dessas 17 ações, não houve apresentação detalhada da maneira como os dados dos participantes foram coletados.

É válido destacar que esses dados são importantes e essenciais, pois permitem identificar a percepção dos participantes sobre o evento na totalidade e das ações culturais realizadas.

Gráfico 16 – Avaliação das ações pelos participantes.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Dessa forma, esses dados quantitativos serão importantes para realizar a síntese dos resultados, pois são informações relevantes e primordiais para se obter a resposta do problema desta pesquisa.

4.8.3 Dados qualitativos

Para descrever os dados qualitativos, houve necessidade de realizar a leitura e identificar os resultados pretendidos pelos autores dos trabalhos selecionados. Os artigos foram classificados em letras seguidas de número em sequência, no qual a letra C corresponde a artigos recuperados do Portal de Periódicos da Capes, BR corresponde a artigos recuperados na Brapci. Os trabalhos dos Anais do SNBU são identificados em S, seguido do ano (02 corresponde a 2002, 08 a 2008, por exemplo) e número identificador.

O artigo C1¹⁴ enfatiza a importância das bibliotecas universitárias na promoção da leitura como uma atividade prazerosa para os indivíduos, destacando, também, que a ação foi exitosa, pois contribuiu para a formação de mediadores da leitura. O ambiente acadêmico propicia o discurso e a reflexão sobre questões relativas ao ato de ler, sendo um espaço ideal para formar indivíduos que mediam a leitura. Os resultados mostraram que houve superação da expectativa do número de participantes, possibilitou a vivência de uma experiência singular,

¹⁴ Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v12i3.1599>.

preencheu lacunas na formação de mediadores da leitura e observou-se um entusiasmo da equipe e dos participantes. No entanto, o artigo não fornece uma descrição detalhada dos métodos usados para organizar e avaliar o evento.

O artigo C2¹⁵ enfatiza a importância das bibliotecas universitárias na promoção de ações culturais para seus usuários e afirma que as ações podem contribuir para o desenvolvimento da cultura, da aprendizagem e para o bem-estar da comunidade acadêmica. O artigo não apresentou pontos negativos e não forneceu uma análise ou avaliação detalhada da eficácia das ações culturais descritas.

O artigo C3¹⁶ destaca a importância de buscar parcerias internas e externas para realizar ações culturais e ressaltam que as bibliotecas não sejam apenas para compor acervos. Conclui que as ações culturais transcendem a ideia de que a biblioteca é um espaço de extremo silêncio, destinado apenas ao estudo e empréstimo de materiais, mas um espaço de experiências. Além disso, o projeto promoveu a biblioteca perante a comunidade acadêmica e externa. Apresenta como pontos negativos os desafios encontrados no planejamento e execução do projeto, como a dificuldade de engajar toda a equipe, a participação voluntária de curadores, palestrantes e músicos, a adaptação das atividades às plataformas digitais e a coleta do número de participantes.

O artigo C4¹⁷ indicou que as ações de incentivo à leitura promoveram interação social, contribuíram para o desenvolvimento de respeito e empatia e auxiliaram no reconhecimento da importância de se envolver com diversos grupos sociais. Além disso, as ações contribuíram para o enriquecimento artístico, cultural e educacional, para o estímulo do pensamento crítico e do senso de responsabilidade social.

O artigo C5¹⁸ destaca a importância das bibliotecas universitárias desenvolverem ações para além da comunidade acadêmica, dinamizando o ambiente da biblioteca e reafirmando sua relevância. Os resultados indicaram que as ações deram maior visibilidade à biblioteca perante a comunidade acadêmica e externa e que realização em ambiente virtual possibilitou um maior alcance de participantes.

O artigo C6¹⁹ demonstrou que a gamificação é uma ação eficaz em motivar a comunidade acadêmica a utilizar a biblioteca, pois permite criar um ambiente descontraído, interativo e criativo. Dessa forma, concluiu-se que a gamificação pode ser importante para

¹⁵ Disponível em: <https://doi.org/10.9771/rpa.v16i1.42724>.

¹⁶ Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1848>.

¹⁷ Disponível em: <https://doi.org/10.31417/educitec.v8.1892>.

¹⁸ Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2447-7842.2021v7n1ID23339>.

¹⁹ Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2016v21n45p70>.

promover a interação entre os indivíduos, seja em ações culturais ou na orientação dos usuários para uso dos serviços e produtos da biblioteca.

O artigo C7²⁰ indicou que as ações realizadas produziram resultados positivos, pois permitiram interação entre a comunidade acadêmica, promoveu a biblioteca e proporcionou momentos de relaxamento. Esse desvio da rotina serviu para fornecer à comunidade acadêmica uma nova perspectiva sobre a biblioteca.

O artigo C8²¹ confirmou em seus resultados a importância da elaboração de ações culturais em bibliotecas universitárias. Ressaltam a importância de realizar ações culturais, utilizando abordagens inovadoras e criativas, que envolvam a comunidade acadêmica e externa para promover o ambiente de estudo e lazer da biblioteca.

O artigo C9²² afirmou que as ações oferecidas proporcionaram aos participantes momentos de reflexão e interação entre os participantes. Ressaltou, também, que permitiu maior visibilidade da biblioteca.

O artigo C10²³ relatou que as ações realizadas, de modo geral, receberam avaliações positivas dos participantes e proporcionaram maior visibilidade da biblioteca perante a comunidade acadêmica, além de estabelecer como espaço de referência diante dos usuários.

O artigo BR1²⁴ concluiu que as ações contribuíram para o incentivo da leitura e da escrita, proporcionou momentos de lazer, promoveu a arte e gerou a interação entre a comunidade acadêmica e externa. Enfatizou, também, que as bibliotecas são a força vital das instituições, sejam elas escolas, universidades, institutos ou qualquer outra; e que as ações culturais, de extensão ou não, visam facilitar o aprendizado e ajudam a destacar a importância das bibliotecas no desenvolvimento de leitores. Ressalta que, embora o envolvimento de adolescentes nesse tipo de atividade possa inicialmente sofrer uma certa resistência, o comprometimento e o envolvimento acabam levando a uma experiência rica. Portanto, o relato demonstrou ser possível que o aprendizado ocorra por meio de ações de contações de histórias.

O artigo BR2²⁵ conclui que o envolvimento da biblioteca em atividades afrocentradas promove a diversidade cultural e a visibilidade das comunidades marginalizadas. Além disso, enfatiza a importância da conscientização dos profissionais de bibliotecas sobre o racismo e a colonialidade do poder, do conhecimento e da sociedade brasileira. As bibliotecas

²⁰ Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1333>.

²¹ Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1513>.

²² Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1297>.

²³ Disponível em: <https://doi.org/10.28998/cirev.2021v8n3d>.

²⁴ Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/2797>.

²⁵ Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/v/193857>.

podem ajudar, por meio de ações culturais, na conscientização e disseminação de informações sobre comunidades afrodescendentes.

O artigo BR3²⁶ apresentou resultados que indicam que as ações culturais foram recebidas de forma positiva pelos usuários, pois proporcionaram momentos de lazer, de socialização, relaxamento e entretenimento. Assim, ajudaram no desenvolvimento cultural, na disseminação do conhecimento e na troca de experiências. Além disso, verificou-se que os usuários atribuíram a importância das ações à sua programação cultural e científica.

O artigo BR4²⁷ concluiu que as ações realizadas contribuíram para quebrar a cultura do silêncio da biblioteca, para promover o acesso à informação e para fomentar o gosto pela leitura e a cultura. Com isso, a biblioteca se transformou em um espaço dinâmico e agradável. O estudo enfatiza a importância do papel social do bibliotecário, assumindo um perfil de agente cultural, atuando na mediação cultural e no incentivo à leitura. O objetivo era criar um espaço para produção cultural e de promoção do conhecimento.

O artigo BR5²⁸ concluiu que as ações de mediação da leitura realizadas durante a pandemia da COVID-19 através das TICs, como o WhatsApp e o Google Meet, ajudaram a promover a leitura literária, contribuíram para o aprendizado, enriqueceu o intelecto e proporcionou novas experiências literárias. Os autores esperam que este artigo incentive as bibliotecas universitárias a usar as TICs para promover ações culturais e a leitura literária.

O artigo S04.1²⁹ afirmou que as ações de leitura de contos foram uma rica troca de experiências, pois os participantes discutiam o texto, reviviam memórias e costumes do passado e estabeleceu diálogo entre o texto e leitor. Além disso, a leitura em voz alta possibilitou a sensibilização dos participantes para o ato de leitura/escuta, contribuindo para momentos de atenção e reflexão.

O artigo S06.1³⁰ concluiu que as ações contribuíram para o desenvolvimento da reflexão crítica e possibilitou que os participantes discutissem sobre as obras literárias e seus autores, contextualizando-as, ampliando a compreensão da leitura e permitindo discussões mais aprofundadas sobre as obras. A prática de escrever diferentes tipos de textos, como resenhas, ensaios e artigos, ajudaram no desenvolvimento e aprimoramento das habilidades de escrita.

²⁶ Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/505>.

²⁷ Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/203062>.

²⁸ Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/204780>.

²⁹ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4864>.

³⁰ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5601>.

O artigo S06.2³¹ afirmou que ação cultural utilizando música erudita clássica contribuiu para a formação cultural da comunidade acadêmica e externa, permitiu a interação social e possibilitou que os alunos praticassem suas habilidades com instrumentos musicais. De maneira geral, as ações culturais realizadas na biblioteca foram bem recebidas pelos participantes.

O artigo S08.1³² concluiu que as ações culturais realizadas pela biblioteca se configuram como um importante instrumento de disseminação e valorização da cultura local. Elas promoveram a leitura por prazer, incentivou o uso da biblioteca e conscientizou sobre a conservação do acervo.

O artigo S08.2³³ afirmou que as ações culturais, que contou com a participação da comunidade acadêmica e externa, foram importantes para incentivar a leitura, promover o uso da biblioteca e de permitir momentos de socialização, discussão sobre o contexto social e suas experiências vividas.

O artigo S08.3³⁴ concluiu que a apresentação musical foi importante para envolver e atrair os usuários através de uma experiência agradável e interativa, facilitou a compreensão e retenção de informações sobre a biblioteca e promoveu a cultura regional.

O artigo S10.1³⁵ O demonstrou o potencial das ações culturais em promover a leitura e capacitar mediadores da leitura, gerando, também, oportunidades para que a comunidade participasse das sessões de contação de história. Ficou evidente a importância de capacitar profissionais envolvidos na mediação da leitura, pois muitos deles não tinham orientação adequada e seguiam métodos intuitivos.

O artigo S10.2³⁶ concluiu que as ações culturais promovem as bibliotecas e a leitura, mas que, no entanto, deve-se haver o fomento por parte da gestão da instituição à qual a biblioteca está vinculada. As ações aumentaram a frequência dos usuários no espaço da biblioteca e a circulação das obras do acervo.

O artigo S12.1³⁷ concluiu que a ausência de uma biblioteca adequada pode restringir o conhecimento, o acesso aos recursos de leitura/escrita e na perpetuação da exclusão social. Dessa forma, um espaço de leitura é importante, pois contribui para a promoção da leitura, dos livros e da cultura.

³¹ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5146>.

³² Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4339>.

³³ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4220>.

³⁴ Disponível em: http://repositorio.febab.libertar.org/files/original/30/4198/SNBU2008_047.pdf.

³⁵ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5059>.

³⁶ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4977>.

³⁷ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6037>.

O artigo S12.2³⁸ afirmou que a ação de incentivo à leitura aumentou o fluxo e levou novos usuários à biblioteca. Houve um retorno positivo da ação que buscou incentivar a leitura por prazer em parte da comunidade acadêmica.

O artigo S12.3³⁹ concluiu que as ações culturais ajudaram a concretizar um diálogo entre autores e leitores na biblioteca, promover o hábito de ler, expandir o conhecimento e integrar a ciência e a cultura.

O artigo S14.1⁴⁰ constatou que os participantes manifestaram positivamente sobre a ação cultural utilizando origamis e distribuição de cartilhas sobre preservação e uso da consciente da água.

O artigo S14.2⁴¹ afirmou que as ações realizadas pela biblioteca contribuíram na construção do conhecimento, permitindo que os usuários acessassem informações precisas e de fontes confiáveis. Além disso, permitiu que os usuários tivessem momentos de reflexão e de se relacionarem com o ambiente da biblioteca. Conseqüentemente, pode ter havido uma melhora na bagagem intelectual e cultural dos usuários e, em última análise, a capacidade de produção de conhecimento.

O artigo S14.3⁴² concluiu que as apresentações teatrais, derivadas de obras literárias, despertaram o interesse por novas leituras. Conseqüentemente, promoveu a biblioteca, pois houve um aumento na frequência de pessoas que podem ter sido influenciadas por suas experiências na apresentação teatral. Assim sendo, o teatro na biblioteca explora o potencial da linguagem, da experimentação estética e de uma perspectiva analítica em relação ao texto, além de estimular a leitura.

O artigo S14.4⁴³ concluiu que as ações culturais estão estimulando o uso do acervo, despertando o senso crítico dos discentes, auxiliado na conscientização sobre o valor cultural das tradições paranaenses e contribuindo para estabelecer pontes entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa.

O artigo S14.5⁴⁴ constatou que as ações culturais promoveram a disseminação de informações e conhecimentos, atraindo os usuários para a biblioteca de forma dinâmica e familiarizando-os com os serviços ofertados.

³⁸ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6014>.

³⁹ Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/files/original/49/5953/SNBU2012_092.pdf.

⁴⁰ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6626>.

⁴¹ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6648>.

⁴² Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6656>.

⁴³ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6666>.

⁴⁴ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6667>.

O artigo S14.6⁴⁵ concluiu que o espaço de leitura da biblioteca possibilitou acesso a um variado número de títulos, foi bem aceita pelos usuários, aumentou a frequência e circulação de livros na biblioteca e, em consequência, pode estar estimulado a leitura.

O artigo S14.7⁴⁶ concluiu que a leitura mediada contribuiu para o leitor compreender a relação entre o mundo imaginário e o real. Além disso, a disponibilização de espaços de leitura contribuiu para a formação dos alunos e os auxiliou na conscientização sobre o respeito às diferenças.

O artigo S14.8⁴⁷ afirmou que as ações culturais possibilitaram momentos de audição de música popular brasileira, leitura em voz alta de frases, poesias e composições musicais de um grande músico brasileiro e de uma exposição da sua obra no espaço da biblioteca. Sendo assim, concluiu que essas ações aumentaram o fluxo de usuários na biblioteca e apresentou novos conhecimentos acerca de um artista da cultura brasileira.

O artigo S14.9⁴⁸ constatou que a ação de incentivo à leitura utilizando QR Codes possibilitou promover a biblioteca e seu acervo. Identificou, também, que as bibliotecas universitárias devem-se ajustar às novas tecnologias para fornecer serviços de alta qualidade e melhorar o acesso para a comunidade acadêmica.

O artigo S16.1⁴⁹ afirmou que as ações de incentivo à leitura e escrita contribuíram para o desenvolvimento da escrita, estimulando os participantes a escreverem poesias e contos. Dessa ação, resultou-se um livro de textos escritos pelos estudantes e que posteriormente foi publicado. Houve aumento de novos participantes a cada ano e da interação social entre da comunidade acadêmica.

O artigo S16.2⁵⁰ concluiu que a ação cultural para incentivar a escrita de contos teve uma grande adesão, com contos bem escritos. A premiação final (uma viagem) para o conto vencedor, estimulou maior participação de alunos e professores, estimulou a escrita e leitura e, por fim, houve a publicação de um livro de contos.

O artigo S16.3⁵¹ observou que a ação de incentivo à leitura no ônibus universitário, além de bem recebida pela comunidade, atraiu atenção para o campus avançado, por meio de diversas aparições nas mídias, sendo uma maneira de promover a instituição na totalidade. O retorno

⁴⁵ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6693>.

⁴⁶ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6740>.

⁴⁷ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6823>.

⁴⁸ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6994>.

⁴⁹ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4530>.

⁵⁰ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4493>.

⁵¹ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4492>.

recebido da comunidade acadêmica indica que o projeto pode estar incentivando o gosto pela leitura.

O artigo S16.4⁵² afirmou que a ação cultural com tema de um músico brasileiro possibilitou momentos de aprendizado de forma interativa e prazerosa, onde se uniu o conhecimento acadêmico à apresentação musical, atraindo diferentes públicos e dando mais visibilidade para a biblioteca.

O artigo S16.5⁵³ demonstrou que os participantes, em geral, manifestaram-se positivamente sobre a leitura dramática, pois buscou gerar momentos de reflexão, no auxílio à interpretação da leitura e na relação da leitura com o contexto vivido. Sendo assim, as ações incentivaram a cultura, a leitura e promoveram Libras e a biblioteca.

O artigo S16.6⁵⁴ constatou que o clube de leitura teve uma melhora na fluidez e um aumento de apresentações críticas durante os debates a cada encontro, sendo perceptível uma evolução gradual das participantes do clube de leitura que chegavam mais preparados para as discussões. Assim, concluiu que o clube incentivou a leitura de obras literárias e na melhora da percepção crítica dos participantes.

O artigo S18.1⁵⁵ constatou que os participantes do clube de leitura afirmaram ter seus hábitos de leitura resgatados, que participar das discussões no clube auxiliou na compreensão e interpretação dos livros e possibilitou conhecer autores que ainda não conheciam. Os resultados demonstraram que houve um grande interesse dos participantes em manter os hábitos de leitura, que antes não conseguiam alcançar. Além disso, o clube de leitura permitiu que esses indivíduos estabelecessem uma rotina de leitura e expandiu seus conhecimentos ao serem apresentados a novos autores, assuntos e perspectivas diversas.

O artigo S18.2⁵⁶ concluiu que a ação oferecida foi efetiva e que atendeu aos objetivos propostos. No entanto, os dados apresentados só indicavam um perfil dos participantes do evento e o que foi realizado, mas sem detalhar as implicações ocasionadas.

O artigo S18.3⁵⁷ concluiu que os resultados das ações culturais, no geral, foram satisfatórios e bem recebidos pelos usuários. Os discentes que realizaram as apresentações musicais no espaço da biblioteca elogiaram a iniciativa e consideraram que foi uma excelente oportunidade de exercitar o que estão aprendendo na graduação. Entretanto, uma pequena

⁵² Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4462>.

⁵³ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4456>.

⁵⁴ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4427>.

⁵⁵ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5857>.

⁵⁶ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5793>.

⁵⁷ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5769>.

parcela dos participantes fez manifestação negativa da ação na biblioteca, pois afirmaram estarem na biblioteca para estudar e se sentiram incomodados com o barulho das apresentações musicais.

O artigo S18.4⁵⁸ relatou que as ações culturais realizadas abrangeram momentos de diversão, experiências formativas, percepções críticas e impactos transformadores. Dessa forma, os resultados indicaram impactos positivos.

O artigo S18.5⁵⁹ afirmou que as ações culturais realizadas provocaram momentos de reflexão crítica sobre as temáticas discutidas, em razão dos participantes terem feito parte da ação em si, seja discutindo ou declamando poesias. O relato conclui que a contribuição das ações na reflexão crítica ficou evidente, pois se observou que os participantes discutiam, refletiam e criavam novas proposições, ou seja, construíam conhecimento.

O artigo S18.6⁶⁰ relatou que as ações culturais realizadas ajudaram a promover a biblioteca, incentivou a leitura e uso do acervo e, de maneira geral, contribuiu para democratização do acesso ao conhecimento. Os resultados das ações foram considerados satisfatórios, pois além de causar impacto na comunidade acadêmica e externa, conseguiu atrair uma variedade de público para o espaço da biblioteca.

O artigo S18.7⁶¹ concluiu que o clube de leitura contribuiu na construção do senso crítico entre os participantes, na compreensão das leituras e na interação entre a comunidade acadêmica. Houve manifestações de dificuldade com o vocabulário de algumas obras, mas foi orientado o uso de dicionários. Dentre os pontos negativos, foi observado que houve ausências em decorrência da alta carga horária dos discentes.

O artigo S18.8⁶² afirmou que as ações culturais podem ter causado impacto social nos participantes, possibilitou momentos de discussão sobre temas sociais, permitiu interação entre a comunidade acadêmica, promoveu a biblioteca e oportunizou momentos de reflexão crítica. De maneira geral, as ações fizeram da biblioteca um espaço mais dinâmico e desempenhou papel de agente de transformação social.

O artigo S20.1⁶³ concluiu que a ação cultural na biblioteca possibilitou a conscientização sobre os temas trabalhados, pode ter auxiliado na construção de conhecimentos, colocou a

⁵⁸ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5763>.

⁵⁹ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5523>.

⁶⁰ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5504>.

⁶¹ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5475>.

⁶² Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5445>.

⁶³ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6994>.

biblioteca a assumir papel formador/educativo, permitiu interação social e democratizou a cultura.

O artigo S20.2⁶⁴ afirmou que as ações de contação de histórias resultou em momentos de reflexões e que as ações culturais podem ser realizadas para além dos limites da biblioteca física, através de ambientes virtuais.

O artigo S20.3⁶⁵ concluiu que o clube de leitura realizado pela biblioteca foi importante para incentivar a leitura literária para além da leitura técnica dos cursos. Portanto, a ação desempenhou papel formativo, promoveu interações e discussões, estimulou a consciência crítica, possibilitou momentos de leitura prazerosa e pode ter beneficiado a formação acadêmica dos participantes.

O artigo S20.4⁶⁶ indicou em seus resultados que a ação de incentivo à leitura realizada permitiu interação entre os alunos, troca de conhecimentos das rotinas de leitura, discussões sobre as leituras e ajudou a promover a biblioteca.

O artigo S20.5⁶⁷ relatou que incentivar a leitura por meio de indicações de leituras em vídeos teve um impacto positivo na comunidade acadêmica e também estimulou a realização de novas ações culturais na biblioteca.

O artigo S20.6⁶⁸ concluiu que a mediação da leitura estimula a curiosidade, o questionamento e as reflexões sobre o que foi lido. Dessa forma, esses debates permitem novas aprendizagens, desenvolve melhores percepções e estimula o gosto pela leitura.

O artigo S20.7⁶⁹ concluiu que a ação realizada estimulou a curiosidade da comunidade acadêmica, levou novos usuários à biblioteca e pôde inspirar o gosto pela fotografia.

O artigo S20.8⁷⁰ afirmou que a ação cultural promoveu a cultura regional por meio de apresentações artísticas (dramatização, músicas, danças) e a culinária local, tendo como tema um autor que foi homenageado. Em decorrência da pandemia de Covid-19, a ação foi realizada em ambiente virtual e atingiu público de outras instituições. Houve interação e troca de informações entre os participantes.

O artigo S20.9⁷¹ relatou que as ações realizadas buscaram integrar a comunidade acadêmica e externa por meio de palestras sobre bem-estar psicológico, de maneira que

⁶⁴ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6894>.

⁶⁵ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6897>.

⁶⁶ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6902>.

⁶⁷ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6990>.

⁶⁸ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6978>.

⁶⁹ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6945>.

⁷⁰ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6985>.

⁷¹ Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6983>.

estimulassem o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Observou-se um grande interesse dos participantes pelas atividades realizadas, manifestado durante as discussões.

4.9 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Considerando as descrições dos estudos selecionados, deve-se posteriormente realizar a síntese a partir dos dados identificados. De acordo Gough, Oliver e Thomas (2012), o termo síntese, em uma RSL, pode ser definido como a transformação de dados de estudos primários em um conjunto de informações com um grau de inovação conceitual, isto é, a criação de um novo conhecimento.

A síntese é considerada uma atividade que irá gerar um novo conhecimento, baseado nas informações coletadas dos estudos incluídos na RSL (Gough; Oliver; Thomas, 2012). No entanto, apesar de parecer que a síntese é simplesmente uma soma de partes de estudos, ela vai além, sendo considerado um processo para elencar o que cada estudo diz, mas também que permite construir um conhecimento que agregue e organize os dados coletados de múltiplas pesquisas, considerando as diferenças nos contextos e nas descobertas (Gough; Oliver; Thomas, 2012).

Dessa forma, Gough, Oliver e Thomas (2012) apresentam 05 tipos de sínteses: resumos baseados em tópicos ou resumos temáticos (totalmente dedutivos), síntese por estruturas (principalmente dedutivo), síntese temática (principalmente indutiva), a meta-etnografia (principalmente indutiva) e a síntese dos métodos mistos (dedutiva e indutiva).

O importante é que os resultados possam ser analisados para responder o problema da pesquisa. Para isso, Gough, Oliver e Thomas (2012) sugerem a contagem de votos, isto é, separar os resultados positivos e negativos e compilar os dados para auxiliar na síntese temática.

Assim sendo, para formulação da síntese deve se considerar quais dados estão disponíveis, quais os padrões desses dados e se eles respondem à questão problema e depois analisar e interpretar o significado desses resultados (Gough, Oliver e Thomas, 2012).

Portanto, nesta RSL, optou-se por utilizar a síntese de métodos mistos, pois é o método de análise que melhor se adequa aos dados coletados dos estudos. Os dados qualitativos foram separados em pontos positivos e negativos, mas não foi necessário dividir em vários temas, somente no que está coerente com o objetivo desta pesquisa, que é a relação da ação cultural com o incentivo à leitura como prática social. Adicionalmente, destaca-se que houve relatos

que não constavam nos objetivos o incentivo à leitura, mas que, de alguma maneira, estava relacionado com livros.

Os relatos investigados nessa pesquisa proporcionam uma visão mais abrangente das ações culturais que estão sendo realizadas pelas bibliotecas universitárias brasileiras, a partir do que foi publicado no período de 2002 a 2022. De maneira geral, deve-se destacar que as ações culturais são carregadas de propósitos relevantes, como promover a leitura, a cultura ou a biblioteca, por exemplo. Essa relevância foi identificada nos estudos e ressaltada pelos autores.

Referente aos pontos positivos da ação cultural em bibliotecas universitárias, identificaram-se alguns benefícios relatados pelos participantes das ações e outras nas visões dos autores/agentes culturais dos relatos:

- a) A biblioteca universitária é um ambiente que favorece a reflexão relacionada ao ato de ler, além de disponibilizar acesso a um acervo;
- b) Os clubes de leitura promovem a leitura literária, estimulam o gosto pela literatura, instigam a reflexão crítica em torno do texto lido, auxiliam na interpretação e compreensão das leituras, apresentam autores e assuntos que podem ser desconhecidos para alguns participantes e se mostram como atividades eficazes para resgatar hábitos de leitura;
- c) As bibliotecas podem atuar como formadoras de mediadores da leitura, nas capacitações para uso da informação e das fontes de informação, por meio de cursos e oficinas;
- d) É importante que a biblioteca universitária, que realiza ações culturais, busque parceria com outros departamentos na instituição que atua ou externamente. Quando a biblioteca realiza parcerias com outras unidades na universidade e/ou convida os próprios alunos para se apresentarem nas dependências da biblioteca, eles podem desenvolver suas habilidades pessoais ou testar o conhecimento obtido durante a graduação (por exemplo, alunos de cursos que envolvem artes cênicas, músicas, cinema, pinturas, etc.);
- e) A biblioteca não é somente um espaço utilizado para armazenar e organizar o acervo, mas também um espaço para fazer e promover a arte e cultura;
- f) As ações culturais contribuem para o enriquecimento artístico, cultural e educacional, promovem momentos de aprendizagem, fomentam a cultura, valorizam a cultura local, estimulam o bem-estar da comunidade acadêmica e externa e podem auxiliar na melhora do desempenho acadêmico dos discentes. Atua, também, como uma ferramenta que integra ciência e cultura;

- g) As ações culturais dão mais visibilidade à biblioteca perante a comunidade acadêmica e externa, ajudam a promover a biblioteca e seu uso, atraem usuários, pode aumentar a circulação dos livros do acervo (empréstimos e devoluções), auxilia na disseminação de informações e no acesso ao conhecimento;
- h) As ações culturais promovem a interação social entre a comunidade acadêmica;
- i) As ações culturais permitem que os alunos desfrutem de momentos de relaxamento, socialização, lazer e entretenimento;
- j) As ações culturais contribuem para conscientização sobre determinados assuntos, atuando para o desenvolvimento de certas competências, como respeito, empatia, responsabilidade social, ambiental, etc.;
- k) As ações culturais em ambientes virtuais alcançam um maior número de pessoas;
- l) As ações culturais que envolvem práticas de escrita, como concurso de contos e/ou poesias, podem incentivar a leitura e o desenvolvimento das habilidades de escrita, pois exigem esforço intelectual dos participantes. Buscar maneiras para publicar os melhores contos, pode causar um impacto positivo no discente;
- m) As ações culturais tornam o espaço da biblioteca mais dinâmico;
- n) É importante que os bibliotecários assumam um perfil de agente cultural;
- o) O uso de Tecnologias de Informação e Comunicação pode ser uma aliada da biblioteca para incentivar a leitura e promover o acervo. A biblioteca pode estabelecer canais de comunicação virtuais e realizar ações de mediação da leitura por meio aplicativos de mensagens e/ou conferência virtual, fomentando a leitura literária, contribuindo para o aprendizado e proporcionando novas experiências literárias;
- p) Ações envolvendo leitura em voz alta exige momentos de atenção e sensibilizam os participantes para o ato de escutar, além de possibilitar momentos de discussão e reflexão;
- q) Levar autores locais à biblioteca pode promover o hábito de ler, ampliar e instigar o conhecimento sobre literatura;
- r) Apresentações teatrais baseadas em obras literárias podem despertar o interesse pela obra original e por novas leituras, pois o teatro explora o potencial da linguagem, da experimentação estética e de uma perspectiva analítica em relação ao texto;

Nem todos os trabalhos selecionados apresentaram as dificuldades e pontos negativos, mas durante o planejamento e a execução das ações culturais em bibliotecas o agente cultural

pode enfrentar alguns desafios. Embora haja maior evidência destacada quanto aos benefícios e efeitos da ação cultural, os achados indicaram desafios importantes a serem considerados:

- a) Dificuldade em motivar e manter engajamento da equipe da biblioteca durante o planejamento e execução das ações;
- b) Dificuldade em conseguir participação voluntária de curadores, palestrantes, artistas e similares;
- c) Adaptar algumas ações para o ambiente virtual, tais como exposições artísticas, pode não atingir o efeito esperado, quando comparado ao presencial. Essa dificuldade foi apresentada no contexto da pandemia de Covid-19, que com o fechamento da biblioteca exigiu o planejamento de alternativas que pudessem ser realizadas em ambiente virtual;
- d) Conseguir um retorno dos participantes sobre as ações a fim de coletar dados, mensurar os impactos e obter opiniões do evento;
- e) Apresentações musicais na biblioteca podem causar desconfortos em estudantes que estão/vão à biblioteca para estudar na espera de um lugar de quietude;
- f) A alta carga horária que alguns cursos exigem dos discentes, pode ser uma barreira para maior adesão de participantes das ações culturais da biblioteca. Equilibrar as participações nas ações culturais com as atividades acadêmicas se torna um desafio para os estudantes;
- g) As outras demandas de trabalho que a biblioteca exige pode dificultar o planejamento e execução das ações culturais, pois pode sobrecarregar a equipe;
- h) Ausência de orçamento financeiro impede e/ou restringe determinados tipos de ações, como premiações para concursos, etc.;
- i) Falta de perfil e habilidades da equipe pode dificultar o planejamento e execução das ações culturais;

Ademais, a análise dos indicadores bibliométricos revelou um aumento progressivo de publicações ao longo dos anos no período pesquisado (2002 a 2022), com picos de publicação durante os anos de realização do (SNBU). Isso pode ser interpretado como indicativo da importância desses encontros como fomentadores de discussões e disseminação de conhecimento sobre ação cultural, incentivos à leitura e outros temas pertinentes aos eventos científicos. Esses eventos, como o SNBU, são ambientes que oferecem um espaço para compartilhar experiências das bibliotecas universitárias e que podem inspirar/motivar

bibliotecários a desenvolverem novas abordagens e estratégias de utilizar a ação cultural para estímulo a leitura e outros fins.

A predominância maior de publicações no SNBU em relação a artigos de revistas pode ser, também, um indicativo de haver uma preferência por compartilhar experiências em ambientes colaborativos e interativos, como os próprios eventos científicos, já que são ambientes para discussões mais práticas, volta para os profissionais que atuam em bibliotecas universitárias. Nesse sentido, é importante ressaltar a importância de haver locais propícios para o intercâmbio de ideias e boas práticas no contexto das ações culturais e incentivo à leitura em bibliotecas universitárias.

Entretanto, as publicações em artigos de periódicos científicos poderiam ser mais estimuladas, visando a divulgação dos conhecimentos, utilizando metodologias bem definidas e que apontassem resultados práticos que contribuíssem para compreender o real impacto das ações culturais para o incentivo à leitura.

É importante ressaltar, também, que a maioria dos primeiros autores dos trabalhos selecionados são vinculados às instituições públicas de ensino superior. Apesar dos dados indicados não possibilitar afirmar a causas dessa disparidade, é possível identificar, portanto, uma desigualdade na produção e publicação entre as instituições, mesmo que possa haver ações culturais realizadas nas bibliotecas de instituições privadas de ensino superior.

Quanto à distribuição geográfica, foi identificado que houve uma concentração de ações realizadas nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste, assim como a maioria das publicações em periódicos dessas regiões. Apesar da análise dessa distribuição geográfica apontar para disparidades regionais, com alguns estados e regiões demonstrando maior número de ações culturais realizadas, de acordo com os dados, não foi possível estabelecer as causas dessas disparidades. Entretanto, o importante é que esses indicadores possam estimular a realização de ações culturais específicas para cada região do país, de forma a garantir um efetivo e democrático fomento à leitura, por meio das ações culturais nas bibliotecas universitárias, e que publiquem os resultados dessas ações.

Os dados quantitativos indicaram informações relevantes sobre o panorama das ações culturais realizadas nas bibliotecas universitárias brasileiras⁷². Identificou-se uma maior concentração de ações culturais realizadas fora da SNLB, embora durante esse período ocorra

⁷² É importante destacar que essa afirmação se limita aos dados obtidos nessa revisão. Portanto, não foi possível afirmar que esse panorama reflete a situação de todas bibliotecas universitárias brasileiras, uma vez que ações culturais são realizadas pelas bibliotecas universitárias, mas nem sempre os relatos são publicados nos encontros ou periódicos científicos.

uma variedade maior de ações simultâneas. Esse dado sugere que essas ações culturais de incentivo à leitura devem ser contínuas ao longo do ano, pois dessa forma, é possível manter uma participação consistente e duradoura, além de manter os usuários engajados com a biblioteca. A ação cultural não precisa ser restrita a datas comemorativas ou às SNLB.

Embora houvesse uma predominância de atividades como palestras, apresentações musicais, exposições artísticas e oficinas/cursos, as bibliotecas realizaram uma variedade de ações culturais que confirma a diversidade de abordagens possíveis para estimular a leitura e a cultura. Foram contabilizadas, ao todo, 51 tipos de ações realizadas. Esses dados sugerem que a realização de ações culturais variadas pode ser eficaz para estimular públicos diversos, com gostos variados e, em consequência, promover a leitura de maneira abrangente, inclusiva e democrática. A biblioteca universitária, nesse sentido, pode realizar estudos para conhecer seus usuários e planejar a ação que melhor atenda seu público, visando ações culturais eficazes em seus fins.

Soma-se a isso a importância de a biblioteca assumir um papel de transformação social, realizando ações culturais que permitam a participação da comunidade acadêmica e da comunidade externa, levando o fomento à leitura para além do ambiente acadêmico. Essa inclusão da comunidade externa ressalta o potencial da biblioteca universitária impactar a comunidade em geral. Apesar da biblioteca universitária ter seu público específico, a comunidade acadêmica, convém realizar avaliações quanto à realidade de cada instituição para permitir acesso ou não para a comunidade externa, levando essa possibilidade de impactar de forma positiva um público maior.

Foi possível observar, também, que a maioria dos trabalhos não apresentou informações detalhadas sobre a avaliação pelos participantes. Nesse sentido, é importante destacar a importância de incorporar mecanismos de avaliação dos impactos positivos e os desafios das ações culturais, pois são dados cruciais para melhor compreender os efeitos das ações na promoção da leitura e servir como orientador para ajustes nas futuras ações culturais. Além disso, esses retornos recebidos pelos participantes são importantes para auxiliar no planejamento de futuras ações culturais.

Em síntese, as ações culturais têm melhor impacto quando feitas de forma contínua, implementadas ao longo do ano e com uma variedade de tipos de ações para atender públicos diversos. Entretanto, deve-se planejar ações culturais que incentivem a leitura e fomentem a cultura, mas que possibilitem momentos de reflexão e de formação de pensamento crítico, não se limitando à animação cultural e/ou às atividades culturais esporádicas com fins de

entretenimento sem objetivos específicos, que possam impactar positivamente na construção de novos conhecimentos.

A realização de clubes de leitura, debates, rodas de leitura, cursos e/ou oficinas, nesse sentido, pode desempenhar um papel significativo na formação de leitores críticos, pois disponibilizam momentos de participação de discussões, possibilita diálogos sobre literatura e outros temas, e permite que os leitores analisem, questionem e interpretem diferentes perspectivas e/ou ideias. Aliada à leitura, é um mecanismo de conscientização, conforme afirma Silva (1993) e nos diálogos proporcionados durante o clube, onde possibilita momentos de relacionar o texto, o contexto e as experiências individuais, auxiliando o indivíduo a construir um novo conhecimento, refletindo sobre questões relacionadas, ou seja, de maneira geral, fazer parte da cultura (Medrado; Lanosa, 2021).

Além disso, ao oferecer oportunidades para os indivíduos explorarem diversos gêneros literários, autores e temas, além do que são obrigados nos cursos, pode ser um fator que contribui para expandir o conhecimento e as habilidades de interpretação. Os diálogos são uma maneira dos indivíduos ouvirem o outro, considerar perspectivas alternativas e construir novos conhecimentos. Dessa maneira, a ação cultural se caracteriza como uma ação voltada para o uso, que consiste em promover o desfrute de uma determinada obra cultural, mas que envolve a interpretação de seus aspectos formais, sociais e contextuais (Coelho Netto, 1997).

De acordo com os dados qualitativos indicados nessa pesquisa, criar espaços de trocas de conhecimentos, inserir os indivíduos a fazerem parte da cultura, causa impactos positivos para formação crítica dos indivíduos e desafia-os a relacionarem texto e contexto. Isto é, o pensamento crítico pode ser desenvolvido permitindo essas interações entre os leitores, pois são ações culturais que permitem ação e reflexão, conforme afirmado por Freire (2021). Dessa maneira, a ação cultural se torna efetiva e impactante nos indivíduos, estimulando a leitura e outras percepções, pois de acordo com Cunha (2015), a ação cultural é uma maneira de estimular possíveis conhecimentos, permitir que um indivíduo ou um grupo de indivíduos tenha experiências sociais e sensitivas, de maneira que tais ações instituem e/ou aprimorem os sentidos e contribua para formação de hábitos.

No entanto, para isso, conforme constatado nessa RSL, é importante que se busque parcerias e colaborações estratégicas e duradouras que enriqueçam as ações culturais, proporcionando uma gama mais ampla de experiências. Essas colaborações permitem uma maior variedade de ações, podendo extrair ações criativas e inovadoras, além de oportunizar que discentes desenvolvam suas habilidades artísticas. Ou seja, buscar parcerias com as unidades acadêmicas, com grupos estudantis e com organizações sem fins lucrativos; e oferecer

um reconhecimento público e/ou certificados de participação para incentivar a participação voluntária.

O importante é que se busque maneiras que incentivem essa participação voluntária, já que as deficiências orçamentárias podem estar presentes durante o planejamento da ação cultural. Nesse sentido, explorar alternativas criativas e de baixo custo é uma maneira de superar essas dificuldades.

Ademais, é importante ressaltar que, embora as ações culturais possam estar carregadas da intencionalidade de descontrair, divertir e/ou animar um público alvo, elas não serão tão efetivas em causar momentos de reflexão se terem somente esses objetivos. O bibliotecário, nessa perspectiva, pode ter sua imagem associada a um animador cultural e não um agente cultural que espera que os indivíduos construam novos conhecimentos ao participarem/fazerem cultura. Essa ideia é corroborada por Coelho Netto (2017).

Ainda nesse sentido, foi possível observar, pelos relatos, que há uma tendência em realizar atividades culturais esporádicas e sem continuidades, o que pode ocasionar em ineficiência do objetivo da ação cultural abordado por Coelho Netto (2017) e Paulo Freire (2021). A atividade cultural esporádica, apesar de importante, pode ter seus efeitos limitados, ocasionando uma ineficiência em ativar a imaginação, a ação e a reflexão dos participantes.

De maneira geral, os dados indicaram e confirmaram a eficácia das ações culturais na promoção da leitura e cultura, na interação entre a comunidade, na transformação social e nos demais benefícios apresentados nas alíneas dessa seção. No entanto, não se obteve dados exatos suficientes para poder afirmar que todos esses benefícios são transformados em hábitos e gostos pela leitura ou que de alguma maneira possa contribuir para melhora do desempenho acadêmico. A realização contínua de novas ações culturais e a avaliação dos seus impactos são importantes para o sucesso a longo prazo dessas iniciativas de promoção da cultura e da leitura.

No entanto, é importante que os dados sejam coletados pelas bibliotecas que realizam tais ações e que os relacione para identificar os impactos diretos causados pelas ações culturais na totalidade, de maneira que aponte os benefícios e desafios esperados. Isto é, implementar sistemas de avaliação mais eficazes, como formulários online e/ou pesquisas de satisfação, oferecer incentivos, como sorteios de prêmios, a fim de aumentar a participação nas avaliações e coletar dados significativos sobre o impacto das atividades.

Além disso, é muito importante que o bibliotecário que atue como agente cultural conheça os usuários de sua biblioteca universitária, pois é essencial que o planejamento da ação cultural tenha objetivos de acordo com o público-alvo. Conhecer os hábitos de leitura e o tempo disponível para participar das ações culturais na biblioteca pode auxiliar no planejamento de

ações culturais específicas para melhor promoção da leitura e da cultura. Pois, conforme constatado, uma das dificuldades apontadas consistia na falta de horário disponível para os alunos participarem de mais ações culturais na biblioteca.

Nesse sentido, é importante considerar planejar ações culturais em horários que não coincidam com momentos de alta carga horária acadêmica, em períodos de provas ou outras atividades que os impeçam de participar ou sobrecarregue-os e, se possível, oferecer flexibilidade de participação, permitindo que os alunos participem de acordo com sua disponibilidade.

A dificuldade em motivar a equipe da biblioteca pode ser solucionada por meio da implementação de programas de reconhecimento e incentivo para a equipe envolvida nas ações culturais, destacando o impacto positivo de seu trabalho, por exemplo. Incentivar que tenham voz nas reuniões de planejamento e tenham liberdade e segurança para dar sugestões de novas ideias para ações culturais, de maneira a se sentirem parte da realização da ação. No entanto, é importante investir em treinamentos e capacitação contínua da equipe da biblioteca, orientando-os a desenvolverem habilidades necessárias para o planejamento e execução de ações culturais.

Além disso, a sobrecarga de funções pode ser minimizada distribuindo responsabilidades entre membros da equipe, buscando apoio de outros setores da instituição e envolvendo docentes e discentes no planejamento, quando possível. Ou seja, se torna essencial, nesse caso, priorizar e planejar com antecedência para garantir que as ações culturais sejam integradas às atividades regulares da biblioteca.

Embora não seja possível afirmar que essas sugestões são as soluções para todos os contextos, as dificuldades que envolvem a equipe e a rotina de trabalho podem ser contornadas e superadas ao identificar os problemas e tentar solucioná-los.

De maneira geral, as sugestões apresentadas, visam abordar as questões negativas identificadas e auxiliando na promoção de melhoria nas práticas de ações culturais em bibliotecas universitárias. Espera-se que estimule e possibilite construir outras soluções de acordo o contexto de cada biblioteca, garantindo uma experiência mais positiva e eficaz para os fins da ação cultural.

Portanto, as ações culturais nas bibliotecas universitárias não apenas promovem a leitura, mas também desempenham um papel importante na construção de uma comunidade acadêmica (e externa) mais crítica e culturalmente envolvida. Ao enfrentar os desafios identificados e buscar soluções inovadoras, as bibliotecas podem continuar aprimorando seu papel como agentes da informação, do conhecimento, da cultura e da leitura. Este processo contínuo de aprimoramento das ações culturais, o aumento das discussões sobre o tema, o maior

número de relatos publicados a cada ano, reflete o compromisso que as bibliotecas universitárias tem com promoção da leitura e da consciência crítica para seus usuários.

E acima de tudo, os profissionais bibliotecários, a equipe da biblioteca, os agentes culturais e todos os indivíduos envolvidos com o planejamento e execução da ação cultural, busque compreender a diferença entre a ação cultural e uma atividade cultural esporádica, como foi percebido na maioria dos relatos. Embora as atividades culturais sejam importantes e possuem benefícios para a comunidade acadêmica e externa, a ação cultural efetiva e contínua exerce um impacto positivo maior e duradouro nos indivíduos, ativando imaginação, ação e reflexão. Dessa forma, espera-se que a ação cultural atinja seu objetivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, com objetivo de investigar as ações culturais relacionadas à leitura como prática social nas bibliotecas universitárias brasileiras, por meio de uma RSL, revelou um panorama enriquecedor para estudos na área. Embora sejam resultados importantes para melhorar a compreensão sobre o tema e que aponte sugestões para melhor planejamento das ações culturais, as diversas perspectivas apresentadas nos artigos analisados ressaltam sua importância e efetividade para a formação de leitores e cidadãos críticos.

Ao longo das últimas décadas, foi possível testemunhar a evolução nas maneiras do leitor interagir com um livro ou com a informação, impactando diretamente o uso das bibliotecas universitárias. A popularização das tecnologias de informação e comunicação, o acesso a livros digitais, a pirataria, as mídias digitais e mais recentemente o acesso a mecanismos de inteligência artificial tem exigido um movimento contínuo em direção à adaptação do papel das bibliotecas universitárias. Nesse sentido, foi possível constatar, através dessa RSL, que há uma maior consciência sobre a importância do papel social que biblioteca universitária possui na função de promover a cultura, a leitura e o uso dos seus serviços e produtos para a comunidade acadêmica e, quando viável, para a comunidade externa. É uma adequação que transcende as tradicionais funções de ensino, pesquisa e extensão, a custódia de livros de bibliografia básica e complementar e de preparar a biblioteca para receber avaliações do Ministério da Educação (MEC) para se tornarem ambientes mais dinâmicos, interativos e de realização de atividades culturais.

Embora, essa percepção positiva sobre as bibliotecas universitárias se limite aos dados obtidos nessa RSL, há uma expectativa de que as ações culturais continuem se tornando cada vez mais comuns com o passar dos anos. O potencial das ações culturais está cada vez mais evidente, o que pode ocasionar uma maior conscientização por parte dos bibliotecários e uma popularização de ações em bibliotecas universitárias de instituições públicas e privadas. No entanto, essas afirmações são limitadas a um contexto que se relaciona com uma expectativa de crescimento, a partir do que foi identificado nas publicações dos relatos de casos (Gráfico 1).

Em relação aos benefícios, a RSL apontou resultados importantes, indicando que os benefícios, em sua maioria já discutidos por pensadores brasileiros relevantes, como José Teixeira Coelho Netto e Paulo Freire, representam um contexto específico das bibliotecas universitárias. Além disso, a metodologia utilizada, restringiu as publicações e identificou ações com objetivos de incentivar a leitura, fomentar a cultura e outros. Assim, foi possível condensar e indicar os pontos positivos e negativos envolvidos no planejamento e na execução das ações.

Os pontos positivos identificados constataram que as ações culturais são importantes, pois promovem o hábito e o gosto pela leitura, estimulam a reflexão crítica, ressaltam a importância da biblioteca como um local de capacitação para uso da informação e de formação de mediadores da leitura, contadores de histórias e afins, além de contribuir com o enriquecimento artístico e cultural da comunidade acadêmica e, em alguns casos, da comunidade externa. As ações culturais também foram reconhecidas por sua capacidade de dar visibilidade à biblioteca, promover o uso do acervo, possibilitar interação social e conscientizar sobre diversos temas.

Dentre as ações realizadas nos relatos, os clubes de leitura se destacaram com importantes impactos nos participantes, resgatando hábitos de leitura e oferecendo um espaço para a discussão crítica sobre as obras literárias, além de ser um ambiente que permite troca de experiências de leituras e de conhecimentos. As ações de contações de histórias, rodas de leitura ou debates, se mostraram uma rica troca de intertextualidades, permitindo a construção de conhecimentos e proporcionando momentos de atenção e reflexão.

Assim sendo, constatou-se que a diversidade de ações identificadas se apresenta como um importante meio para ampliar a representatividade nas bibliotecas, tornando o acesso à cultura democrático. Além disso, definir temas diversos para as ações culturais, produzindo debates e instigando a curiosidade dos participantes, de maneira geral, contribui para criar momentos de reflexão que, em consequência, podem promover uma conscientização sobre os temas abordados.

Além disso, a tecnologia se mostrou como uma aliada importante na promoção da leitura. O uso de QR Codes, palestras virtuais e ferramentas de comunicação demonstrou que as bibliotecas podem se adaptar e continuar desempenhando um papel importante na rotina acadêmica dos discentes, incentivando a leitura, capacitando usuários e promovendo a biblioteca por meio dessas tecnologias. São atividades inclusivas que podem se aproximar de usuários que não têm familiaridade com o uso da biblioteca e de seu acervo ou que não possuam gostos e hábitos de leitura. Embora careçam de mais relatos nesse contexto, explorar essas tecnologias pode potencializar o impacto positivo das ações culturais nos discentes.

Entretanto, apesar de sua relevância para a sociedade, as ações culturais realizadas pelas bibliotecas universitárias brasileiras, em sua maioria, relatam apenas o sucesso das atividades, deixando ausente os pontos negativos e desafios no planejamento e execução. Porém, alguns trabalhos relataram as dificuldades e desafios que enfrentaram durante o planejamento e a execução das ações culturais.

Dentre os pontos negativos, os resultados identificaram que motivar e manter o engajamento da equipe da biblioteca com o planejamento e execução das ações, obter participação voluntária de palestrantes, artistas e afins, a ausência de um orçamento financeiro, coletar a opinião dos participantes sobre as ações realizadas e adaptar algumas atividades para o ambiente virtual. Além disso, um ponto negativo que deve ser considerado durante o planejamento das ações culturais é a alta carga horária dos estudantes, decorrente das aulas e outras atividades acadêmicas, que restringe a participação em algumas ações.

Entretanto, esses pontos negativos restringem ao que foi obtido nos relatos selecionados nessa pesquisa. De qualquer maneira, o contexto de cada biblioteca deve ser considerado e os desafios são específicos de cada instituição, não sendo possível afirmar que são pontos negativos gerais.

Considerando o exposto, o importante é que o planejamento das ações culturais seja feito de maneira que os pontos negativos possam ser contornados e/ou minimizados. Conforme afirmado na síntese, é essencial conhecer os usuários e planejar de acordo com a disponibilidade de tempo dos discentes, buscar parcerias com outros setores na instituição, orientar a equipe para manter uma harmonia e estimular a criatividade de todos os envolvidos no planejamento e execução.

Portanto, as implicações práticas obtidas resumem-se em: a) ações culturais em bibliotecas universitárias promove a leitura e a cultura; b) possibilita momentos de reflexão; c) ações culturais como as palestras, apresentações musicais, clubes de leitura, rodas de leitura, oficinas, exposições artísticas e outras, cria oportunidades de diálogo e discussão sobre literatura e cultura; d) ações culturais podem democratizar o acesso à cultura, incentivar a criatividade e proporcionar um espaço dinâmico e educacional na biblioteca universitária; e) participar de discussões e diálogos durante ações culturais permite confrontar suposições, analisar diferentes pontos de vista e promover a consciência crítica; f) incentivar os indivíduos a questionarem e dialogarem pode aprimorar as habilidades analíticas e de resolução de problemas, bem como promover a autorreflexão.

Assim sendo, essas implicações sugerem que ações culturais em bibliotecas universitárias podem contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico e em um envolvimento maior com a leitura e com a cultura.

É importante salientar que o caminho para a formação de leitores críticos é multifacetado e não depende somente das bibliotecas universitárias. Mas ela, como uma instituição de apoio ao ensino, pesquisa e extensão, pode exercer papel fundamental, por meio das ações culturais, para estimular além da leitura obrigatória para formação acadêmica,

contribuindo para afirmar que a leitura não é somente uma prática solitária e utilitária, que as obras culturais possibilitam momentos de reflexão e de aquisição de saberes, que a consciência crítica possibilita uma melhor compreensão sobre diversas questões sociais, filosóficas ou políticas. E que, acima de tudo, as ações culturais não são só atividades com fins de entreter ou animar uma determinada comunidade, mas uma ponte que conecta cultura, conhecimentos, ação e reflexão.

Em síntese, os estudos apresentados demonstraram que as ações culturais nas bibliotecas universitárias brasileiras desempenharam um papel importante na promoção da leitura como prática social. Essas iniciativas não apenas forneceram suporte cultural, mas também se mostraram catalisadoras na formação de leitores, na abertura para discussões e diálogos, promovendo a diversidade e estimulando uma compreensão crítica do mundo que transcende as páginas dos livros.

Quanto aos desafios encontrados durante a realização dessa pesquisa, destaca-se a complexidade de extrair os dados dos artigos selecionados para a RSL. Os estudos, apesar de serem relatos de caso ou de experiências, apresentaram metodologias implícitas, em alguns casos. Dessa maneira, alguns trabalhos correram risco de possuir vieses, por não manter uma metodologia de avaliação rigorosa e transparente dos resultados das ações culturais. Além disso, a situação de alguns trabalhos que apresentavam dados a partir de observações empíricas reforça que vieses podem ocorrer implicitamente.

Nesse sentido, é válido ressaltar que, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão e de todo percurso metodológico, os resultados obtidos desses estudos foram extraídos de maneira objetiva a fim de manter uma linha lógica e minimizar possíveis vieses, mantendo coerência com os objetivos.

Como sugestões para pesquisas futuras, há diversos caminhos que possam contribuir com o conhecimento acerca de outras variáveis e possibilitem maior compreensão do tema. Assim, sugere-se investigar a eficácia de diferentes tipos de ações culturais para incentivo à leitura e nos impactos para formação de pensamento crítico; investigar o impacto das ações culturais em discentes de graduação e de pós-graduação, considerando suas necessidades e preferências específicas e/ou comparando-as; e examinar os efeitos a longo prazo das ações culturais sobre os hábitos de leitura, se elas se sustentam após o egresso do discente.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BARRETO, Damaris de Queiroz. A leitura literária na universidade: condições e concepções no cotidiano acadêmico. *In*: DUMONT, Lígia Maria Moreira; MENDONÇA, Ismael Lopes (Org.). **Leitor, leitura e seus contextos**: livro de estudos. Florianópolis: Rocha/Nyota, 2021. Disponível em:

https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_b352c953f4a84aff8e3eac2de2ebc018.pdf.

Acesso em: 30 out. 2023.

BLOCK, Cathy Collins; MANGIERI, John N. Recreational reading: 20 years later. **The Reading Teacher**, v.55, n. 6, mar. 2002, p. 572-589. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/20205099>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BOSMAN, Renee; GLOVER, John; PRINCE, Monique. Growing adult readers: promoting leisure reading in academic libraries. **Urban Library Journal**, n. 15, v. 1, 2008. Disponível em: <https://academicworks.cuny.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1043&context=ulj>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos**: a leitura além do óbvio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

CABRAL, Ana Maria Rezende. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. *In*: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira.

Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFGM, 1999. p. 39-45. Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/106.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CAMPBELL COLLABORATION. **About us**. [2022]. Disponível em:

<https://www.campbellcollaboration.org/about-campbell/history.html>. Acesso em: 21 out. 2022.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Prefácio. *In*: DUMONT, Lígia Maria Moreira; MENDONÇA, Ismael Lopes (Org.). **Leitor, leitura e seus contextos**: livro de estudos. Florianópolis: Rocha/Nyota, 2021. Disponível em:

https://www.nyota.com.br/files/ugd/c3c80a_b352c953f4a84aff8e3eac2de2ebc018.pdf.

Acesso em: 30 out. 2023.

CHALMERS, Iain. Trying to do more good than harm in policy and practice: the role of rigorous, transparent, up-to-date evaluations. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 589, n. 1, 2003, p. 22-40. DOI

<https://doi.org/10.1177/0002716203254762>. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0002716203254762>. Acesso em: 22 out. 2022.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1999.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. Introdução. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**: 1. São Paulo: Ática, 1998. p. 5-40.

CHARTIER, Roger; SANTOS, Andréa Pereira dos; DUMONT, Lígia Maria Moreira. **Livro, mundo digital e leituras**: práticas e apropriações. Goiânia: UFG, 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y Emancipación**, v.1, n.1, p. 53-76, jun. 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4657030/mod_resource/content/1/Chauí%20Cultura%20e%20Democracia.pdf. Acesso em: 19 jul. 2023.

COCHRANE. **About us**. [2022]. Disponível em: <https://www.cochrane.org/about-us>. Acesso em: 21 out. 2022.

COCHRANE LIBRARY. **About Cochrane reviews**. [2000]. Disponível em: <https://www.cochranelibrary.com/about/about-cochrane-reviews>. Acesso em: 15 jun. 2022.

COELHO NETTO, José Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COELHO NETTO, José Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2017. *E-book*.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo; Contexto, 2014.

COSTA, Elis Regina da; ASSIS, Maria Paulina de; TEIXEIRA, Isabela Victória. Estratégias de autorregulação da aprendizagem e formação de professores: revisão sistemática do período 2014-2019. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 33, 2022, p. 14-33. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0070>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/jpmfkDMrH3shnFhYY8LR9Lz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 out. 2022.

CRONIN, Patricia; RYAN, Frances; COUGHLAN, Michael. Undertaking a literature review: a step-by-step approach. **British Journal of Nursing**, v. 17, n. 1, jan. 2008, p. 38-43. DOI <https://doi.org/10.12968/bjon.2008.17.1.28059>. Disponível em: https://www.magonlinelibrary.com/doi/abs/10.12968/bjon.2008.17.1.28059?rfr_dat=cr_pub++0pubmed&url_ver=Z39.88-2003&rfr_id=ori%3Arid%3Acrossref.org. Acesso em: 16 jan. 2023.

CULLINAN, Bernice E.; Independent reading and school achievement. **School Library Media Research**, v. 3, nov. 2000. Disponível em: https://www.ala.org/aasl/sites/ala.org.aasl/files/content/aaslpubsandjournals/slr/vol3/SLMR_IndependentReading_V3.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca universitária da encruzilhada. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 11, n. 6, p. 1-21, dez. 2010. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5411194/mod_resource/content/1/CUNHA%2C%20Murilo%20Bastos.%20A%20biblioteca%20universit%C3%A1ria%20na%20encruzilhada.%20DataGramaZero%20revista%20de%20Ci%C3%94ncia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20Rio%20de%20Janeiro%20v.%2011%20n.%206%20dez.%202010..pdf. Acesso em: 14 ju. 2023.

CUNHA, Newton. **Cultura e ação cultural: uma contribuição às suas histórias e conceitos**. São Paulo: Sesc, 2015. *E-book*.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica nossa capacidade de ler**. Porto Alegre: Penso, 2012.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura, via de acesso ao conhecimento: algumas reflexões. In: SANTOS, Jussara P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p.65-76.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 3, n.6, dez. 2002. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5446>. Acesso em 3 nov. 2023.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; PINHEIRO, Edna Gomes. Incursões teórico-metodológicas da etnometodologia da Ciência da Informação: aplicações em pesquisas sobre leitura. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 25, n. 3, p. 49,61, set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/22773>. Acesso em: 30 out. 2023.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

EPPI CENTRE. About. **Eppi Centre: Evidence for Policy & Practice**, 2019. Disponível em: <https://eppi.ioe.ac.uk/cms/Default.aspx?tabid=63>. Acesso em 2 fev. 2023.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteca da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36443/28514>. Acesso em: 30 out. 2023.

FRANKLY, Victor E. **A vontade do sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GALLIK, Jude D. Do they read for pleasure? recreational reading habits of college students. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 42, n. 6, mar. 1999, p. 480-488. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40014062>. Acesso em: 15 ago. 2023.

GALVÃO, Maria Cristine Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2020. DOI <https://doi.org/10.21728/logeion.2019v6n1>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835/4187>. Acesso em: 04 out. 2022.

GAUDER, Heidi; GIGLIERANO, Joan; SCHRAMM, Christine. Porch reads: encouraging recreational reading among college students. **College e Undergraduate Libraries**, v. 14, n. 2, p. 1-24, 2007. DOI https://doi.org/10.1300/J106v14n02_01. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J106v14n02_01. Acesso em: 15 ago. 2023.

GOUGH, David; OLIVER, Sandy; THOMAS, James. Introducing systematic reviews. In: GOUGH, D; OLIVER, S; THOMAS, J. **An introduction to systematic reviews**. Los Angeles: Sage Publications, 2012.

GOUGH, David; THOMAS, James. Systematic reviews of research in education: aims, myths and multiple methods. **Review of Educationa**, Londres, v. 4, n. 1, fev. 2016, p. 84-102. DOI <https://doi.org/10.1002/rev3.3068>. Disponível em: <https://bera-journals.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/rev3.3068>. Acesso em 20 out. 2022.

GOULEMONT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

GRANT, Maria J.; BOOTH, Andrew. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information and Libraries Journal*, v. 26, n. 2, jun. 2009, p. 91-108. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>. Acesso em: 16 jan. 2023.

HIGGINS, Julian P. T. *et al.* **Cochrane handbook for systematic reviews of interventions**. 2. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2019.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: 34, 1999. v. 2.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA (Org.). **Pequeno dicionário Houaiss de língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002.

KINTSCH, Walter. Text comprehension, memory and learning. **American Psychologist**, v. 49, n. 4, 1994, p. 294-303. DOI <https://doi.org/10.1037/0003-066X.49.4.294>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1994-32309-001>. Acesso em 20 out. 2022.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

KRASHEN, Stephen D. **The power of the reading**. 2. ed. Westport: Libraries Unlimited, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011. *E-book*.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 22. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na idade média**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympie, 2006.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2017. *E-book*.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINEZ, Efrén. La logoterapia de Viktor Frankl como psicoterapia contemporánea. **Revista Peruana de Logoterapia Clínica y Enfoques Afines**, Lima, n. 01, p. 1-17, out. 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MEDRADO, Suzaneide Oliveira; LANOSA, Hernán Eduardo. A relação entre leitura e a capacidade no ética de autodistanciamento. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, São Paulo, v. 39, n. 83, p. 159-165, 2021. DOI <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2021v39n83p159-165>. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/827/643>. Acesso em: 14 jul. 2023.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**. 4. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MORIN, Edgar. Da culturálise a política cultural. **Margem**, São Paulo, n. 16, p. 183-221, dez. 2022. Disponível em: <https://www.pucsp.br/margem/pdf/m16em.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013.

OAKLEY, Ann. Research evidence, knowledge management and educational practice: early lessons from a systematic approach. **London Review of Education**, v. 1, n. 1, mar. 2003, p. 21-33. DOI 10.1080/1474846032000049107. Disponível em: <https://uclpress.scienceopen.com/hosted-document?doi=10.1080/1474846032000049107>. Acesso em 31 out. 2022.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Estudo de intervenção para compreensão em leitura na universidade. **Interação em Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 169-177, jul./dez. 2008. DOI <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v12i2.9575>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/9575>. Acesso em: 17 jul. 2023.

OLIVEIRA, Silas M. The Academic library's role in student retention: a review of the literature. **Library Review**, v. 66, n. 4/5, p. 310-329, jul. 2017. DOI <https://doi.org/10.1108/LR-12-2016-0102>. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/LR-12-2016-0102/full/html>. Acesso em: 23 ago. 2023.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

PETTICREW, Mark; ROBERTS, Helen. **Systematic reviews in the social sciences: a practical guide**. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

POSITIVO SOLUÇÕES DIDÁTICAS. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. [Desenvolvido por Snowman Labs], 2010. 1 aplicativo de smartphone.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros; VELOSO, Verônica. Ação cultural e ação artística: territórios movediços. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 10, n. 2, p. 1-21, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266096342>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/NVTHs4qp3wbQ5hRFg4dzFMm/?lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2023.

RAMOS, Altina; FARIA, Paulo. M.; FARIA, Ádila. Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 42, jan-abr, 2014, p. 17-36. DOI 10.7213/diálogo.educ.14.041.DS01. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189130424002.pdf>. Acesso: 03 out. 2022.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. Percepções sobre a mediação cultural em bibliotecas na literatura nacional e estrangeira. **Transinformação**, v. 29, n. 2, p. 1510161, maio/ago. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/2318-08892017000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/sT7BgvR9P7QbGhF4wK77Pyf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2023.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 19, n. 39, p. 43–58, 2014. DOI: 10.5007/1518-2924.2014v19n39p43. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n39p43>. Acesso em: 3 nov. 2023.

ROUSSEAU, Denise M. Envisioning evidence-based management. IN: ROUSSEAU, Denise M. (Org.). **The Oxford handbook of evidence-based management**. Nova Iorque: Oxford University, 2012. p. 3-24.

SANCHES, Gisele Aparecida Ribeiro; RIO, Sinomar Ferreira do. Mediação da informação no fazer bibliotecário e o seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42323/45994>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SANTA ANNA, Jorge; COSTA, Maria Elizabeth de Oliveira. A redefinição da biblioteca universitária à luz dos paradigmas da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 4, n. 3, p. 40-57, set./dez. 2017. DOI

<https://doi.org/10.28998/cirev.2017v4n3d>. Disponível em:
<https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/3746>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SANTOS, Andrea Pereira dos. **Juventude da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura**. Tese – (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, p. 1-194. 2014. Disponível em:
<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5358/5/Tese%20-%20Andréa%20Pereira%20dos%20Santos%20-%202014.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2017.

SCOULAS, Jung Mi; DE GROOTE, Sandra L. The library's impact on university students' academic success and learning, **Evidence Based Library and Information Practice**, v. 14, n.3, p. 2-27, 2019. DOI: 10.18438/eblip29547. Disponível em:
<https://journals.library.ualberta.ca/eblip/index.php/EBLIP/article/view/29547>. Acesso em: 30 oct. 2023.

SCHIEFELE, Ulrich *et al.* Dimensions of reading motivation and their relation to reading behavior and competence. **Reading Research Quarterly**, v. 47, n. 4, p. 427-463, out. /dez. 2012. DOI <https://doi.org/10.1002/RRQ.030>. Disponível em:
<https://ila.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/RRQ.030>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma pedagogia da leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1984.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Unidades de leitura: trilogia pedagógica**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da.; ZILBERMAN, Regina. Pedagogia da leitura: movimento e história. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, Gislene de Sousa Oliveira; PERES, Selma Martines. Prelúdios acerca da leitura e a formação do sujeito. **Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 3, n. 1, p. 43-60, jan./abr. 2019. DOI <https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v3i1.140>. Disponível em:
<https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/140>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

SOUZA, Luís Manuel Mota de *et al.* Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação**, v. 1, n. 1, 2018. DOI <https://doi.org/10.33194/rper.2018.v1.n1.07.4391>. Disponível em:
<https://rper.aper.pt/index.php/rper/article/view/20>. Acesso em: 15 jun. 2022.

STOCKER, Claudia Teresinha. **Os caminhos e descaminhos da leitura na aquisição do conhecimento**. Niterói: Intertexto, 2011.

VARELA, Aida; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu; FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Mediação em múltiplas abordagens. **Informação e Informação**, v. 19, n. 2, p. 138-170, maio/ago. 2014. DOI 10.5433/1981-8920.2014v19n2p138. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19998/pdf_23. Acesso em 15 mar. 2023.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. 20. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

VIGANÓ, Suzana Schmidt. A ação cultural e a defesa da vida pública. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 10, n. 2, p. 1-17, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266095496>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/rQcw4pzzrDdY3vgDNz7LvFrM/?lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2023.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

WITTER, Geraldina Porto. Leitura e Universidade. In: WITTER, Geraldina Porto. (Org.). **Psicologia, leitura e Universidade**. Campinas, SP: Alínea, 1997.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. São Paulo: Contexto, 2019.

WOOLFOLK, Anita. **Psicologia da educação**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

YONGPAN, Li. Difficulties and strategies of reading promotion in colleges and universities under the background of fragmentation. *In: International Conference on Humanities, Arts, Management and Higher Education*, 1, 2022, Londres. **Anais eletrônicos** [...] Londres: Francis Academic Press, 2022. Disponível em: https://webofproceedings.org/proceedings_series/article/artId/21353.html. DOI 10.25236/ichamhe.2022.033. Acesso em: 15 ago. 2023.